



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS (PPGEL)  
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

**DRIELI LAIZA MATOZO**

**CRENÇAS E ATITUDES LINGÜÍSTICAS DE ÍTALO-DESCENDENTES NO  
CONTATO PORTUGUÊS/*TALIAN*: CONTEXTO URBANO E RURAL DE  
CHAPECÓ – SC**

**CHAPECÓ  
2018**

**DRIELI LAIZA MATOZO**

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DE ÍTALO-DESCENDENTES  
NO CONTATO PORTUGUÊS/TALIAN: CONTEXTO URBANO E  
RURAL DE CHAPECÓ – SC**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug.

**CHAPECÓ  
2018**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**

Rua General Osório, 413D  
CEP: 89802-210  
Caixa Postal 181  
Bairro Jardim Itália  
Chapecó - SC  
Brasil

**PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas**

Matozo, Drieli Laiza  
CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DE ÍTALO-DESCENDENTES  
NO CONTATO PORTUGUÊS/TALIAN: CONTEXTO URBANO E RURAL DE  
CHAPECÓ ? SC/ Drieli Laiza Matozo. -- 2018.  
138 f.

Orientador: Marcelo Jacó Krug.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da  
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Mestrado em  
Estudos Linguísticos - PPGEL, Chapecó, SC, 2018.

1. Crenças e Atitudes Linguísticas. 2. Urbano e  
Rural. 3. Identidade. 4. Ítalo-descendentes. 5. Chapecó.  
I. Krug, Marcelo Jacó, orient. II. Universidade Federal  
da Fronteira Sul. III. Título.

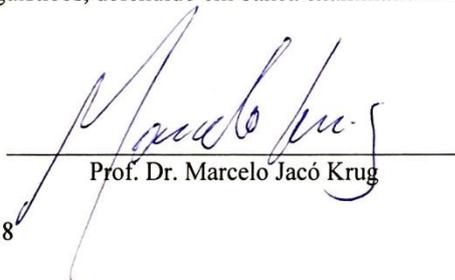
Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

DRIELI LAIZA MATOZO

CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS NO CONTATO PORTUGUÊS/TALIAN  
URBANO E RURAL DE CHAPECÓ – SC

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da  
Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de  
Mestre em Estudos Linguísticos, defendido em banca examinadora no dia 07/03/2018.

Orientador:



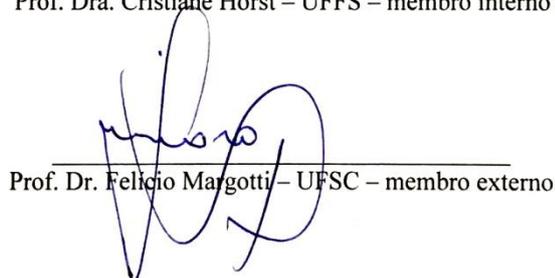
Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug

Aprovada em 07/03/2018

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Cristiane Horst – UFFS – membro interno



Prof. Dr. Felício Margotti – UFSC – membro externo



Prof. Dra. Claudia Camila Lara – UFFS – membro interno (suplente)

Chapecó, março de 2018

Dedico à minha mãe Laine, que do céu  
acompanha e ilumina todos os meus passos.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug, pelos ensinamentos, paciência e dedicação ao trabalho realizado.

À Profa. Dra. Cristiane Horst, pela solicitude e solidariedade perante minhas dificuldades.

Aos professores, colegas e funcionários do PPGEL da UFFS.

Aos colegas Leila, Juliete, Ivanete e Gabriel, pela amizade formada na graduação e levada ao mestrado e para a vida.

Aos membros da banca de qualificação e defesa da dissertação, pelas importantes contribuições.

À Capes, pelo auxílio concebido com a bolsa de estudos.

Ao grupo de estudo e pesquisa *ALCF – Atlas das Línguas em Contato na Fronteira*, pelos conhecimentos compartilhados.

Aos informantes, pois sem eles essa pesquisa não poderia ser concretizada.

À minha amada família, pela compreensão nos momentos de ausência e pelo apoio incondicional, e em especial ao *nono* e a *nona* que me apresentaram a riqueza do *Talian*.

Ao meu namorado Lucas, pela paciência, dedicação, companheirismo.

Aos meus tios Osmar e Iara, primos Indiana, Camila e Venícios, pela acolhida nesses dois anos.

Aos queridos amigos, em especial aos amigos Luís e Atelli, pelo incentivo e apoio na concretização desse sonho.

E a todos, que direta ou indiretamente, contribuíram para que esse trabalho fosse concretizado.

Toda língua são rastros de velhos mistérios.

Guimarães Rosa

## RESUMO

Língua e identidade possuem uma estreita relação, pois é a partir da língua que um povo expressa sua cultura, costumes e tradições. De acordo com essa afirmação, nossa pesquisa tem como objetivo analisar dados linguísticos que indicam crenças e atitudes linguísticas em relação ao *Pt.-RS* e ao *Talian* nas comunidades urbana e rural de Chapecó – SC. Para tanto, nosso aporte teórico metodológico está baseado na Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional (Thun, 2010). Para a presente pesquisa, foram selecionados 16 informantes, sendo oito da zona rural e oito da zona urbana de Chapecó. As dimensões consideradas para o estudo foram: *diatópica* (analisando as crenças e atitudes quanto ao uso que cada comunidade faz da língua), *diatrática* (determinada pela escolaridade do informante, sendo Classe alta (Ca) informantes que tenham Ensino Superior e Classe baixa (Cb) informantes que tenham pouca escolaridade até Ensino Médio); *diageracional* (Geração II (GII) informantes com 55 anos ou mais e Geração I (GI) informantes de 18 a 36 anos); *diassexual* (informantes Homens (H) e mulheres (M)). Alguns critérios foram utilizados para a seleção dos informantes como serem descendentes de italiano, comprovado isso a partir do sobrenome de pai ou de mãe e terem vivido toda sua vida na localidade de pesquisa ou, no mínimo,  $\frac{3}{4}$  dela e obrigatoriamente nos últimos cinco (5) anos. Para a coleta de dados, a dimensão utilizada foi a *diafásica*, com dois estilos: a *leitura* e o *questionário*. A entrevista compôs-se pelo questionário metalinguístico, adaptado à realidade dos informantes e a leitura que foi realizada com um texto escrito em três línguas: Português, Italiano Padrão e *Talian*. A partir destes dados, pôde-se analisar o quanto da identidade linguística dos falantes ainda é preservada.

Palavras-chave: Crenças e Atitudes Linguísticas. Urbano e Rural. Identidade. Ítalo-descendentes. Chapecó.

## ABSTRACT

Language and identity have close connection because it is by the language that people express their culture, customs, and traditions. According to this statement, our research aims to analyze linguistic data that indicate linguistic beliefs and attitudes toward Pt.-RS and talian in the urban and rural communities of Chapecó - SC. For that, our methodological theoretical contribution was based on Pluridimensional and Relational Dialectology. For the present research, 16 informants were selected, eight from the rural area and eight from the urban area of Chapecó. The dimensions considered for the study were: diatopic (analyzing the beliefs and attitudes regarding the use that each community makes of the language), diastratic (determined by the informant's education, being High class (Ca) informants with higher education, and Low class Cb) informants with low schooling up to high school); diagenational (Generation II (GII) informants with 55 years of age or older and Generation I (GI) informants from 18 to 36 years old); diasexual (Man (H) and Woman (M)). Some criteria were used for the selection of informants: descendants of Italians, verified from the surname of father or mother and living in the research locality or at least  $\frac{3}{4}$  of it and obligatorily in the last five (5) years. For the data collection, the dimension used was diaphasic, with two styles, reading and the questionnaire. The interview was composed by the metalinguistic questionnaire, adapted to the informants' reality and the reading made with a text written in three languages: Portuguese, Italian Standard and Talian. From this data, it was possible to analyze how much of the linguistic identity of the speakers is still preserved.

Key words: Beliefs and Linguistic Attitudes. Urban and Rural. Identity. Italo-descendants. Chapecó.

## RIASSUNTO

Lingua e identità hanno una relazione stretta, perché è dalla lingua che le persone esprimono la loro cultura, costumi e tradizioni. Secondo questa affermazione, lo scopo della nostra ricerca è analizzare i dati linguistici che indicano le credenze e atteggiamenti linguistici in relazione al *Pt.-RS* e al *Talian* nelle comunità urbana e rurale di Chapecó-SC. Per entrambi il nostro contributo teorico e metodologico ha base nella dialettologia multidimensionale e relazionale di Thun, 2010. Sono stati selezionati 16 informatori per la ricerca, otto dalla zona rurale e otto dalla zona urbana di Chapecó. Le dimensioni considerate per lo studio sono state: *Diatopica* (con analisi delle credenze e atteggiamenti nell'uso che ogni comunità fa della lingua), *diastratica* (determinata secondo l'istruzione degli informatori, o sia, Classe alta (Ca) informatori con l'istruzione superiore e Classe bassa (Cb) informatori con scuola secondaria di secondo grado); *diagenerazionale* (generazione II (GII) informatori con 55 anni e oltre e generazione I (GI) informatori da 18 a 36 anni); *Diassessuale* (uomo (H) e donna (M)). Gli informatori aver ascendenza italiana è stato uno dei criteri utilizzati per la loro selezione, provato dal cognome paterno o materno e aver vissuto tutta la loro vita nel posto di ricerca o, almeno  $\frac{3}{4}$  della vita e obbligatoriamente negli ultimi cinque (5) anni. Per la raccolta di dati, la dimensione usata è stata la *diafasica* con due stili: la *lettura* ed il *questionario*. L'intervista è stata composta dal questionario metalinguistico, adattato alla realtà degli informatori e la lettura di un testo scritto in tre lingue: Portoghese, Italiano Standard e *Talian*. Da questi dati, è stato possibile analizzare quanto l'identità linguistica di queste persone è ancora preservata.

Parole-Chiave: Credenze e atteggiamenti linguistici. Urbano e rurale. Identità. Italo-discendenti. Chapecó.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADDU – Atlas lingüístico diatópico y diastrático del Uruguay

ALCF – Atlas das Línguas em Contato na Fronteira

ALERS – Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul

ALiB – Atlas Linguístico do Brasil

ALMA – Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata.

Ca – Classe Alta

Cb – Classe Baixa

GI – Geração 1

GII – Geração 2

H – Homem

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INDL – Inventário Nacional de Diversidade Linguística

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

L2 – Segunda Língua

M – Mulher

NORMs – nonmobile, older, rural males

PR – Paraná

*Pt.*-RS – Português Rio-Grandense

RCI – Região de Colonização Italiana

ROM – Rural Old Man

R – Rural

RS – Rio Grande do Sul

SC – Santa Catarina

U – Urbano

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> <i>Continuum</i> de urbanização. ....	45
<b>Figura 2:</b> Espaço variacional e disciplinas da variação.....	49
<b>Figura 3:</b> Esquema de cruz.....	51

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Variedades de línguas minoritárias no Oeste Catarinense registradas a partir da análise dos históricos presentes nos sites das 76 prefeituras municipais e no IBGE. ....	27
<b>Gráfico 2:</b> Questão 39: “Quanto ao italiano, qual é o grau de bilinguismo dos entrevistados? (MARGOTTI, 2004)” .....	102
<b>Gráfico 3:</b> Questão 22: De modo geral, de todos os tipos de pessoas aqui, quem preserva mais a sua língua e costumes de origem?.....	116

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Distribuição dos informantes ítalo-brasileiros nos pontos urbano e rural da cidade de Chapecó-SC, de acordo com as dimensões diatópica, diageracional, diassexual e diastrática.....	53
<b>Quadro 2:</b> Distribuição dos informantes ítalo-brasileiros no ponto urbano e rural da cidade de Chapecó/SC, de acordo com as dimensões diatópica, diageracional, diassexual e diastrática	54
<b>Quadro 3:</b> Questão 01: Que língua costuma falar em família? .....	62
<b>Quadro 4:</b> Questão 39: Quanto ao italiano, qual é o grau de bilinguismo dos entrevistados? (Margotti, 2004) .....	63
<b>Quadro 5:</b> Questão 04: Em que língua gosta de conversar mais? .....	65
<b>Quadro 6:</b> Questão 05: De modo geral, em que língua costuma falar mais? .....	65
<b>Quadro 7:</b> Questão 30: Que língua você fala nas seguintes ocasiões no seu município? .....	66
<b>Quadro 8:</b> Questão 35: Todas as pessoas daqui falam italiano? Quem? (MARGOTTI, 2004) .....	67
<b>Quadro 9:</b> Questão 06 “Quando vem visita, que língua prefere usar?”; Questão 31 “Quando você encontra um estranho na rua de sua cidade em que língua você fala com ele?”. .....	68
<b>Quadro 10:</b> Questão 09 “Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa, língua italiana, mas insistia em só falar português?” .....	69
<b>Quadro 11:</b> Questão 27: “Existem situações em que você tem vergonha de falar Italiano?” .	71
<b>Quadro 12:</b> Questão 33: “Quando fala português, você mistura com a língua italiana?” .....	72
<b>Quadro 13:</b> Questão 34: “Quando fala em italiano, você mistura o português?” .....	73
<b>Quadro 14:</b> Questão 10: “Que língua você aprendeu primeiro? Italiano ou português?” .....	73
<b>Quadro 15:</b> Questão 38: Os pais de você(s) fizeram questão de passar o italiano para os filhos? (Margotti, 2004).....	74
<b>Quadro 16:</b> Questão 37: Você(s) faz(em) questão de passar o italiano para os seus filhos? (Margotti, 2004) .....	75
<b>Quadro 17:</b> Questão 25: “Acha importante que os filhos aprendam a língua italiana dos pais?” .....	76
<b>Quadro 18:</b> Questão 28: “Acha que deveria ter ensino do italiano?” .....	78
<b>Quadro 19:</b> Questão 36: “E qual o italiano você acha que deveria ser ensinado?” (Margotti, 2004).....	78
<b>Quadro 20:</b> Questão 13: “Como se sente mais? Italiano? Brasileiro?” .....	80

<b>Quadro 21:</b> Questão 01: Que língua costuma falar em família? .....	83
<b>Quadro 22:</b> Questão 39: Quanto ao italiano, qual é o grau de bilinguismo dos entrevistados? (MARGOTTI, 2004) .....	84
<b>Quadro 23:</b> Questão 04: Em que língua gosta de conversar mais? .....	85
<b>Quadro 24:</b> Questão 05: De modo geral, em que língua costuma falar mais? .....	85
<b>Quadro 25:</b> Questão 30: Que língua você fala nas seguintes ocasiões no seu município:.....	86
<b>Quadro 26:</b> Questão 35: Todas as pessoas daqui falam italiano? Quem?.....	87
<b>Quadro 27:</b> Questão 06 “Quando vem visita, que língua prefere usar?”; Questão 31 “Quando você encontra um estranho na rua de sua cidade em que língua você fala com ele?”. .....	88
<b>Quadro 28:</b> Questão 09 “Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa, língua italiana, mas insistia em só falar português?” .....	88
<b>Quadro 29:</b> Questão 27: “Existem situações em que você tem vergonha de falar Italiano?” .....	90
<b>Quadro 30:</b> Questão 33: “Quando fala português, você mistura com a língua italiana?” .....	90
<b>Quadro 31:</b> Questão 34: “Quando fala em italiano, você mistura o português?” .....	91
<b>Quadro 32:</b> Questão 10: “Que língua você aprendeu primeiro? Italiano ou português?” .....	91
<b>Quadro 33:</b> Questão 38: Os pais de você(s) fizeram questão de passar o italiano para os filhos? (Margotti, 2004).....	92
<b>Quadro 34:</b> Questão 37: Você(s) faz(em) questão de passar o italiano para os seus filhos? ..	93
<b>Quadro 35:</b> Questão 25: “Acha importante que os filhos aprendam a língua italiana dos pais?” .....	93
<b>Quadro 36:</b> Questão 28: "Acha que deveria ter ensino do italiano?" .....	95
<b>Quadro 37:</b> Questão 36: “E qual o italiano você acha que deveria ser ensinado?” (Margotti, 2004).....	95
<b>Quadro 38:</b> Questão 13: “Como se sente mais? Italiano? Brasileiro?”.....	97
<b>Quadro 39:</b> Relacionalidade entre as questões “Quando vem visita, que língua prefere usar?” e “Quando você encontra um estranho na rua de sua cidade em que língua você fala com ele?” .....	107
<b>Quadro 40:</b> Relacionalidade entre as questões “Quando fala português, você mistura com a língua italiana?” e “Quando fala em italiano, você mistura o português?” .....	110
<b>Quadro 41:</b> Relacionalidade entre as questões “Os pais de você(s) fizeram questão de passar o italiano para os filhos?” e “Você(s) faz(em) questão de passar o italiano para os seus filhos?” .....	112

## LISTA DE MAPAS

<b>Mapa 1:</b> Mapa indicativo das regiões de províncias italianas de onde provieram os maiores contingentes de imigrantes italianos que povoaram o nordeste do Rio Grande do Sul. ....	20
<b>Mapa 2:</b> Mapa com as primeiras Colônias italianas formadas na RCI no Rio Grande do Sul	23
<b>Mapa 3:</b> Mapa da região do Contestado e da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande .....	25
<b>Mapa 4:</b> Município de Chapecó ou “Velho Chapecó” .....	26
<b>Mapa 5:</b> Localização da cidade de Chapecó.....	28
<b>Mapa 6:</b> Mapa da Localização das Comunidades de Chapecó.....	56

## LISTA DE CARTOGRAMAS

<b>Cartograma 1:</b> Modelo de Cartograma.....	60
<b>Cartograma 2:</b> Leitura .....	99
<b>Cartograma 3:</b> Questão 01: Que língua costuma falar em família? .....	101
<b>Cartograma 4:</b> Questão 04: Em que língua gosta de conversar mais? .....	104
<b>Cartograma 5:</b> Questão 05: De modo geral, em que língua costuma falar mais? .....	105
<b>Cartograma 6:</b> Questão 09: Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa, língua italiana, mas insistia em só falar português? .....	108
<b>Cartograma 7:</b> Questão 27: Existem situações em que você tem vergonha de falar italiano? .....	109
<b>Cartograma 8:</b> Questão 10: Que língua você aprendeu primeiro? Italiano ou português? ..	111
<b>Cartograma 9:</b> Questão 25: Acha importante que os filhos aprendam a língua italiana dos pais? .....	113
<b>Cartograma 10:</b> Questão 36: E qual o italiano você acha que deveria ser ensinado? (MARGOTTI, 2004) .....	114
<b>Cartograma 11:</b> Questão 13: Como se sente mais? Italiano? Brasileiro? .....	115

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO .....</b>	<b>19</b>
1.1 OS ITALIANOS NO BRASIL.....	19
1.2 A COLONIZAÇÃO DO OESTE CATARINENSE .....	24
1.3 A CIDADE DE CHAPECÓ/SC .....	28
1.4 A ERA VARGAS E A PROIBIÇÃO DA LÍNGUA.....	29
<b>2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....</b>	<b>33</b>
2.1 IDENTIDADE LINGUÍSTICA .....	33
2.2 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS .....	36
2.2.1 Crenças Linguísticas.....	36
2.2.2 Atitudes Linguísticas .....	38
2.3 LÍNGUAS EM CONTATO .....	41
2.4 BILINGUISTO.....	42
2.5 O URBANO E O RURAL .....	43
2.6 OS PRINCÍPIOS DA DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL .....	46
2.6.1 Caminhos até uma ciência ampla da variação linguística .....	46
2.6.2 Dimensões observadas na Dialetoлогия Pluridimensional.....	49
<b>3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	<b>52</b>
3.1 PERFIL E SELEÇÃO DE INFORMANTES.....	52
3.2 DIMENSÕES DE ANÁLISE.....	53
3.2.1 Rede de Pontos .....	54
3.3 METODOLOGIA DA COLETA DE DADOS .....	57
3.3.1 Leitura.....	58
3.3.2 Questionário metalinguístico.....	58
3.4 METODOLOGIA DA ANÁLISE DE DADOS.....	59
<b>4 ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>61</b>
4.1 CHAPECÓ RURAL.....	62
4.2 CHAPECÓ URBANO.....	82
4.3 LEITURA .....	98
4.4 RURAL Vs. URBANO.....	100
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>117</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>120</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>126</b>

## INTRODUÇÃO

Há no Brasil um número expressivo de variedades linguísticas, culturas e identidades que, em seu dia a dia, entram em contato formando novas variedades, novas culturas e novas identidades. No Sul do Brasil, a diversidade linguística se apresenta de maneira singular, possivelmente resultado de fatores como: fazer fronteira com países de língua hispânica, colonização luso-europeia e a grande presença de imigrantes europeus que se instalaram na região a partir do século XIX, em sua maioria italianos e alemães (MARGOTTI, 2004). Em outras palavras, temos no sul do Brasil, além do português como língua oficial e majoritária, línguas minoritárias<sup>1</sup> como línguas indígenas (autóctones), línguas de imigração (alóctones), línguas de fronteira, língua de sinais e línguas crioulas (ALTENHOFEN, 2013) que, no seu dia a dia, entram em contato umas com as outras, propiciando a troca seja de variedades linguísticas, seja de identidades, crenças e atitudes.

A existência de diversas línguas em um mesmo território resulta em atitudes favoráveis e/ou desfavoráveis em relação a elas, fato perceptível em todas as regiões de nosso país e, principalmente, como foco de nosso estudo, o contato entre o Português (doravante *Pt.-RS*)<sup>2</sup> e o *Talian*<sup>3</sup> na cidade de Chapecó – SC, tanto na região urbana quanto na região rural.

O contato entre línguas apresentado neste trabalho é o que ocorre entre ítalo-brasileiros, ou seja, entre o *Pt.-RS* e o *Talian*, e manifesta sua importância pelo representativo número de imigrantes italianos que chegaram ao Brasil, sendo que, segundo Ianni (1979 *apud* MARGOTTI, 2004), entre os séculos XIX e XX, o número de imigrantes europeus chegou a aproximadamente cinco milhões e, desses, cerca de um milhão e meio eram italianos. Na época que ocorreu a imigração de europeus para a América, ocorriam, na Europa, muitas transformações políticas, econômicas e sociais decorrentes do crescimento do capitalismo. No Brasil, também ocorriam transformações: a economia estava mudando com o processo de urbanização e início da industrialização, a abolição da escravatura, consolidação dos limites

---

<sup>1</sup>Para Ferraz (2007, p. 45), “línguas minoritárias, são aquelas faladas por grupos de pessoas num país que tem por oficial uma língua diferente, isto é, são línguas naturais, não criadas artificialmente, tradicionalmente usadas por parcelas da população de um país, e que não se confundem com dialetos da língua oficial”.

<sup>2</sup>Ao referirmos à língua portuguesa, levando em conta as variações do português, utilizaremos Português Rio-Grandense ou *Pt.-RS* que, de acordo com Altenhofen (2008, p. 143), é a variedade que “projeta-se através das migrações mais recentes, a partir das primeiras décadas do séc. XX, de gaúchos que vão ocupar as áreas despovoadas do oeste catarinense e sudoeste do Paraná”.

<sup>3</sup>De acordo com Margotti (2004, p. 38), “o contato de diferentes dialetos italianos no Sul do Brasil deu origem a um modo de falar característico e bastante peculiar, conhecido como *talian*, ou coiné vêneta (italiano brasileiro). Os vênets, que vieram em maior quantidade – os números giram em torno de 60% –, irradiaram com maior intensidade seu dialeto e seus costumes”.

territoriais no Sul do Brasil. Esse foi o cenário no qual iniciou o processo de inserção dos imigrantes europeus em nosso país.

Chapecó teve como primeiros moradores os índios, em sua maioria Kaingang e em menor proporção guaranis, porém sua colonização ocorreu após muitas disputas travadas por seu território. Em 1917, com o território consolidado, o Governo do Estado de Santa Catarina cria Chapecó e outros três novos municípios, sendo que Chapecó abrangia toda Região Oeste do Estado. Com o território delimitado, a colonização se deu por meio de Companhias Colonizadoras, que ofereciam terras aos imigrantes europeus, italianos em sua maioria, instalados no Rio Grande do Sul<sup>4</sup>. Dessa maneira, Chapecó foi fundada a partir do deslocamento interno de imigrantes italianos e seus descendentes.

Atualmente, a cidade é o polo econômico do Oeste Catarinense e apresenta o contraste entre o ritmo acelerado da vida urbana em harmonia com o ritmo do meio rural. Por sua representatividade na região, recebe, todos os anos, pessoas de outras cidades em busca de emprego e de estudos. A mobilidade que ocorre na cidade proporciona diversas maneiras de contato linguístico.

Considerando o contexto linguístico de Chapecó, Santa Catarina, esta pesquisa tem como **objetivo geral** analisar as crenças e atitudes linguísticas dos falantes em relação ao uso do *Pt.-RS* e do *talian* nas comunidades urbana e rural de Chapecó – SC.

Para tanto, orientamo-nos aos moldes teóricos metodológicos da Dialetologia Pluridimensional e Relacional. Essa metodologia caracteriza-se por contemplar o eixo tridimensional, analisando, concomitantemente, parâmetros tanto do eixo horizontal (diferentes pontos de pesquisa) quanto do eixo vertical (variáveis extralinguísticas) e a relacionalidade de dados. As principais dimensões estudadas são: *diatópica* (diferentes pontos de pesquisa); *diassexual* (informantes do sexo Mulher e Homem); *diageracional* (GI – Geração I, de 18 a 36 anos e GII – Geração II, de 55 anos ou mais); *diastrática* (Cb – Classe baixa, de nenhuma escolaridade até Ensino Médio e Ca – Classe alta, ensino superior completo ou incompleto), sendo que a coleta de dados pode obedecer à dimensão *diafásica*, tendo estilos diferentes como, por exemplo, resposta ao questionário, conversa livre ou leitura (THUN, 2005).

---

<sup>4</sup>Dado disponível no site da Câmara Municipal de Chapecó. Disponível em: <<http://www.cmc.sc.gov.br/2012/index.php/o-municipio/historia>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

Saber o que se pensa sobre determinada língua e o que leva um falante a manter ou substituir sua língua materna<sup>5</sup> por outra são questionamentos que motivam estudos de crenças e atitudes linguísticas (KERSCH, 2011). Além disso, possibilita compreender e detectar os fatores de mudanças linguísticas, os preconceitos linguísticos em relação às variedades linguísticas e aos seus falantes, os quais podem contribuir para a desvalorização de variedades dialetais e, por extensão, de marcas identitárias (BOTASSINI, 2011).

Sendo assim, apresentamos os seguintes **objetivos específicos**, cada qual com sua hipótese correspondente:

1. Verificar quais línguas são mais usadas dentro das comunidades urbana e rural de Chapecó – SC;
  - a) De modo geral, nossa hipótese é de que as línguas mais utilizadas dentro das comunidades de Chapecó serão *Pt.-RS.* e *Talian*, pois, de acordo com Spessatto (2001), Radin (2005) e Renk (2014), a cidade de Chapecó é caracterizada como cidade de colonização italiana, dado que as populações que integraram o município “eram, na sua maioria, imigrantes italianos que, no século anterior, haviam deixado a Itália e partido em busca de uma vida nova além do oceano” (SPESSATTO, 2001, p. 32). Supõe-se que, dentro da comunidade rural, fale-se mais o *talian* enquanto que na urbana predomine o *Pt.-RS.*
2. Identificar quando, onde e como a variedade de imigração *talian* é utilizada;
  - b) Acredita-se que a língua de imigração restringiu-se ao uso em ambientes familiares. Já o *Pt.-RS* deve ser usado nas relações de comércio, educação e saúde, em estabelecimentos oficiais e na sociedade como um todo.
3. Analisar, a partir da dimensão diatópica, ou seja, a partir dos dois pontos de pesquisa, Chapecó urbano e Chapecó rural, se há divergência de crenças e atitudes linguísticas em relação ao uso de uma ou outra variedade linguística;
  - c) Quanto à *dimensão diatópica*, nosso terceiro objetivo, nossa hipótese é de que os informantes da região rural da cidade de Chapecó terão crenças e atitudes mais favoráveis à língua minoritária e os informantes da região urbana terão crenças e atitudes mais favoráveis à língua majoritária e oficial do país, pois, segundo Vandekerckhove (2010), línguas urbanas, geralmente, podem ser ditas como sendo mais suscetíveis à mudança do que línguas rurais.

---

<sup>5</sup> O termo língua materna possui um conceito dinâmico, aqui utilizado para se referir ao primeiro idioma aprendido ou primário de um indivíduo (ROMAINE, 1995).

4. Segundo a dimensão diassexual, descrever as crenças e atitudes linguísticas a partir da fala de homens e mulheres;

d) Referente à *dimensão diassexual*, mesmo que, de acordo com Labov (1996 *apud* LABOV, 2008), as mulheres usem menos formas estigmatizadas do que os homens, nos contextos de imigração, acreditamos que não haverá mudanças representativas em relação a crenças e atitudes de homens e mulheres, já que, segundo Wepik (2016), os resultados, geralmente, aparecem equilibrados ou não apresentam diferenças significativas, como constatado em estudos como Horst (2014) e Wepik (2016), por exemplo.

5. De acordo com a dimensão diageracional, analisar o tipo de crenças e atitudes linguísticas existentes entre os informantes da geração mais velha (GII – acima de 55 anos) e da geração mais nova (GI – entre 18 e 36 anos);

e) Sobre a dimensão *diageracional*, inferimos, segundo Margotti (2004), que indivíduos mais jovens são inovadores, isso indica que, com eles, as línguas dos imigrantes tendem a desaparecer. Ainda, segundo Grosjean (2001, p. 34 *apud* DAL CORNO, 2010, p. 87), se a política governamental proíbe o uso das línguas regionais em escolas e na vida pública, então o bilinguismo terá vida breve e a maioria dos habitantes se tornará monolíngue na língua nacional. Dessa maneira, crê-se que a GII manterá crenças e atitudes mais positivas perante a língua de imigração, enquanto a GI terá crenças mais positivas perante o *Pt-RS*, por possuírem pouco domínio do *talian* devido às políticas proibitórias, como a Nacionalização do Ensino, que promoveu o medo do uso das línguas de imigração em ambientes sociais, restringindo o uso da língua apenas a ambientes familiares.

6. Inferir, conforme a dimensão diastrática, de que forma a escolaridade (Ca – Ensino Superior Completo ou Incompleto e Cb – sem escolaridade até Ensino Médio) influencia as crenças e atitudes dos informantes em relação às línguas usadas dentro das comunidades;

f) Para a dimensão *diastrática*, que inclui parâmetros que definem classe social, usaremos a escolaridade para controlar, sendo que Ca (classe alta) terá informantes com ensino superior completo e Cb (classe baixa) informantes de nenhuma escolaridade até o Ensino Médio. Segundo Votre (1992 *apud* SPESSATTO, 2001), a forma de prestígio está inserida nas gramáticas escolares e é a norma a ser ensinada e aprendida. Por consequência, a forma estigmatizada tende a despertar uma reação negativa na maioria dos usuários da língua. Labov (2008) acrescenta que, quanto maior a escolarização, mais as pessoas tendem a aproximar a fala da variedade padrão.

Sendo assim, acreditamos que, quanto maior a escolaridade, melhores serão as atitudes e crenças em relação ao *Pt.-RS*.

7. Descrever o uso da variedade a partir da dimensão diafásica, considerando os três tipos de coleta, a citar: questionário e leitura;

g) Para a dimensão *diafásica*, ou seja, os diferentes estilos de roteiro de entrevista, de acordo com Thun (2005), o questionário, estilo intermediário em nível de formalidade, e a leitura, que é o estilo mais formal. Sendo assim, acreditamos que o estilo de entrevista menos formal (questionário metalinguístico) será executado com mais naturalidade e, por isso, respondido em *talian* pelos informantes. Com relação à leitura, haverá mais dificuldades, pois, de acordo com Margotti (2004), o *talian* é uma língua unicamente oral, passada de geração em geração.

8. Relacionar as dimensões diafásica, diatópica, diassexual, diageracional e diastrática e apontar as crenças e as atitudes mais salientes entre elas.

h) A partir da relacionalidade dos dados, nossa hipótese é de que as crenças e atitudes sejam melhores em relação ao *Pt.-RS* entre os jovens da Ca e que os informantes mais velhos da Ca tenham atitudes e crenças mais positivas em relação ao uso da variedade de imigração.

Nossa pesquisa está inserida em um projeto maior chamado *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF)* que tem como objetivo central desenvolver os fundamentos metodológicos necessários para a construção de uma base de dados adequada para um atlas linguístico-contatual das línguas minoritárias com o *Pt.-RS* na região Oeste Catarinense (HORST; KRUG; FORNARA, 2017).

A realização desta pesquisa se justifica, primeiramente, por interesse pessoal, uma vez que as políticas repressoras da língua, que proibiram imigrantes italianos de usar sua língua materna e impuseram o uso exclusivo do português (ALTENHOFEN, 2004), causaram traumas tão grandes e, como consequência, acredita-se que a língua não foi repassada à grande maioria dos descendentes destes imigrantes. A repercussão de tal política proibitiva gerou, em diversas áreas do território nacional, o apagamento de diversas línguas, o que, Skutnabb-Kangas & Phillipson (1996) definem como linguicídio, ou seja, o extermínio de um idioma, um conceito análogo ao genocídio, a morte de uma língua, é o desaparecimento de línguas, um conceito análogo à morte natural.

As línguas de imigração que se preservaram permaneceram apenas aos falantes que já faziam uso, ou seja, apenas as gerações mais velhas mantêm a língua. Resumindo, atualmente

raros são os casos de jovens que conseguem se comunicar com a língua de imigração, tanto descendentes de italianos, como alemães, poloneses etc.

Justificamos esta pesquisa também por sua relevância social, visto que estudar atitudes que um falante tem das línguas faladas em sua comunidade exerce papel importante para a sua manutenção ou substituição, pois é a partir da língua que o indivíduo expressa sua identidade e pertencimento a determinado grupo (KERSCH, 2011). Além disso, segundo Romaine (1995), existem mais bilíngues no mundo do que monolíngues, portanto, o bilinguismo constitui a norma e o monolinguismo a exceção. O bilinguismo é uma prática que deve ser cultivada e incentivada, muito mais do que um problema a ser superado.

A busca de ações que resolvam, pelo menos em parte, a questão da manutenção de uma língua de imigração, tem efeitos positivos, tanto para quem faz uso da língua quanto para a sociedade como um todo, tendo em vista as vantagens cognitivas apontadas pelos estudos de bilinguismo (RASO; MELLO; ALTENHOFEN, 2011). Manter uma língua viva é preservar um patrimônio imaterial imensurável, pois, junto com a língua, preserva-se a cultura, as tradições e costumes de um povo. Conhecer uma língua e, principalmente, o que seus falantes pensam sobre ela são fatores relevantes para esta pesquisa.

Nosso trabalho inicia-se pela Introdução, com as considerações iniciais sobre a pesquisa, apresentando nosso objetivo geral, assim como os objetivos específicos, hipóteses e a justificativa para a sua realização.

No Capítulo 1, temos a contextualização do estudo, no qual retratamos um apanhado histórico, desde os motivos pelos quais os imigrantes italianos vieram ao Brasil, passando pela sua chegada e instalação nas colônias do Rio Grande do Sul, seguindo pelas imigrações internas e a colonização do Oeste Catarinense, até se estabelecerem no município de Chapecó/SC, foco de nosso estudo. Além disso, nesse capítulo, expomos o que a Era Vargas significou para esse povo e suas consequências para a língua.

No segundo capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos, iniciando pelo conceito de identidade, crenças e atitudes linguísticas baseados no aporte teórico de Appel e Muysken (2005), Lambert e Lambert (1972), Aguilera (2008), Tabouret-Keller (2007), Barcelos (2007), Kaufmann (2012), Lasagabaster (2005), dentre outros. Na sequência, são apresentados os conceitos referentes aos contatos linguísticos no Brasil, de acordo com Raso, Mello e Altenhofen (2011), Altenhofen (2013) e Margotti (2004), ao bilinguismo (ROMAINE, 1995; MACKAY, 1972; HEYE, 2003) e conceitos referentes aos espaços urbano e rural, segundo Vandekerckhove (2010), Bortoni-Ricardo (2005), Ribeiro e Lacerda (2013) e Romano e Isquerdo (2007). Encerro esse capítulo com a sessão destinada aos princípios do modelo

teórica variedadologia Pluridimensional e Relacional (THUN, 1996, 1998, 2005, 2010), dos caminhos até uma ciência ampla da variação linguística, até suas dimensões de estudo.

O terceiro capítulo consiste na metodologia utilizada na pesquisa, com as dimensões utilizadas para a coleta de dados e a descrição dos informantes. Por fim, é descrito como será feita a análise dos dados.

No quarto capítulo, iniciamos as análises, com a descrição e interpretação dos dados coletados. Por fim, na última parte, estão as considerações finais. Nela analisamos os resultados, relacionando-os aos objetivos estabelecidos e às hipóteses, verificando se foram confirmadas ou não.

## 1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

Neste primeiro capítulo, faremos considerações sobre a inserção do imigrante italiano no Brasil, sua chegada ao Rio Grande do Sul e sua posterior migração para o Oeste de Santa Catarina, com ênfase na cidade de Chapecó, campo de nosso estudo. Por fim, abordamos um pouco sobre a Era Vargas e seu significado para os imigrantes e suas respectivas línguas.

### 1.1 OS ITALIANOS NO BRASIL

A imigração italiana no Brasil iniciou no final do século XIX. Devido à Segunda Revolução Industrial, a Europa passou por diversas mudanças, que acarretaram à sua economia um enorme contingente de pessoas sem terra e sem emprego. A Revolução Industrial liberou grande quantidade de mão-de-obra no campo e nas cidades em países como Alemanha e Itália. A classe baixa foi a que mais sofreu com essa crise, pelas convulsões políticas que vinham ocorrendo e pela insegurança que causavam (SPESSATTO, 2003). Toda essa situação estimulou a imigração, levando milhares de europeus a deixar seus países de origem e buscarem novas condições. Complementando, de acordo com Vicenzi (2008, p. 28):

Na Itália, na sua maioria, os camponeses possuíam pequenos lotes de terras, próprios ou alugados, insuficientes para o sustento da família. Entre outros fatores, os elevados impostos, os altos aluguéis e a escassez de terra, o salário rural indigno, o serviço militar obrigatório, a miséria, a fome propiciaram a vinda desses camponeses italianos para o Brasil.

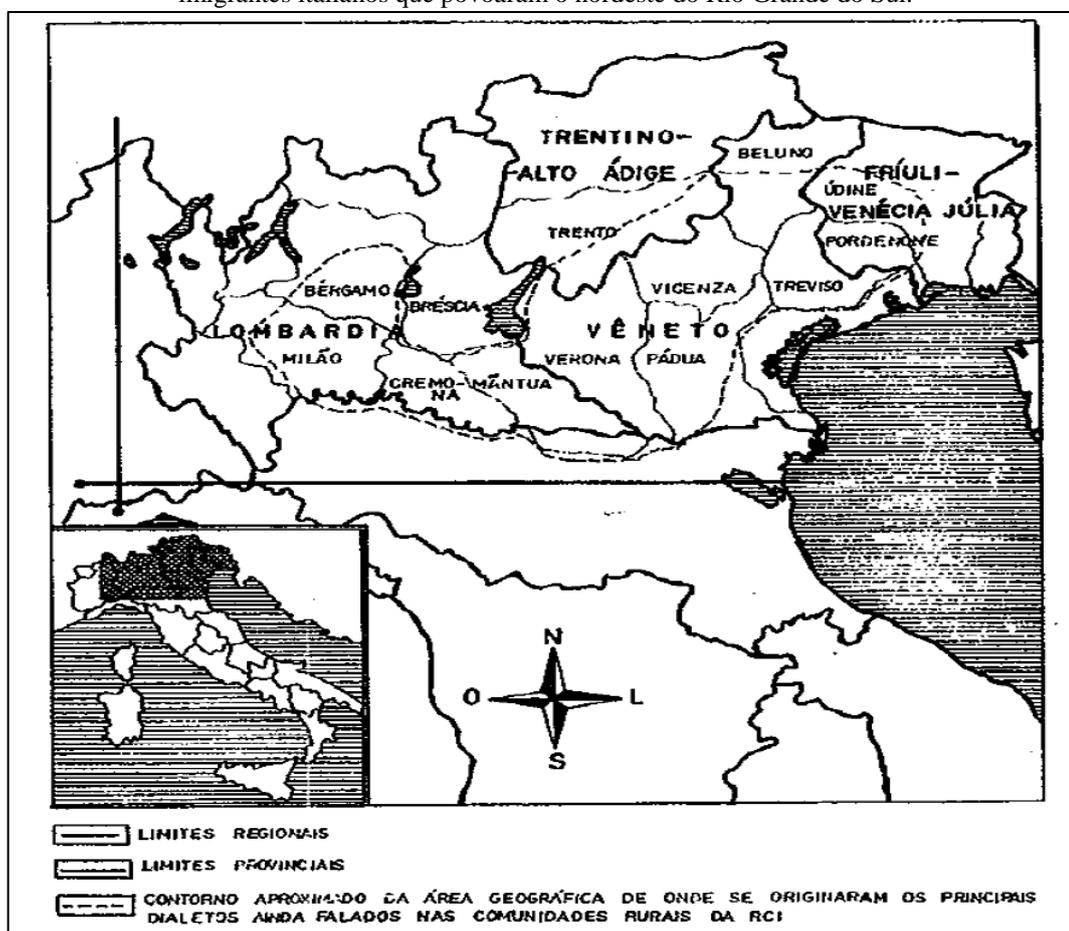
Na mesma época, o Brasil também passava por um período de mudanças e transformações econômicas como o fim da escravidão, o processo de urbanização, o início da industrialização e a criação do setor terciário. No Sul do país, ocorria a consolidação dos limites territoriais. Nesse cenário, insere-se o processo de imigração de países da Europa (MARGOTTI, 2004). A colonização italiana no Rio Grande do Sul iniciou-se por volta do ano de 1875 e foi composta, quase que exclusivamente, por indivíduos provindos do norte da Itália, região essa que foi mais atingida pela crise. De acordo com De Boni e Costa (1984, p. 79), a maioria dos imigrantes vieram da região de Vêneto, seguindo em menor número por Lombardos, Trentinos e Friulanos.

Os primeiros a chegar ao Brasil propagaram as vantagens da nova terra para parentes e conhecidos, servindo como um chamado para novas imigrações, diante das facilidades que eram oferecidas. Era com o *sonho americano*, atraídos principalmente pela propaganda

governamental do Brasil, que criou núcleos coloniais de pequenos proprietários garantindo o povoamento de regiões pouco habitadas, que milhares de camponeses italianos atravessaram o oceano Atlântico buscando uma situação econômica e social melhor do que estavam vivendo na Itália (DE BONI; COSTA, 1984; MARGOTTI, 2004; SPESSATTO, 2003; VICENZI, 2008).

O Mapa 1 foi extraído de Frosi e Raso (2011) e apresenta a localização de onde vieram esses imigrantes:

**Mapa 1:** Mapa indicativo das regiões de províncias italianas de onde provieram os maiores contingentes de imigrantes italianos que povoaram o nordeste do Rio Grande do Sul.



Fonte: Frosi e Raso (2011, p. 339)

Ainda segundo De Boni e Costa (1984, p. 80), o sistema de habitação e ocupação de territórios na Itália da época era diferente do que os colonos<sup>6</sup> encontraram no Brasil. Lá, a população habitava em *paeses*, que eram os vilarejos, saindo trabalhar pela manhã e voltando

<sup>6</sup>De acordo com Azevedo (1975), o colono é como um camponês típico, diferente do caboclo, do caipira, do roceiro e do peão de estância. Não depende de patrões e de outros proprietários de terras, não depende patrimonialmente de outrem, senão dos seus próprios recursos e capacidades (AZEVEDO, 1975, p. 201 *apud* VICENZI, 2008, p. 31).

de noitinha, ou quando habitavam no campo, se instalavam na proximidade com vizinhos ou *paeses*, sendo que, dificilmente, ficavam em regiões isoladas.

No Brasil, os colonos eram enviados para uma região de mata virgem. Os primeiros imigrantes europeus que chegaram ao Sul do Brasil foram os alemães, a partir do ano de 1824. No Rio Grande do Sul, aos imigrantes alemães e seus descendentes foram destinadas para ocupação a planície dos vales dos rios Caí e dos Sinos e a encosta inferior do planalto. Para os imigrantes italianos, chegados a partir de 1875, restou ocupar a parte superior da encosta, uma região montanhosa e isolada (DE BONI; COSTA, 1984; VICENZI, 2008; SPESSATTO, 2003).

A intenção do governo brasileiro, principalmente pelo desejo da imperatriz Leopoldina, com a vinda dos imigrantes europeus era “branquear a população”, substituindo a mão-de-obra escrava por trabalhadores europeus nas fazendas de café nos estados de São Paulo e Espírito Santo. Além disso, com as disputas de terras que ocorriam na fronteira com a Argentina, esses imigrantes serviriam para povoar e desenvolver a região Sul do país, que até então estava com as divisas ameaçadas. De acordo com Ianni:

a opção dos governantes de trazer imigrantes europeus (alemães, italianos, poloneses, espanhóis e portugueses) fazia parte de uma estratégia de reduzir a presença do negro e do mulato, ou seja, os imigrantes trazidos para o Brasil nessa época, além de agregar à economia a capacidade do trabalho artesanal e o domínio de técnicas que poderiam ser úteis à economia, destinavam-se a “branquear o país” (IANNI, 1979, p. 12, *apud* MARGOTTI, 2004, p. 31).

Ainda a esse respeito, De Boni e Costa (1984) afirmam que o governo brasileiro, ao procurar pessoas para povoar o Rio Grande do Sul, assim como Santa Catarina, tinha como principal interesse os agricultores e, por causa disso, a grande maioria dos indivíduos declaravam-se agricultores para serem aceitos, apesar de terem a intenção de exercer outra profissão, aprendida na Itália. Assim, a vida na colônia, em pouco tempo, já se mostrava com um elevado grau de autossuficiência.

De acordo com Margotti (2004, p. 31), o início da história dos imigrantes italianos no Brasil foi semelhante em todas as colônias: por um lado, pouco planejamento, assistência quase inexistente, administradores corruptos, isolamento, florestas vastas e perigosas a serem derrubadas; por outro, a esperança de uma vida de fartura, o sonho da liberdade e enriquecimento, a força de trabalho associada aos princípios de fé e honestidade.

O perfil de um imigrante, em todas as partes do mundo, em sua maioria, é de pessoas mais jovens, pois os mais velhos, já instalados em determinada localidade, não pensam em

reiniciar a vida ou se adaptar a uma nova situação pelas dificuldades que podem encontrar. Com a colonização italiana do Rio Grande do Sul, ocorreu o mesmo: a maioria dos homens e mulheres chegados aqui eram jovens, com idade entre 20 e 45 anos (DE BONI; COSTA, 1984).

O governo da Itália exigia autorização para deixar o país apenas de homens com idade entre 20 e 28 anos. Ao contrário da colonização italiana no restante do mundo, no Rio Grande do Sul, a colonização era formada por famílias, em sua maioria. Dados apontam que 85% dos homens adultos chegados aqui, eram casados e haviam partido com seus familiares, por isso, a colonização encontrada no Rio Grande do Sul era familiar (DE BONI; COSTA, 1984).

Os imigrantes que vinham para o Brasil deixaram para trás parte de seus familiares, dividindo suas famílias sem possibilidades de reencontro. Para aqueles que ficavam, restava o sentimento da necessidade, era preciso deixá-los ir, era um peso a menos e era melhor esquecê-los. Aos que partiram, iam à busca de terras distantes e sem certeza do que iriam encontrar (SPESSATTO, 2003).

Vale mencionar que o grau de escolaridade desses imigrantes era muito baixo. Nas estatísticas de Vêneto, a maioria deles era analfabeta, já que eles mal sabiam assinar o próprio nome. De acordo com De Boni e Costa (1984), poucos eram os italianos que tinham uma cultura maior, e “a escola significava muito pouco para aquela gente corajosa” (DE BONI; COSTA, 1984, p. 82). A escola configurava-se como algo irrelevante para os colonos. Segundo Vicenzi (2008), podemos afirmar que, para eles, o braço familiar significava a força do trabalho, então educação formal pouco iria contribuir para a economia da família. Existiam escolas, mas o número de alunos que realmente a frequentavam era inexpressivo.

A eles interessava a construção de Igrejas, que eram o centro de reorganização do mundo cultural. Os encontros semanais e a religião proporcionavam a criação de um elo de comunicação entre as famílias, uma fonte de segurança nos momentos de incertezas e inseguranças. A falta de escolas e o isolamento dos centros luso-brasileiros proporcionou que se mantivessem a prática de dialetos italianos entre os imigrantes. As famílias eram linguisticamente heterogêneas e os encontros comunitários possibilitaram a fusão entre as línguas. Aos poucos, os dialetos iam se interinfluenciando. Com o passar dos anos, ocorreu uma fusão dialetal, mantendo a predominância da língua com o número mais significativo de falantes, surgindo uma *coiné* (ou seja, fusão de vários dialetos), atualmente denominada *coiné* vêneta ou *talian*. Lentamente, o português foi se infiltrando a partir das vilas, e essa língua incorporou várias palavras do português devido à nova realidade em que os falantes se

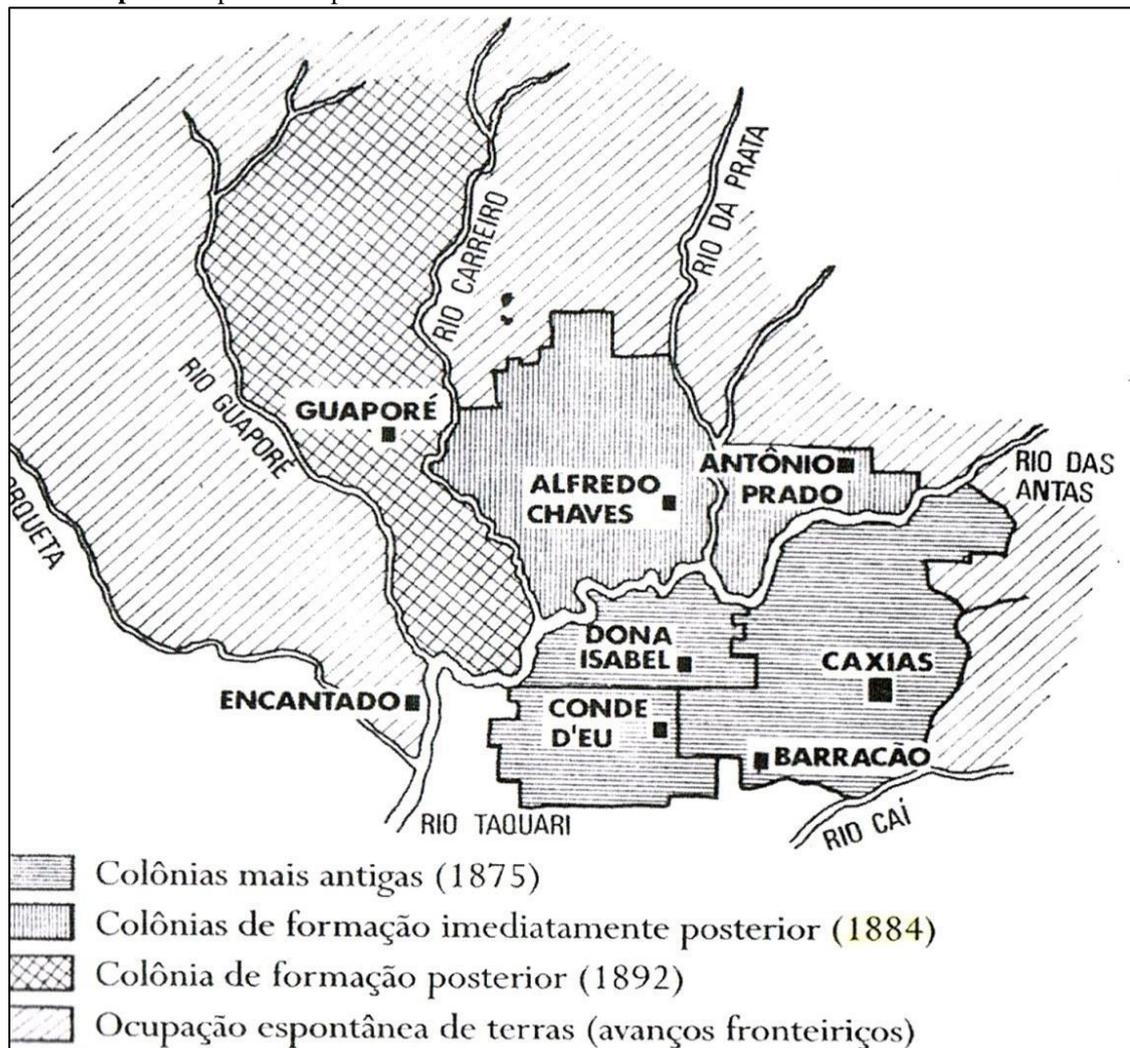
encontravam (DE BONI; COSTA, 1984; VICENZI, 2008; SPESSATTO, 2003; SGANZERLA, 2001).

Conforme Batistel e Costa (1982, p. 14 *apud* VICENZI, 2008, p. 28), a colonização italiana no Rio Grande do Sul dividiu-se em cinco fases:

Na primeira, entre os anos de 1875 e 1884, deu-se a ocupação da região nordeste do Rio Grande do Sul – Nova Milano, Caxias do Sul, Dona Isabel e Conde d’Eu. Na segunda, de 1884 a 1894, fundaram-se as colônias de Antônio Prado e Alfredo Chaves. Na terceira, de 1892 a 1900, ocorreu a migração interna para a colônia de Guaporé, criada em 1892. Na quarta etapa, de 1880 a 1920, prosseguiram as migrações internas na região de colonização italiana em geral e o expansionismo espontâneo. Finalmente, na quinta fase, que inicia em 1910, realizaram-se as migrações populações populacionais internas para o alto Uruguai e para outros estados da federação, especialmente Santa Catarina e Paraná.

O Mapa 2, que apresentaremos a seguir, também faz parte de Frosi e Raso (2011) e exhibe o mapa da localização das Colônias da Região de Colonização Italiana, doravante RCI:

**Mapa 2:** Mapa com as primeiras Colônias italianas formadas na RCI no Rio Grande do Sul



Fonte: Frosi e Raso (2011, p. 340).

As colônias do Rio Grande do Sul, conforme Sganzerla (2001), foram criadas no intuito de assegurar a ocupação e exploração das terras devolutas e impulsionar o mercado interno de gênero de subsistência, formando comunidades de agricultores e pequenos proprietários (SGANZERLA, 2001, p. 25).

Em pouco tempo, as Colônias Velhas foram plenamente ocupadas. O esgotamento das terras acarretou na procura de novas terras para as populações se instalarem, uma vez que as famílias eram numerosas pela alta taxa de natalidade e, logo após o casamento, a nova família colonial deixava a casa dos pais em busca de uma terra para se estabelecer.

## **1.2 A COLONIZAÇÃO DO OESTE CATARINENSE**

A Região Oeste de Santa Catarina atualmente é formada por 76 municípios, que em sua maioria, possuem menos que 5000 habitantes, se configurando como território rural, pois nessa região predomina o trabalho com atividades agrícolas e grande parte de sua população vive em regiões interioranas (HORST, KRUG, FORNARA, 2017).

Seu território abrange grande parte do território do ex-Contestado, que vai do Rio do Peixe, a leste, até a divisa com a Argentina, a Oeste, e atuais divisas com os estados de Rio Grande do Sul e Paraná (RADIN, 2005). De acordo com Poli (2014), a ocupação dessa região se deu em três fases, com características econômicas e culturais diferentes: a primeira foi a fase indígena, que ocorreu até meados do século XIX, num território tradicionalmente ocupado por índios *Kaingangs* e *Guaranis*; a segunda foi a fase cabocla, que sucedeu a indígena e miscigenou-se com essa; e a terceira foi a fase da colonização, em que migrantes de origem alemã e italiana, vindos do Rio Grande do Sul, adquiriram terras das colonizadoras, formando a frente agrícola e pecuária que expulsou, aos poucos, os caboclos.

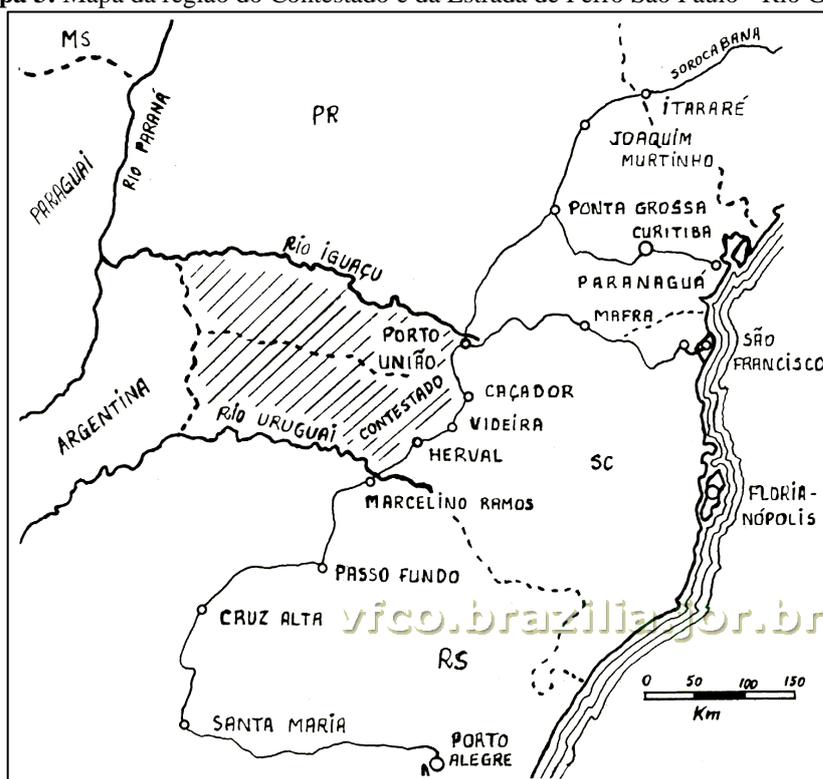
Essa região foi alvo de diversas disputas até consolidar seu pertencimento ao estado de Santa Catarina. Num primeiro momento, sua área foi disputada entre Portugal e Espanha, depois entre Brasil e Argentina, e, num terceiro momento, a disputa ocorreu entre Paraná e Santa Catarina, motivando o início da Guerra do Contestado (PAIM, 2006).

A Guerra do Contestado, ocorrida entre 1912 e 1916, tem um papel significativo no entendimento da formação histórica de toda sua região de abrangência. Nas primeiras décadas do século XX, a Região do Contestado passou por notáveis mudanças culturais dos moradores destas terras consideradas “devolutas”, protagonizados pelas ações do grupo *Brazil Railway*

Company. Esse grupo esteve a cargo da construção ferroviária do trecho entre os rios Iguazu e Uruguai, área de maior contestação da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande<sup>7</sup>. A construção dessa ferrovia motivou o governo brasileiro a ocupar as terras (VALENTINI, 2015).

No mapa 3 é possível observar a região do Contestado e a Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, fator primordial para a instauração a Guerra:

**Mapa 3:** Mapa da região do Contestado e da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande



Fonte: <<http://vfcobr.com.br/ferrovias/Estrada-de-Ferro-Sao-Paulo-Rio-Grande/imagens/mapa-Ferrovia-Contestado.gif>>. Acesso em: 17 set. 2017.

Indígenas e caboclos<sup>8</sup> foram os grandes desbravadores do Oeste Catarinense. Eles exploraram as terras até então não habitadas, abrindo picadas e clareiras na floresta densa para a posterior chegada dos colonos. Por possuírem uma relação diferente com a ocupação territorial, sendo muitas vezes nômades e com economia de subsistência, os caboclos luso-brasileiros foram enquadrados como intrusos e expulsos das terras que ocupavam (VICENZI, 2008). Os primeiros despejos dos antigos moradores da Região do Contestado ocorreram no ano de 1911, sendo que os povos que há quase um século povoavam a região de repente

<sup>7</sup> Ferrovia Colonizadora que cortou verticalmente o Sul do Brasil, interligando a Região Sul à Região Sudeste.

<sup>8</sup> A população que sucedeu à indígena e miscigenou-se com esta foi a dos luso-brasileiros, mais conhecidos como caboclos. A principal atividade econômica praticada pelos caboclos era a agricultura de subsistência, o corte da erva-mate e o tropeirismo (POLI, 2014).

foram surpreendidos com a notícia da venda ou arrendamento de suas terras a terceiros (VALENTINI, 2015).

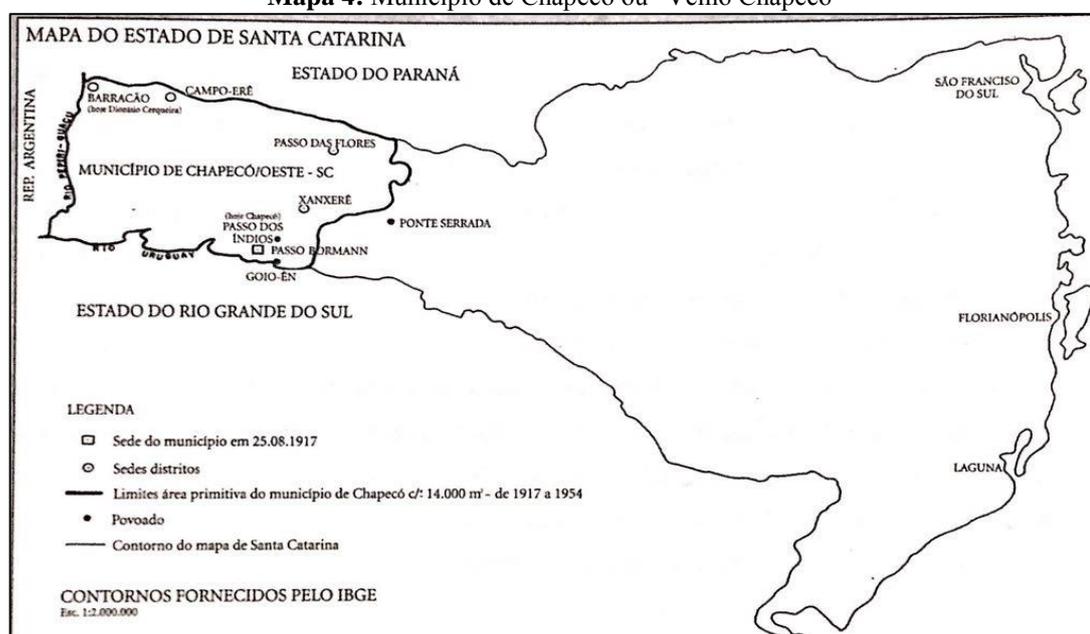
Dentre os fatores que determinaram o início da crise que levou à luta armada, podemos apontar, segundo Valentini (2015):

As concessões feitas para a *Brazil Railway Company*, que também obteve o direito de explorar as terras compreendidas na faixa de 15 km de cada lado da ferrovia, justificavam a desapropriação de moradores estabelecidos nestas terras desde tempos remotos (GAULD, 2005, p. 354). A extração industrial madeireira e os problemas gerados com o fim das obras de assentamento dos trilhos somaram-se ao fanatismo religioso e ao profundo descontentamento dos caboclos devido à alteração de seu sistema de vida e são fundamentais no desencadeamento da Guerra do Contestado (1912-1916).

A guerra teve fim em outubro de 1916, com a assinatura do acordo entre Santa Catarina e Paraná, determinando os limites de cada estado, porém resultou na morte de aproximadamente oito mil brasileiros, sendo a grande maioria de sertanejos pobres, que viviam na Região do Contestado antes da construção da Ferrovia (VALENTINI, 2015).

O Mapa 4 apresenta a primeira formação territorial do município de Chapecó, também conhecido como Velho Chapecó, quando emancipado em 1917.

**Mapa 4:** Município de Chapecó ou “Velho Chapecó”



Fonte: Fortes, 1990, p. 80 *apud* Vicenzi, 2008, p. 41.

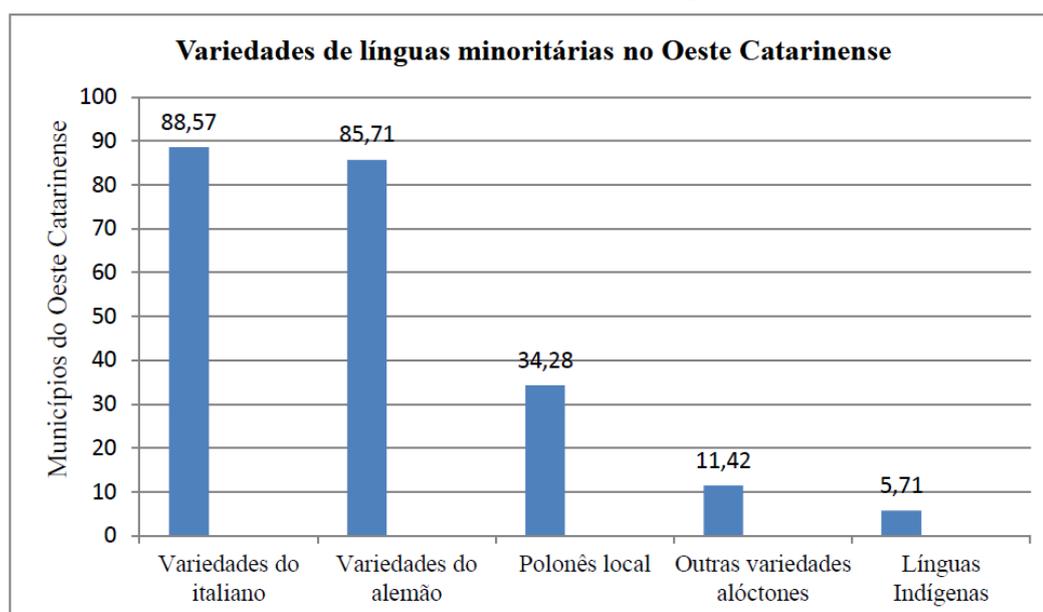
Diferente do restante do estado, o Oeste Catarinense se encontrava como a única região de Santa Catarina que ainda não havia sido explorada pelos europeus e seus descendentes. A partir das primeiras décadas do século XX, colonos descendentes de

imigrantes italianos, alemães, poloneses, russos e asiáticos, oriundos principalmente Rio Grande do Sul, migraram para o Oeste Catarinense através de uma colonização orientada para valorizar as terras da região e estimular a economia agrícola que estava em processo de expansão.

Tratando-se da língua, em seu trabalho sobre ítalo-brasileiros (Radin, 2001, p. 149) afirma que por muito tempo, foi possível preservar a língua de imigração como língua materna e majoritária na comunidade de imigrantes, e por conta das políticas proibitivas, a língua foi restringida ao uso familiar.

Atualmente, estudos do ALCF (Atlas das Línguas em Contato na Fronteira), nos remetem à atual situação de contatos linguísticos nessa região, como é possível observar no gráfico 1:

**Gráfico 1:** Variedades de línguas minoritárias no Oeste Catarinense registradas a partir da análise dos históricos presentes nos sites das 76 prefeituras municipais e no IBGE.



Fonte: Horst, Krug e Fornara, 2017, p. 137.

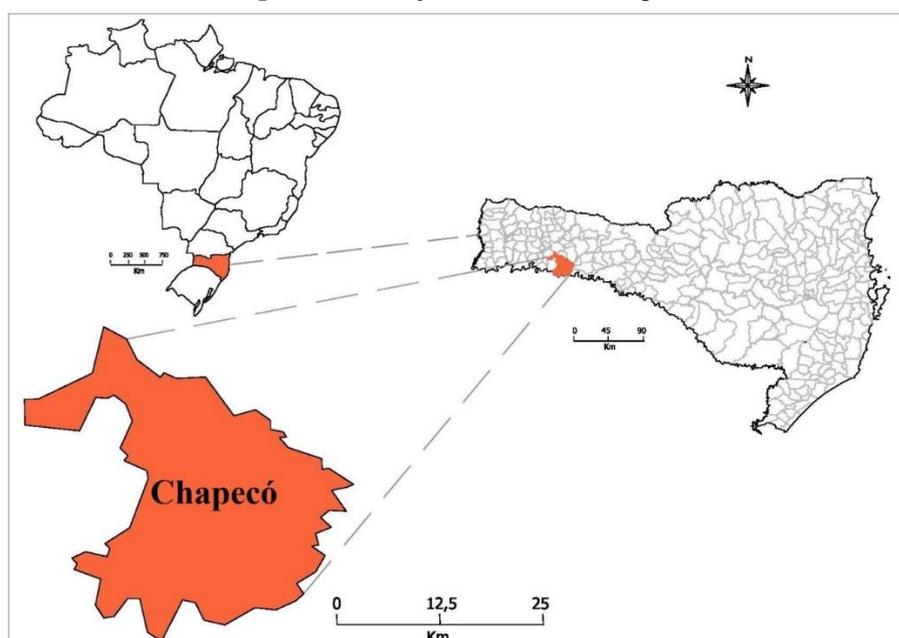
As variedades do italiano, foco de nosso estudo, aparecem por extensão, como mais presentes, estando em 88,57% dos municípios do Oeste Catarinense (HORST, KRUG, FORNARA, 2017).

Por fim, vários foram os motivos pelos quais esses povos migraram para o novo Estado, entre eles a nova situação da fronteira interestadual e o fato de que as melhores terras do Rio Grande do Sul já haviam sido ocupadas. A ocupação do Oeste Catarinense atendia às expectativas do governo de ocupar uma terra até então pouco explorada (RADIN, 2001; SPESSATTO, 2003). Nessa região, encontrava-se o recém-criado município de Chapecó.

### 1.3 A CIDADE DE CHAPECÓ/SC

A cidade de Chapecó, campo de nossa pesquisa, está situada na Região Oeste do Estado de Santa Catarina, a aproximadamente 550 km da capital do Estado, Florianópolis. Sua área territorial ocupa mais de 625 km<sup>2</sup> de extensão<sup>9</sup>. De acordo com o último censo do IBGE, de 2010, sua população é de 183.530 habitantes, sendo que, desses, 168.113 residem na área urbana e 15.417 são residentes da área rural.

**Mapa 5:** Localização da cidade de Chapecó.



Fonte: <<https://confins.revues.org/docannexe/image/9646/img-1-small580.jpg>>. Acesso em: 10 abr. 2017. (com adaptações da pesquisadora).

O nome “Chapecó” tem origem Kaingang (xá + em + mbitkó) e significa “donde se avista o caminho da roça” (VICENZI, 2008, p. 39). A cidade é a capital do Oeste Catarinense e se destaca por ser considerada a capital brasileira da agroindústria.

A Região Oeste passou por muitas disputas por território, tanto nacionais quando internacionais, para sua integração ao Estado de Santa Catarina. Primeiramente, devido ao Tratado de Madri (1750), Portugal e Espanha disputaram a posse da região. Mais tarde, em 1895, com a chamada “questão de Palmas”, na qual foram determinados os limites internacionais entre Brasil e Argentina. A partir de 1890, Chapecó foi distrito de Palmas (PR), e só se integrou definitivamente à região oeste do Estado de Santa Catarina em 1916, após o

<sup>9</sup>Disponíveis no site do município.

fim da Guerra do Contestado, com acordo assinado entre Paraná e Santa Catarina (VICENZI, 2008, p. 39).

De acordo com Margotti (2004), a região Oeste de Santa Catarina começou a ser povoada em 1838 por tropeiros paulistas, mas sua colonização mesmo se deu no início do século XX, com a chegada dos imigrantes gaúchos, que vieram em busca de novas oportunidades nesta terra ainda pouco explorada. As terras do Rio Grande do Sul começaram a ficar escassas e caras para as numerosas famílias que ali estavam instaladas, famílias essas formadas por filhos e netos de imigrantes que haviam chegado ao Brasil no último século.

Dessa maneira, as áreas de florestas e campos foram divididas em lotes, que eram chamados de colônias e vendidos aos colonos que, em sua maioria, eram descendentes de imigrantes italianos vindos do Rio Grande do Sul. Os índios e posseiros que aqui viviam foram expulsos, justificando que para “efeito legal” não poderiam provar que eram donos das terras (MARGOTI, 2004, p. 121).

A emancipação político-econômica do município se deu em 25 de agosto de 1917. A cidade de Chapecó desenvolveu-se caracterizada pelos costumes, hábitos e tradições do imigrante italiano e do povo que aqui habitava, influenciando também as características linguísticas da população local.

Atualmente, a cidade é polo econômico, industrial, médico e de prestação de serviço do Oeste Catarinense. Caracteriza-se por possuir o contraste entre o meio urbano, com o ritmo acelerado de uma grande cidade, com o meio rural, onde é possível desfrutar da tranquilidade do campo<sup>10</sup>.

#### **1.4 A ERA VARGAS E A PROIBIÇÃO DA LÍNGUA**

A noção de língua implica a noção de identidade. A partir da língua, determinado povo exprime sua origem e sua cultura. Assim era para os grupos de imigrantes europeus chegados ao Brasil a partir do século XIX, quando a língua representava mais que o jeito de falar, ela era a ligação com a terra deixada para trás, era parte da cultura que eles traziam consigo. Por anos, foi possível que esses povos mantivessem suas línguas e culturas sem interferências (CAMPOS, 1998). A mudança desse quadro foi ocorrendo com a implantação de políticas linguísticas proibitivas. A que causou maiores consequências e perdas aos imigrantes europeus e seus descendentes foi a Campanha de Nacionalização ocorrida no governo de

---

<sup>10</sup>Informações extraídas do folder “Roteiros turísticos regionais”

Getúlio Vargas, principalmente na época do Estado Novo que vai do ano 1937 a 1945 (SANTOS, 2009). Faremos na sequência, uma síntese do momento político em que se inseriu o governo Vargas e a ideologia implantada por ele.

No Brasil, desde que os primeiros territórios foram ocupados, diversas formas de governo foram assumidas, todas com uma característica comum, a grande divisão social entre os dominados e dominadores. Até o regime da República Velha, São Paulo e Minas Gerais foram os detentores do poder político-administrativo federal. Esse cenário mudou com a insatisfação popular que gerou diversas revoltas como a Revolta da Vacina, a Revolta da Chibata, a Guerra dos Canudos e a Revolta do Contestado. Conforme Abreu (2014), a crise econômica e política instaurada na década de 20 era marcada essencialmente pela quebra do café e falência do modelo político oligárquico a ele associado. Os estados de oposição, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba indicaram os nomes de Getúlio Vargas e João Pessoa para os cargos de presidente e vice-presidente, e eles foram eleitos na eleição mais concorrida da República Oligárquica (SGANZERLA, 2001).

Segundo Cervo (1992 *apud* SGANZERLA, 2001), a Revolução de 1930 levou ao poder, sob o comando de Getúlio Vargas, aqueles que ficavam na periferia da política. Com a Revolução Constitucional de 1932, Vargas procurou conquistar a massa populacional para efetivar as mudanças econômicas que interessavam à burguesia industrial, deixando as oligarquias rurais tradicionais descontentes. Promulgando a nova Constituição do Brasil, em 1934, que ampliava o poder do governo federal, Vargas criou a Justiça Eleitoral, incorporando o voto secreto e feminino, criou leis trabalhistas, como a jornada de oito horas, instituiu o salário mínimo e as férias remuneradas, defendeu a proteção às riquezas nacionais etc. A proposta varguista, de cunho populista, o fez ser considerado como o “pai dos pobres” (SGANZERLA, 2001).

O Estado Novo, governado por Vargas, teve como principal ideologia o nacionalismo, assegurando a soberania nacional. Sob a ótica econômica, buscou-se investir na ampliação do mercado interno, provido de produtos nacionais. Conforme Gertz (1991), ideologias nacionalistas já vinham se formando desde o início da República, porém, a partir de 1937, ganharam força, garantindo, assim, o estabelecimento definitivo da unidade e homogeneidade étnico-cultural-religiosa brasileira (GERTZ, 1991).

Sganzerla (2001) destaca que a integração foi utilizada para eliminar diferenças étnicas que existiam na população, criando, assim, uma nação homogênea que tivesse uma única língua e uma única cultura, afastando o perigo da formação de um novo Estado dentro do Estado Brasileiro, principalmente nas regiões coloniais. Com a nacionalização e o Estado

único, para que as diferenças regionais perdessem sua força e a identidade brasileira se promovesse, utilizou-se da manipulação intelectual, ideológica e legislativa para introduzir, em toda população, o sentimento de amor e pertencimento à nação. Conforme Campos (1998, p. 41), “o nacionalismo do Estado Novo, buscando fazer brotar a brasilidade dos sentimentos mais íntimos dos indivíduos, apelou para diferentes manifestações da língua”. Nesse sentido, a música, a literatura e todas as artes tiveram grande importância. Nesse processo de “um só mercado, um só povo, uma só língua” (SILVA, 1991 *apud* SGANZERLA, 2001) não caberia que, no Sul do Brasil, a língua estrangeira continuasse sendo falada, muito menos ensinada em escolas.

Conforme Kreutz (2000, p. 161), a partir da Primeira Guerra Mundial, o governo brasileiro iniciou um processo de nacionalização, com medidas preventivas, nas quais as escolas públicas foram abertas perto das étnicas, mas sem impedir o funcionamento delas. No final da década de 20, passou a tratá-las com mais restrição e “em 1938/39, momento da nacionalização compulsória do ensino, estas escolas foram fechadas ou transformadas em escolas públicas por meio de uma sequência de decretos de nacionalização” (KREUTZ, 2000). A esse respeito, de acordo com Luna (2000), a campanha de nacionalização encontrou, no regime autoritário do Estado Novo, a maneira adequada de impor leis para uma assimilação coercitiva e imediata. Essa política foi regulamentada por diversos documentos oficiais. Há pelo menos três decretos oficiais que podemos citar como exemplos de autorização do Estado a infringir os direitos educacionais e linguísticos de suas populações de imigrantes:

O Decreto-Lei nº 868 de 18 de novembro de 1938 criou, no Ministério de Educação, a Comissão Nacional de Ensino Primário. Essa tinha como um dos seus objetivos a definição de ações de nacionalização integral do ensino primário de todos os núcleos de população de origem estrangeira.

O Decreto-Lei nº 1.006 de 30 de dezembro de 1938, por sua vez, normalizou o livro didático, proibindo o uso no ensino primário de publicações não escritas em língua nacional.

Finalmente, o Decreto-Lei nº 3.580 de 3 de setembro de 1941 ratificou o disposto no decreto acima, enfatizando a proibição de importação de livros didáticos para uso no ensino primário, bem como a produção, no Brasil, de livros escritos total ou parcialmente em língua estrangeira. A proibição compreendia também jornais, periódicos, revistas de igreja, almanaques, literatura devocional e até traduções de clássicos da literatura portuguesa e brasileira (LUNA, 2000, p. 72, 73).

Em Santa Catarina, o mediador de Vargas, Nereu Ramos, afirmava que os imigrantes europeus e seus descendentes haviam conservado sua língua, cultura e sentimentos por conta da desatenção e descuido dos governantes. Além disso, atribuía as causas dessa manutenção à

ignorância e desconhecimento do Brasil pelos próprios brasileiros, motivo das dificuldades de assimilação dos estrangeiros (CAMPOS, 1998). O Governo concentrou seus esforços da campanha nos três estados da Região Sul, contribuindo para a criação de escolas brasileiras, destinadas ao ensino de Língua Portuguesa, Geografia e História do Brasil. Era a chamada *nacionalização do ensino*. Os investimentos eram justificados pelo grande número de brasileiros nascidos naquelas regiões que possuíam idioma estrangeiro como língua de comunicação familiar (SPESSATTO, 2003).

Convictos de que a eliminação de idiomas estrangeiros era a maneira apropriada de atingir os princípios da política de nacionalização, um verdadeiro cerco foi fechado para controlar os imigrantes e seus descendentes. Segundo Spessatto (2003), a ameaça aos que falavam línguas estrangeiras provocou, nesse povo, um sentimento de inferioridade, considerando os imigrantes e seus descendentes como traidores da Pátria. Os descendentes de italianos, assim como alemães, poloneses e de outras nacionalidades que aqui viviam, viram-se obrigados a mudar seus hábitos linguísticos bruscamente, acarretando na perda de identidade. Consequentemente, a maioria desses descendentes deixou de falar a língua italiana e, principalmente, de ensinar aos seus filhos, pois a escola considerava como errada a língua falada por eles e afirmava que o bilinguismo atrapalharia o aprendizado de português.

O medo e a massiva perseguição do governo obrigaram os imigrantes italianos e seus descendentes a mudar hábitos que estavam arraigados à sua cultura. Além da perda da língua, foi se perdendo parte da história e cultura desse povo.

## 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Para fundamentar e melhor entender a pesquisa sobre crenças e atitudes de descendentes ítalo-brasileiros da cidade de Chapecó-SC, julgamos pertinente abordar, nesta parte da dissertação, temas como a identidade linguística, crenças e atitudes, línguas em contato, bilinguismo e os princípios da Dialetologia Pluridimensional e Relacional.

### 2.1 IDENTIDADE LINGUÍSTICA

Mais que instrumentos de comunicação, a partir das línguas, grupos se distinguem e transmitem suas normas e valores culturais. A sociolinguística nos chama a atenção para o fato de as línguas possuírem significado social, o que possibilita que as pessoas atribuam juízo de valor às línguas em relação ao status social de seus usuários (APPEL; MUYSKEN, 2006). A língua constitui um dos principais fatores de determinação de identidade e etnicidade de um grupo social, pois quanto maior o papel da língua como marca identitária, maior serão as possibilidades de uso e manutenção de uma língua minoritária, por exemplo. (KRUG, HORST, 2015).

A identidade é o que diferencia um grupo, uma etnia ou povo de outro (APPEL; MUYSKEN, 2005; AGUILERA, 2008). Apesar de não existirem critérios específicos para definir grupo étnico, um grupo é considerado étnico quando possui identidade étnica própria e é suficientemente distinto de outros grupos. No entanto, se além dessas características, o grupo possuir língua própria, será chamado de “grupo etnolinguístico” (APPEL; MUYSKEN, 2006).

Sobre etnicidade, de acordo com Fishman (1977, p. 17, *apud* APPEL; MUYSKEN, 2006, p. 12), precisamos levar em consideração três dimensões: a da paternidade, do patrimônio e da fenomenologia. A primeira, e mais importante, é a dimensão da *paternidade*, que indica que a etnia é herdada dos pais, que herdaram dos seus pais e assim sucessivamente. Nesse caso, a etnia está ligada ao sentimento de continuidade. A segunda dimensão é a do *patrimônio*, associada à herança da coletividade, ou seja, comportamentos e visões como: padrões pedagógicos, música, roupas, comportamento sexual, ocupações especiais etc. e a última dimensão é a da *fenomenologia* e diz respeito ao significado que as pessoas atribuem à paternidade e ao seu legado, diz respeito às atitudes subjetivas das pessoas em relação ao pertencimento a um grupo étnico. Ainda segundo Fishman (1977, p. 25, *apud* APPEL; MUYSKEN, 2006, p. 13), a língua é símbolo de excelência da etnicidade, pois ela registra a

paternidade, expressa o patrimônio e sustenta a fenomenologia. Aspectos relevantes da cultura de um povo encontram sua expressão na língua e, muitas vezes, só podem ser expressos, de forma eficaz, na própria língua.

O conceito de identidade não é estanque, pois, ao longo de toda vida, pessoas recriam, infinitamente, sua identidade, influenciados pelas restrições sociais (históricas, institucionais ou econômicas) e interações sociais que vivenciam, mesmo que sejam subjetivas e únicas (TABOURET-KELLER, 2007). Identidade deve ser assumida como resultado do ato de criação humana, isto é, sua produção dependerá do contexto de relações culturais e sociais e não são produtos independentes<sup>11</sup>. Segundo Tabouret-Keller (2007), por sermos seres dinâmicos, ao longo de nossa história, formaremos diversas camadas de identidade, formando redes que poderão ser mais ou menos propensas a mudanças e substituições.

Conforme Silva (2000), o processo de assumir uma identidade anda em conjunto com o processo de negar identidades diferentes:

Além de serem interdependentes, identidade e diferença compartilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística. Dizer que é o resultado de atos de criação significa dizer que não são 'elementos' da natureza, que não são essências, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. A identidade tem que ser ativamente produzida. Ela não é uma criatura do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que a fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. (SILVA, 2000, p. 76)

Por serem produtos de relações sociais e culturais, identidade e diferença possuem juízo de valor e passam por disputas para garantir o privilégio. Afirmar uma identidade e marcar as diferenças implicará nas operações de incluir e excluir e demarcar as fronteiras que afirmam e re-afirmam as relações de poder.

De acordo com Frosi (2013), comumente entendemos identidade como manifestação de pertencimento a um grupo étnico, que compartilha uma cultura, representada, muitas vezes, pela língua ou dialeto que é comum aos membros desse grupo. A autora continua afirmando que, no caso dos grupos italianos e seus descendentes da Região de Colonização Italiana (RCI), o que identifica sua etnia são seus componentes de história de vida em comum, como, por exemplo, a prática da religião católica, seus hábitos alimentares, sua organização social e familiar etc. (FROSI, 2013, p. 104-105). Complementando, segundo Appel e Muysken (2005), a importância da língua aumenta, pois ela se emprega para dar suporte às demais experiências étnicas.

---

<sup>11</sup>Relação entre identidade e diferença, ver Silva (2000).

Sobre a relação entre língua e identidade, Le Page e Tabouret-Keller (1985, *apud* TABOURET-KELLER, 2007, p. 214) afirmam que “os atos de língua são atos de identidade<sup>12</sup>”; dessa maneira, língua e identidade possuem uma estreita ligação. Concomitante, Rajagopalan (1998, p. 41-42) relaciona identidade e língua da seguinte maneira:

A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua. Além disso, a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa. Em outras palavras, as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas. Isso significa que as identidades em questão estão sempre num estado de fluxo. Colocamos essa tese na sua formulação mais radical: falar de identidade, seja do indivíduo falante seja da língua isolada, é recorrer a uma ficção conveniente – inofensiva em si mesma, mas definitivamente prejudicial quando essas considerações aparentemente evidentes se tornam a pedra fundamental de elaboradas teorias linguísticas.

O “estado de fluxo” da identidade apresentado pelo autor significa que a identidade está sempre em curso: assim como a língua evolui, o indivíduo muda, as identidades também irão se modificar e se reconstruir (RAJAGOPALAN, 1998).

A noção de identidade também implica a atitude linguística assumida pelo falante (AGUILERA, 2008), ou seja, o julgamento que determinado falante faz de sua língua determinará a sua manutenção ou substituição. Essas atitudes são influenciadas por fatores como o prestígio ou estigma que essas línguas despertam. Sendo assim, a língua também possuirá juízo de valor, o que faz com que o falante de uma mesma língua passe por situações em que é favorável negar seu uso e por situações em que se sinta orgulhoso em afirmar o uso. Sociedades multilíngues ilustram duas situações de identificação pela língua: a primeira ocorre pelo sentimento de inferioridade, discriminação ou exclusão do grupo dominante, e a segunda pelos sentimentos de familiaridade, reconhecimento, cumplicidade entre aqueles que partilham a língua em comum ou a situação de contato (TABOURET-KELLER, 2007).

Podemos concluir, segundo Krug e Horst (2015, p. 180), que o conceito de “identidade” compreende os seguintes aspectos importantes ao nosso estudo: primeiramente, o fator de a identidade ser múltipla e heterogênea e serem múltiplos os condicionadores e traços sociais, linguísticos e étnicos que a constituem. Ela é dinâmica e, por ser dinâmica e múltipla, pode implicar reações negativas e/ou positivas, conforme o contexto e a situação em que se encontra inserido o indivíduo/falante. A identidade implica diferenças e, em virtude

---

<sup>12</sup>No original: *Language acts are acts of identity*.

disso, se evidencia em contato com outra cultura, principalmente quando está fora do seu espaço ou em um contato com outro grupo étnico e linguístico e, por fim, explora vantagens e desvantagens de assumir uma identidade em determinada situação.

## **2.2 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS**

O estudo de crenças e atitudes vem se destacando, nos últimos anos, por sua importância na identificação de fatores de mudança linguística que influenciam na manutenção e perda linguística, além de fatores que influenciam o aprendizado de uma segunda língua (L2), pois uma atitude favorável à determinada língua pode motivar seu aprendizado.

Estudos sobre crenças e atitudes linguísticas são realizados desde os primeiros estudos sociolinguísticos. Um dos precursores foi William Labov que, em 1963, realizou seu primeiro estudo na ilha de Martha's Vineyard. Naquele trabalho, ele investigou a realização dos ditongos /ay/ e /aw/ entre os falantes da ilha e constatou que a ocorrência desse fenômeno tinha relação com atitudes de rejeição de turistas pelos moradores da ilha.. Essa marcação fonológica funcionava como uma resistência contra a invasão dos veranistas.

Desde então, além de Labov (2008), principalmente após a década de 70, outros estudos sobre crenças e atitudes vêm se destacando, como, por exemplo, López Morales (1993), Moreno Fernández (1998) e Gómez Molina (1998). Além dos fatores sociais como idade, escolaridade, sexo, “muitos estudos atestam a importância do reconhecimento dos padrões de prestígio sustentados pelas comunidades linguísticas e suas influências no processo de variação ou de mudança” (SILVA; AGUILERA, 2014, p. 707).

Para dissertar sobre crenças e atitudes, explicaremos o papel de cada uma de maneira separada, pois, de acordo com Botassini (2015), existem muitas reflexões sobre “atitudes”, porém poucos se preocupam em definir as “crenças”, aparecendo, muitas vezes, imbricadas ou compreendendo as crenças como um componente das atitudes. Para tanto, iniciaremos abordando a definição de crenças para compreendermos sua função junto à atitude, como atuam e como estão ligadas e, na sequência, abordaremos o conceito de atitude.

### *2.2.1 Crenças Linguísticas*

O termo “crença” não conta com uma fácil definição. Muitas são as áreas que se propõem a estudá-la, cada uma com um objeto de estudo diferente. Encontramos, no

dicionário de língua portuguesa, crença como o ato ou efeito de crer; fé religiosa; crendice superstição; convicção íntima; forma de assentimento que se dá às verdades de fé, que é objetivamente insuficiente, embora subjetivamente se imponha com grande convicção; opinião adotada com fé e convicção (MICHAELIS, 2011; FERREIRA, 2008).

De acordo com Barcelos (2007), crença é um conceito antigo, pois, desde que o ser humano começou a pensar, ele começou a acreditar em algo. A autora adota a seguinte definição de crenças:

[Crenças são] uma forma de pensamento, construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais. (BARCELOS, 2007, p. 113)

Ainda, segundo Barcelos (2007), essa definição de crenças é recente e pode ser caracterizada da seguinte forma: como *dinâmica*, pois vai mudando conforme o tempo ou a situação; *emergentes, socialmente construídas e situadas contextualmente*, já que, à medida que interagimos e mudamos nossas experiências, simultaneamente modificamos nossas crenças; *experienciais*, dado que nossas crenças são parte da construção e reconstrução de nossas experiências; *mediadas*, pois são caracterizadas como instrumentos de mediação utilizados pra regular a aprendizagem e solução de problemas; *paradoxais e contraditórias*, modo que a crença pode ser individual e única ao mesmo tempo em que é social, pois cada ser a assimila de maneira especial; *relacionadas à ação de uma maneira indireta e complexa*, porque, apesar de existir grande influência do comportamento, nem sempre agimos de acordo com nossas crenças; e *não tão facilmente distintas do conhecimento*.

Conforme Bronckart e Prévost (2001, p. 198 apud PASTORELLI, 2001), a crença é definida num sentido mais amplo como a atitude de adesão a uma hipótese, cuja verdade pode ou não ser demonstrada. Para esses autores, a crença é sustentada por elementos do conhecimento e pelo sentimento subjetivo de ordem. Ela encontra-se distribuída por três graus: o inferior, no qual se situa a opinião, probabilidade e dúvida; o superior, no qual o saber está depositado, como crença assertiva, fundada por conhecimentos socialmente reconhecidos; e o intermediário, no qual se situa a crença propriamente dita, que exclui a dúvida ou a certeza. De acordo com Pastorelli (2001), a crença pode ser fundada em valores morais, religiosos ou ser resultado do senso comum ou de conhecimentos fundamentados em interesses individuais e sociais.

Dessa forma, podemos concluir, segundo Pastorelli (2001), que as crenças podem estar

integradas a uma suposta cognição ou componente afetivo, ambos de origem social e mesmo que nem todas as crenças produzam atitudes, a maioria aponta para uma tomada de posição.

### 2.2.2 Atitudes Linguísticas

A palavra atitude tem diversos significados, entre os principais, encontramos os sinônimos: *comportamento*, *postura* e *reação*. Sendo assim, conforme Frosi, Faggion e Dal Corno (2010), uma atitude pode ser entendida como a postura que se tem perante pessoas, objetos ou situações, podendo se manifestar de forma positiva ou negativa.

A primeira área que se interessou em investigar crenças e atitudes foi a Psicologia Social, na década de 60. Essa área contribuiu com subsídios para o estudo da função que os motivos, as crenças e a identidade exercem no comportamento do indivíduo (CORBARI, 2012). Na Sociolinguística, o estudo de atitudes linguísticas tem, entre suas principais funções, contribuir para a compreensão de determinada atitude de um grupo em relação à sua língua e à língua de outrem. Como afirma Kaufmann (2012), o estudo de atitudes é realizado para analisar fenômenos que dizem respeito ao comportamento linguístico, ou seja, ao comportamento relacionado a uma variedade específica ou mais, sendo esse comportamento ligado à perda, manutenção, preconceito ou estigma à determinada variedade, por exemplo.

Sobre o conceito de atitudes linguísticas, Moreno-Fernández (1998, *apud* TAVARES; SANTOS, 2012, p. 118) afirma que:

A atitude linguística é uma manifestação da atitude social dos indivíduos, distinguida por centrar-se e referir-se especificamente tanto a língua como ao uso que ela tem na sociedade, e ao falar de “língua” incluímos qualquer tipo de variedade linguística: atitudes acerca de estilos diferentes, socioletos diferentes, dialetos<sup>13</sup>. (Tradução nossa)

Para Lambert e Lambert (1972, p. 78), uma atitude não é algo desordenado ou caótico, mas, sim, uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais e acontecimentos ocorridos em nosso meio. E complementam,

Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir. Dizemos que uma atitude está formada quando esses componentes se encontram de tal modo inter-relacionados que os sentimentos e tendências relativas específicas ficam coerentemente associados com uma maneira

---

<sup>13</sup>Do original: La actitud lingüística es una manifestación de la actitud social de los individuos, distinguida por centrarse y referirse específicamente tanto a la lengua como al uso que de ella se hace en sociedad, y al hablar de “lengua” incluimos cualquier tipo de variedad lingüística: actitudes hacia estilos diferentes, sociolectos diferentes, dialectos.

particular de pensar em certas pessoas ou acontecimentos (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 78).

Ainda, de acordo com Kaufmann (2012), Lambert e Lambert (1972), Rodrigues (1972), Moreno Fernández (1998), López Morales (2004), dentre outros estudiosos, a atitude é composta por três componentes: o componente cognitivo, que reflete convicções e crenças sobre o objeto da atitude; o componente afetivo, que gera sentimentos positivos ou negativos do objeto da atitude e o componente conativo, que diz respeito às intenções comportamentais, a pré-disposição ou intenção relativa do que se pretende dizer ou fazer. A constituição da atitude depende que esses três componentes estejam “inter-relacionados de tal forma que aquilo que se sente e a maneira como se reage diante de um objeto social estejam coerentemente associados ao modo como se pensa a respeito dele” (BOTASSINI, 2015, p. 114).

Conforme Lasagabaster (2005), o ser humano forma atitudes em relação a coisas, pessoas, instituições, eventos e ideias, porém um dos maiores obstáculos é que ela não pode ser diretamente observada e medida, pois é uma inferência que se faz do comportamento. O autor comenta que as atitudes linguísticas não devem ser vistas separadamente, pois os aspectos sociais as influenciam:

Não há dúvida de que as atitudes são diretamente influenciadas por fatores ambientais excepcionalmente poderosos, como a família, o trabalho, a religião, os amigos ou a educação, até o ponto em que as pessoas tendem a ajustar suas atitudes para se conformarem com as mais prevalentes no plano social grupal a que pertencem<sup>14</sup> (LASAGABASTER, 2005, p. 399, tradução nossa).

Na sociolinguística, o estudo de atitudes adquiriu grande importância na crença de que as reações das pessoas de diferentes idiomas ou variedades de língua revelariam grande parte de suas percepções em relação aos falares. Embora pareça óbvio que as atitudes predigam o comportamento social, existe uma lacuna entre esses dois termos, pois nem sempre o que as pessoas dizem (suas atitudes expressadas) tem relação com o que fazem (seu real comportamento), mesmo que conhecer nossas atitudes ajuda a prever nosso comportamento (LASAGABASTER, 2005). Uma conclusão encontrada por Lasagabaster (2005, p. 401) é de que uma atitude não é comportamento, mas, sim, uma predisposição para o comportamento, para responder, de maneira particular, ao objeto de atitude.

---

<sup>14</sup>Do original: *It is beyond any doubt that attitudes are directly influenced by exceptionally powerful environmental factors such as the family, work, religion, friends or education, up to the point that people tend to adjust their attitudes to conform with those that are most prevalent in the social groups they belong to in order for an attitude problem to be superseded.* (LASAGABASTER, 2005, p. 399)

Além disso, conforme Lasagabaster (2005), a atitude pode ser tanto uma predisposição quanto um resultado, pois, se um aprendiz de segunda língua (L2) tem atitudes positivas perante a língua, poderá alcançar um nível de proficiência mais alto do que aquele aprendiz que demonstra uma atitude negativa. As atitudes também podem ser um resultado, uma vez que, quanto maior a competência em determinada L2, mais positiva será a atitude do aprendiz por ela.

Para Botassini (2015), o estudo de crenças e atitudes pode se aplicar às discussões sobre os fatores condicionantes de mudanças linguísticas, à influência em aprender uma L2 e à questão sobre prestígio e desprestígio principalmente em relação à comunidade desses falantes. Para Kersch (2012), os estudos de atitudes objetivam identificar que significado social tem a variedade linguística de uma pessoa para outras, ou, em suas palavras, “quem usa determinada variedade, onde e para quê, e como isso leva as pessoas a associarem esse uso a determinada condição social” (KERSCH, 2012, p. 398).

Botassini (2011) complementa que:

A importância dos estudos relativos a crenças e atitudes linguísticas está na possibilidade de compreender e de detectar, entre outros aspectos, os fatores de mudanças linguísticas, os preconceitos linguísticos em relação às variedades linguísticas e aos seus falantes, os quais podem contribuir para a desvalorização de variedades dialetais e, por extensão, de marcas identitárias (BOTASSINI, 2011, p. 67).

Atitudes linguísticas e identidade possuem uma estreita ligação. Segundo Aguilera (2008), a atitude linguística que o falante assume implica a noção de identidade, definida como “a característica ou o conjunto de características que permitem diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra, um povo de outro” (AGUILERA, 2008, p. 105-106).

Sobre a noção de identidade do grupo, a autora continua:

qualquer atitude em relação aos grupos com determinada identidade pode, na realidade, ser uma reação às variedades usadas por esse grupo ou aos indivíduos usuários dessa variedade, uma vez que normas e marcas culturais dos falantes se transmitem ou se sedimentam por meio da língua, atualizada na fala de cada indivíduo (AGUILERA, 2008, p. 106).

A alternância de uso de determinada língua, em contextos bilíngues, como afirma Kersch (2012), ocorre porque cada uma das variedades será usada para fins específicos, sendo assim, quanto maior o número de domínios em que determinada língua for usada, maiores serão as chances de manter essa língua. Segundo essa mesma autora, as atitudes linguísticas são avaliações subjetivas, muitas vezes inconscientes, feitas em relação às variedades em

questão e que, na maioria das vezes, se estendem a seus falantes. A língua é a expressão da identidade e é por meio dela que um falante vai demonstrar pertencimento a determinado grupo.

Botassini (2011) reforça a ideia de que inúmeras identidades lutam por sua existência e afirmação e se revelam pelos valores e hábitos, forma de ser, agir e falar, por aquilo que distingue as pessoas. A fala, principalmente, é carregada de valor social, o que, frequentemente, leva a julgar as pessoas como pertencentes a determinado grupo específico, nos baseando apenas em sua fala.

### **2.3 LÍNGUAS EM CONTATO**

O estudo aqui apresentado aborda o contato existente entre a língua portuguesa e a língua italiana na Região Sul do Brasil. Dessa maneira, torna-se necessário retomar aspectos teóricos sobre línguas em contato.

Desde a chegada dos portugueses ao Brasil, na época do descobrimento, nosso país vive uma história de contatos linguísticos. Ao longo dos mais de cinco séculos de história, chegaram ao território brasileiro e conviveram com os povos indígenas, que já viviam aqui, europeus, africanos e asiáticos (RASO; MELLO; ALTENHOFEN, 2011). Provenientes de várias partes desses continentes, esses povos trouxeram consigo uma enorme gama cultural e linguística. O cenário sociolinguístico brasileiro da contemporaneidade foi constituído a partir das heranças desses povos e, atualmente, ainda é possível encontrar, no território nacional e, principalmente, na Região Sul do país, o português, como língua majoritária, e línguas minoritárias como línguas indígenas, variedades regionais da língua portuguesa, línguas de imigração, línguas de comunidades afro-brasileiras, línguas de sinais e línguas crioulas (ALTENHOFEN, 2013).

Precisamos levar em conta as palavras de Coseriu quando afirma que não falamos um único português ou um único alemão, e sim falamos variedades dessas línguas: “lo que se habla es siempre alguna forma determinada del [português], del [alemán]” (1982, p. 16), o que significa que o que entra em contato são sempre variedades de uma determinada língua. A diversidade linguística aumenta quando o contato ocorre entre várias línguas, como é o caso do contato entre português com o italiano como língua de imigração.

Além das migrações externas, outro fator que propiciou e propicia o contato linguístico são as migrações internas ocorridas no Brasil, principalmente no final de século XIX e início do século XX, para a ocupação de áreas ainda não exploradas, e que ocorrem até

os dias atuais, pois a facilidade da mobilidade propicia a topodinâmica dos povos.

O Brasil é um grande campo de estudos de contatos entre línguas. De acordo com Margotti (2004), existem “variantes regionais, sociais e estilísticas do português do Brasil, como língua comum e oficial, a presença de etnias diversas (que) resultou num quadro variado de línguas, falares, dialetos que convivem lado a lado com a língua oficial” (2004, p. 45). Somos um país multicultural e plurilíngue, pois, além das diversas línguas existentes, contamos com as variedades da língua portuguesa. Além disso, segundo Altenhofen (2013), o número de línguas brasileiras chega a cerca de 330, entre línguas de imigração e indígena, entretanto o número de falantes não ultrapassa 1% da população brasileira.

A crença no monolinguismo predomina enraizada em nosso país. Como consequência, as línguas minoritárias são, na maioria das vezes, associadas à perda, extinção e substituição. Nos últimos anos, linguistas e outros estudiosos começaram a se preocupar com essa perda como de qualquer outro patrimônio cultural imaterial. Aos poucos, novas políticas de língua vêm sendo criadas e, para mudar essa realidade, “é preciso passar do pensamento monolíngue homogêneo que historicamente deu o tom às políticas linguísticas no Brasil para o pensamento plurilíngue pressuposto por essas novas políticas” (MORELLO; ALTENHOFEN, 2013, p. 5).

## **2.4 BILINGUISMO**

A aproximação entre duas línguas gera o bilinguismo. Por muito tempo, esse conceito foi definido como o domínio igual de duas línguas. Bloomfield (1933) definiu o bilinguismo como o conhecimento perfeito de uma língua estrangeira, pela qual o falante deveria ter proficiência similar à de um nativo da língua. Haugen (1953) observa que o bilinguismo começa quando o falante de uma língua pode produzir enunciados significativos completos na outra língua. Essas formulações são muito evasivas, uma vez que falantes de duas línguas não as usam num mesmo contexto.

Romaine (1995) afirma que qualquer sociedade que produza funcionalmente bilíngues equilibrados que usam duas línguas igualmente bem em todos os contextos, em breve deixará de ser bilíngue, pois nenhuma comunidade precisa de duas línguas para a mesma função.

Definições mais antigas procuravam restringir o bilinguismo como domínio de duas línguas em mesmo grau, enquanto as mais atuais permitem maior variação de competência (EDWARDS, 2006), e é nessas vertentes mais atuais que nos apoiaremos.

Heye definiu o bilinguismo como sendo a “situação em que coexistem duas línguas como meio de comunicação num determinado espaço social, ou seja, um estado situacionalmente compartimentalizado de uso de duas línguas” (HEYE, 2003, p. 34).

Para Mackey (1972), o bilinguismo não é um fenômeno da língua, é uma característica de seu uso, e, enquanto a língua é propriedade de um determinado grupo, o bilinguismo é propriedade do indivíduo. O conceito de bilinguismo é relativo, pois é praticamente impossível determinar o ponto em que o falante se tornou bilíngue. Essa definição está ligada a um padrão de comportamento de práticas linguísticas que se modificam mutuamente variando em grau, função, alternância ou interferência, isto é, o quanto o falante é bilíngue, para que usa as línguas, até que ponto alterna as línguas e como o falante as mantém.

Sobre medir o grau de bilinguismo, pessoas, constantemente, tentam fazer comparações, tentando localizar semelhança, ordem ou padrão ao ser bilíngue, porém, assim como dimensões e categorizações nunca podem capturar a natureza cheia de bilinguismo, do mesmo modo, maneiras de medição normalmente não conseguem captar totalmente diferentes dimensões conceituais e categorizações (ROMAINE, 1995).

Romaine (1995) defende que é possível a educação bilíngue, pois as crianças conseguem adquirir mais do que uma língua ao mesmo tempo, ou podem adquirir uma das línguas antes da outra, consecutivamente ou sucessivamente, em seus diferentes níveis.

O bilinguismo, aqui, é visto como fator positivo para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo. Appel e Muysken (1992) apresentam três argumentos que dizem respeito aos objetivos gerais relativos ao ensino das línguas minoritárias às crianças: ensinar línguas minoritárias ajuda a evitar a assimilação linguística e cultural forçada em grupos majoritários; o reconhecimento da língua (e cultura) dos grupos minoritários melhora as relações sociais e culturais entre esses grupos e o restante da sociedade; e países, principalmente de Terceiro Mundo, que ensinam línguas minoritárias conseguem alcançar, de maneira mais eficiente, grupos isolados que não participam na sociedade em geral.

## **2.5 O URBANO E O RURAL**

O campo de estudo da nossa pesquisa consiste nos espaços urbanos e rurais do município de Chapecó-SC. Buscamos, a partir deles, compreender em que medida o contato que ocorre nesses espaços tem influência na variedade linguística utilizada pelos moradores destas comunidades, dado que, segundo Pinheiro, “o espaço linguístico é um espaço

heterogêneo constituído por variedades, que são responsáveis pela variação da língua” (2012, p. 04).

Ainda, segundo a mesma autora, o estudo de espaço compreende diversas áreas de saber. Contudo, para tal objetivo, discutiremos a visão de espaço pela geografia para uso da linguística, sendo esse: “o espaço como dimensão para investigação de estruturas linguísticas, e ao mesmo tempo o espaço físico, que serve de palco para os contatos entre línguas e suas variações” (PINHEIRO, 2012, p. 04).

A formação linguística do Brasil provém de sua constituição histórica e está diretamente associada à distribuição da população em espaços sócio geográficos urbanos e rurais. A população brasileira, no período colonial (1532 – 1822), foi predominantemente rural. A urbanização iniciou a partir da independência do país, mas só ocorreu de fato a partir da segunda metade do século XX (RIBEIRO; LACERDA, 2013). Antes disso, aos poucos, a urbanidade vinha se desenvolvendo no Brasil, a partir do século XIX, com a vinda da Família Real, que começou a investir nos centros urbanos, lugar que a grande maioria das pessoas desejava viver. Esse cenário se intensificou com o processo de industrialização, provocando mudanças socioculturais (ROMANO; ISQUERDO, 2007).

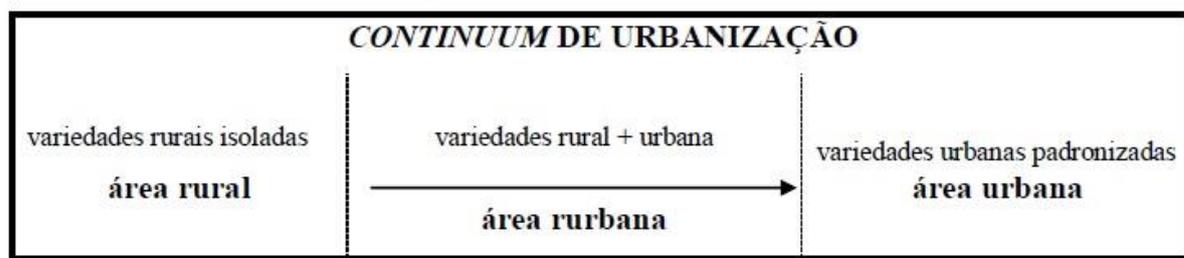
Com as migrações para os centros urbanos do país, ocorrida ao longo do século XX, a urbanização se tornou mais frequente, e, em consequência, ocorreu o êxodo rural, pois, de acordo com Ribeiro e Lacerda (2013), o espaço urbano oferecia ascensão socioeconômica, atraindo o morador do campo pela esperança da melhoria de vida. Atualmente, o Brasil é considerado um país urbano e, em decorrência disso, diminui cada vez mais a população rural e aumenta a aglomeração de pessoas nas grandes cidades.

Metodologias como a da dialetologia tradicional, até algumas décadas atrás, centravam seus estudos na variação geográfica em áreas rurais, pois essas áreas eram providas de isolamento. Grande parte dos trabalhos da geografia linguística teve em comum o tipo de informantes que, indiferente da região pesquisada, possuíam as características que Chambers e Trudgill (1980, p. 29) denominaram NORMs “nonmobile, older, rural males”, ou seja, homens de mais idade, com pouca ou nenhuma mobilidade e moradores de comunidades rurais. Um dos seus principais objetivos era a gravação do autêntica variedade local de falantes rurais, estes eram considerados os melhores guardiões das antigas variedades locais urbanas (VANDEKERCKHOVE, 2010). Como exemplo, o Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul (ALERS), utilizou desse perfil de informante para sua coleta de dados.

O isolamento do vernáculo rural passou a perder força com os movimentos migratórios da década de XX e com a difusão dos meios de comunicação em massa, que

aproximaram a fala urbana da fala rural. É preciso observar que a dicotomia urbano vs rural não se mantém nos dias de hoje. Conforme Silva (1999), fica difícil delimitar o que é o urbano e o que é o rural, pois, do ponto de vista espacial, o rural pode ser considerado um *continuum* do urbano. Bortoni-Ricardo (2005, p. 24) estabelece três “contínuos” para uma possível sistematização da relação rural/urbano: *continuum* de urbanização, *continuum* de oralidade/letramento e *continuum* de monitoração estilística. Para nosso estudo, assim como para o estudo de Marins (2012), consideraremos o primeiro: *continuum* de urbanização, pois ele representa a variação diatópica rural/urbano (BORTONI-RICARDO, 2005). A figura que segue, foi produzida por Marins (2012) e está baseada na teoria elaborada por Bortoni-Ricardo (2005) e ilustra o *continuum* de urbanização:

**Figura 1:** *Continuum* de urbanização.



Fonte: Martins (2012).

Na Figura 1, é possível perceber, de um lado, as variedades rurais frequentemente isoladas e menos passíveis de influência e no outro extremo, as variedades urbanas, que sofrem maior influência da língua padrão (MARINS, 2012).

A fala urbana e a fala rural são marcadores de identidade linguística (FRIJHOFF, 2004 apud VANDEKERCKHOVE, 2010), e a elas deriva o prestígio e o estigma de fazer parte de cada comunidade. Aos povos de cidades, existe a crença de “falar certo” e aos de cidades menores e do interior a “fala caipira” ou “errada”, como consequência, esses dois últimos tentam imitar a língua dos grandes centros para derivar deste prestígio.

A língua urbana geralmente é referida como sendo mais suscetível à mudança do que a língua rural, porém isso não implica que a linguagem rural seja estática. É praticamente impossível uma língua manter-se estável e resistir a mudanças e a influências externas, já que, atualmente, os contatos são facilmente estabelecidos e a mobilidade é abundante. Antigamente, a mobilidade geográfica era muito limitada, com exceção de algumas aldeias que foram completamente isoladas, a maioria tinha, pelo menos, alguns contatos com outras comunidades rurais ou urbanas (VANDEKERCKHOVE, 2010).

Margotti (2004) acrescenta que os habitantes rurais, por viverem mais isolados dos urbanos, estão menos sujeitos à influência externa. Por essa razão, são considerados linguisticamente mais conservadores. A fala urbana, por outro lado, detém maior prestígio e, por isso, pressupõe que seja a principal condução para mudança linguística.

## 2.6 OS PRINCÍPIOS DA DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL

Nesta parte, serão tratados os aspectos principais da ciência ampla da variação linguística. Para isso, abordaremos as diferenças entre os modelos teóricos da *Dialetologia Areal* ou *Geolinguística Tradicional*, da *Sociolinguística* e da *Dialetologia Pluridimensional*.

### 2.6.1 Caminhos até uma ciência ampla da variação linguística

Até algumas décadas atrás, o escopo de análise da variação linguística centrava-se numa metodologia chamada de *Dialetologia Areal* ou *Geolinguística Tradicional*. Um dos seus principais objetivos era a gravação do autêntico dialeto local de falantes rurais, também conhecidos como ROM<sup>15</sup> (*Rural Old Man*) ou NORMS<sup>16</sup> (*Non-mobile, older, rural males*). Estes eram considerados os melhores guardiões das antigas variedades locais. A preferência por informantes rurais manifesta-se, desde o início do século XX, como no *Atlas Linguistique de la France* organizado por Gillierón, que tinha como normas para seleção de informantes serem cidadãos mais velhos, do sexo masculino, rurais e com pouca ou nenhuma mobilidade geográfica (VANDEKERCKHOVE, 2010).

A opção de escolher esse perfil de informante baseou-se nos interesses dos estudos da gramática comparativa, no século XIX, que tinha como objetivo saber como era a língua em tempos pretéritos, ou seja, sobre a língua sem influências externas ou, antes de ocorrerem certas mudanças. Até esse momento, acreditava-se que as mudanças linguísticas provinham de fatores estruturais, mas só posteriormente que as mudanças linguísticas foram atribuídas também aos fatores sociais.

Esse tipo de estudo, por ter apenas um perfil de informante, focava seu estudo exclusivamente na dimensão diatópica, ou seja, na diferença de pontos de pesquisa. Por conta disso, era uma *dialetologia monodimensional*. O foco principal da geolinguística continua sendo a variação areal, apesar de considerar diferentes dimensões, inclusive social. Segundo

---

<sup>15</sup>Cf. Trudgill (1983, p. 33)

<sup>16</sup>Cf. Chambers & Trudgill (1988, p. 29)

Borella (2014), a maioria dos mapas linguísticos nacionais publicados no Brasil até o momento é monodimensional. Um exemplo de Atlas produzido em caráter monodimensional é o *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS, 2011), o qual dispõe de cartas semântico-lexicais, morfossintáticas e fonética-fonológicas produzidas a partir de entrevistas realizadas em 275 pontos de áreas rurais e 19 em áreas urbanas. Apesar das limitações do método, a partir dele, foi possível produzir cartas linguísticas que indicavam registros autênticos de fala, num período que estudos de língua falada vinham se consolidando.

Estudos linguísticos mais atuais sugerem que não há um dialeto puro, já que as línguas possuem variedades e recebem sinais de influência de outras (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994). Atualmente, é praticamente impossível uma língua manter-se estável e resistir a mudanças e a influências externas, uma vez que os contatos são facilmente estabelecidos, e a mobilidade é abundante.

A crise da dialetologia monodimensional ocorreu em razão do desenvolvimento do prestígio que a sociolinguística alcançou. De acordo com Bright (1966 *apud* CALVET, 2002, p. 29), essa ciência tem como uma de suas maiores tarefas “mostrar que a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlatada às diferenças sociais sistemáticas”. Aos estudos sociolinguísticos, associam-se fatores extralinguísticos como idade, gênero, classe social etc.

O objeto de estudo da Sociolinguística é a língua usada cotidianamente nas comunidades sociais de fala. De acordo com Labov (2008, p.13), o precursor desses estudos, a língua é o “veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos”. Por isso, é um fenômeno de origem social, ativo e variável, que está suscetível a mudanças sincrônicas ou diacrônicas, devido a influências internas e externas ao falante.

Um exemplo conhecido desse tipo de estudo foi desenvolvido por Labov, em 1963, na ilha de Martha's Vineyard<sup>17</sup>, no estado de Massachusetts. Esse estudo pioneiro sobre a centralização dos ditongos ay/aw comprovou a influência da motivação social na concretização de uma mudança sonora. Quando um vineyardense utilizava o fenômeno fonético de centralização, que se encontrava apenas no inglês arcaico, “[...] está inconscientemente expressando o fato de que pertence à ilha: de que é um dos nativos a quem a ilha realmente pertence” (LABOV, 2008, p. 57). Desse modo, essa marca linguística

---

<sup>17</sup>Ilha, com paisagens paradisíacas, possuía, em 1960, cerca de 2.000 habitantes, estratificados entre pescadores, indígenas e açorianos. Porém, no verão, turistas visitam-na e sua população expande-se para mais de 40.000 habitantes.

identitária os diferencia dos turistas ou dos habitantes locais que desejam abandonar a ilha em busca de outro espaço para residir.

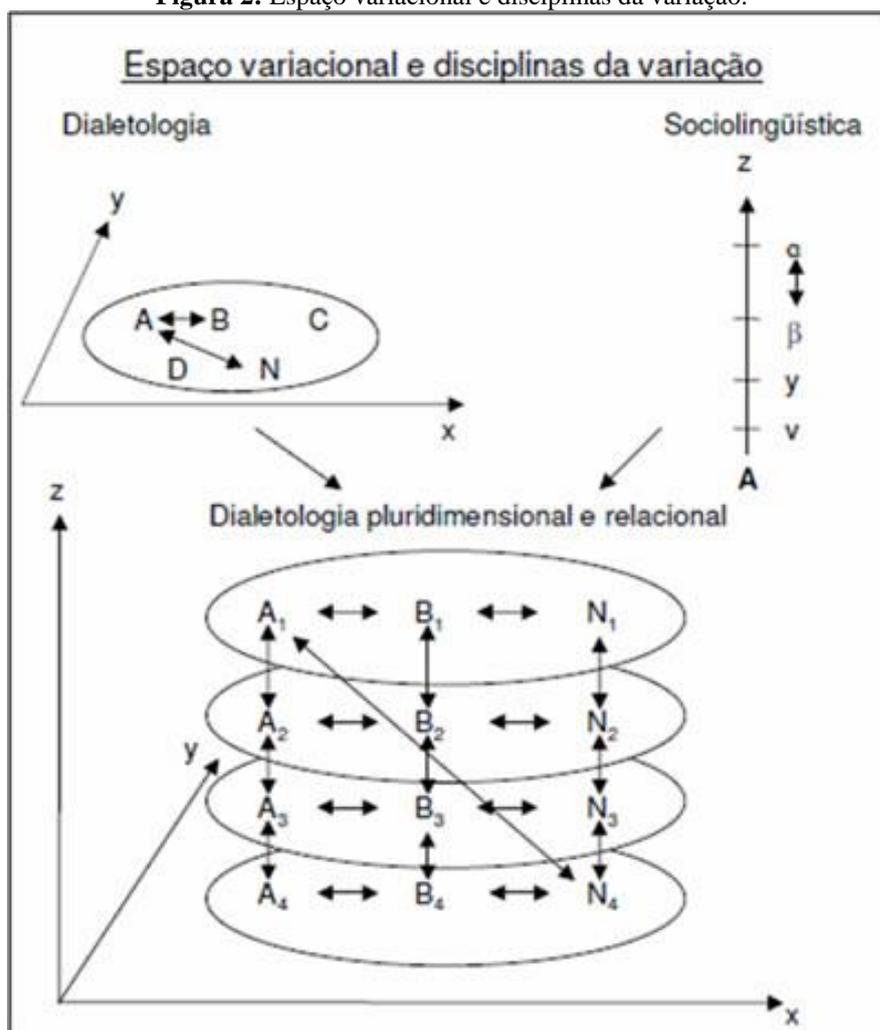
Esse tipo de abordagem, ao mesmo tempo em que acrescenta fatores extralinguísticos ao estudo, limita o espaço de análise que a dialetologia areal trabalha. Thun (1998) afirma que essa dialetologia era limitada, sendo monodimensional, e propõe a vinculação de parâmetros sociais. A essa nova vertente denomina de Dialetologia Pluridimensional e Relacional. Com esse novo modelo de estudo, acredita-se ser possível uma maior aproximação com a realidade do fenômeno, possibilitando a produção de uma descrição mais precisa do que realmente acontece (KRUG, 2011). O novo princípio da pluridimensionalidade possibilita crescer mais dimensões e, ao mesmo tempo, relacioná-las entre si, viabilizando coletar um maior número de informações para explicar determinado fenômeno de variação linguística.

A Dialetologia Pluridimensional e Relacional pode ser entendida como uma junção de outras duas disciplinas: a Dialetologia areal e a Sociolinguística, sendo que as duas eram disciplinas incompletas. A primeira focava seus estudos em apenas um tipo de informante, normalmente cidadãos mais velhos, do sexo masculino, rurais e com pouca ou nenhuma mobilidade geográfica, porém em vários pontos de pesquisa: “espacialidade”, e a segunda, apesar de trabalhar com fatores extralinguísticos, ou seja, “socialidade”, centrava seu trabalho em apenas uma localidade de estudos. Concluindo, segundo Thun (1998):

La Dialectología areal y la Sociolingüística, disciplinas históricamente separadas, confluyen en una geolingüística ampliada que puede llamarse oportunamente “Dialectología pluridimensional” y que se entiende como parte de la ciencia general de la variación lingüística y de las relaciones entre variantes y variedades por un lado y hablantes por el otro (THUN, 1998, p. 704)

Thun (1998) afirma que essa nova disciplina deixa de ser monodimensional e passa a ser tridimensional, analisando concomitantemente parâmetros tanto do eixo horizontal (diatópico), quanto do eixo vertical (diassexual, diageracional, diastrático etc.) e o relacional, ou seja, a relação existente entre os dois primeiros. Para melhor compreensão e visualização da metodologia proposta, na sequência, anexamos o esquema formulado por Thun (1998; 2005):

**Figura 2:** Espaço variacional e disciplinas da variação.



Fonte: Thun (2005, p. 67).

A Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional deve analisar todos os níveis e todas as relações que ocorrem entre eles. O foco desse estudo não está na representação de dialetos puros, mas dá ênfase à análise de variedades mistas, na descrição do *contínuo variacional*, no contato entre línguas majoritárias e minoritárias. O interesse desta ciência está nas línguas em contato e na possibilidade de cartografar essas diversas realidades, possibilitando também o estudo de atitudes metalinguísticas dos falantes em comparação com os seus comportamentos linguísticos (THUN, 1998, p. 706).

### 2.6.2 Dimensões observadas na Dialetoлогия Pluridimensional

A dialetologia pluridimensional se diferencia da dialetologia monodimensional por incluir novos parâmetros à análise, como as variáveis extralinguísticas. Cada dimensão possui características próprias, que serão elencadas na sequência:

1. **Dimensão dialingual:** Trata das línguas ou variedades incluídas no estudo, ou seja, o contato existente entre duas ou mais línguas faladas pelos informantes da pesquisa. Por ex. Contato entre Espanhol e Português ou o contato entre as variedades sulistas e nordestinas do Português.
2. **Dimensão diatópica:** Analisa os diferentes pontos de coleta de dados. Nessa dimensão, é observada a relação entre a ocorrência de determinada variante dentro de um determinado espaço geográfico. Pode ser dividida em dois tipos: topoestática e topodinâmica: a primeira limita o estudo a informantes demograficamente estáveis; a segunda, tem o foco em informantes que se deslocam ou deslocaram, flexibilizando o critério de seleção de informantes.
3. **Dimensão diastrática:** Refere-se à classe social que, para Thun (1996), é determinada pela escolaridade, sendo geralmente considerados como Classe Alta (Ca) informantes que possuem ensino superior, completo ou incompleto, e como Classe Baixa (Cb) informantes com baixa escolaridade até Ensino Médio.
4. **Dimensão diageracional:** Aborda a diferenciação de grupos pela faixa etária dos entrevistados: a Geração II (GII) é composta, por exemplo, informantes com mais de 55 anos de idade, e a Geração I (GI) é formada por informantes entre 18 e 36 anos de idade. Essa dimensão permite observarmos a mudança linguística de uma geração para a outra, num sistema chamado tempo aparente.
5. **Dimensão diassexual:** Também chamada de diagenérica, essa dimensão refere-se à separação por gênero/sexo, sendo a variação de fala entre homens e mulheres.
6. **Dimensão diafásica:** Conhecida também como variação estilística, diferentes estilos diferentes de coleta de dados, que podem ser, por exemplo: *leitura* (normalmente, da Parábola do Filho Pródigo), *resposta ao questionário* ou *conversa livre ou dirigida*. Esses três níveis de entrevista configuram uma escala de espontaneidade de respostas. De acordo com Thun (1996), a leitura é o estilo mais controlado, seguido pela resposta ao questionário, e o estilo menos monitorado é a conversa livre.
7. **Dimensão diarreferencial:** Essa dimensão diz respeito dos comentários metalinguísticos realizados pelos informantes no decorrer das entrevistas. Esses comentários surgem, principalmente, pelas características da metodologia de coleta de dados, que são a pluralidade de informantes e a técnica de três tempos. A técnica de três tempos é aplicada na

conversa dirigida e consiste em três passos: *pergunta*, *insistência* e *sugestão*. Com ela é possível, além da resposta espontânea, obter outras variantes que também fazem parte do repertório da comunidade.

8. **Dimensão diarreligiosa:** Trata da importância que a fé religiosa desempenha no uso de uma determinada língua ou variedade.

É possível incluir outras dimensões conforme os objetivos da pesquisa e o contexto, como por exemplo, bairros, rural vs. Urbano, profissão, raça, etnia, etc.

Cada dimensão engloba determinados parâmetros que são contrastados pela multiplicidade de cruzamentos de dados que podem ser realizados, mas nem todas as dimensões podem ser utilizadas em todos os estudos. É necessário, então, fazer uma seleção de quais dimensões devem ser analisadas. Segundo Thun (1998), existem algumas dimensões que formam um grupo *standar* (ou padrão) para os estudos dialetológicos. Esses são definidos pelo critério sociocultural (diastrático) e pela idade (diageracional) e são representados a partir da cruz, apresentada na figura a seguir, formulada por Thun (1996; 1998), que é também uma opção de representação gráfica dos dados nos mapas linguísticos ou quadros para a análise de dados.

**Figura 3:** Esquema de cruz

CaGII	CaGI
CbGII	CbGI

Fonte: Thun (1998, p. 711)

Ainda, de acordo com Thun (1998), o esquema de cruz está distribuído da seguinte maneira: na seção superior, está a classe sociocultural alta (classes representadas pela escolaridade), e, na seção inferior, está a classe sociocultural baixa. A seção da esquerda está destinada à geração mais velha (GII), e a seção à direita para a geração mais jovem (GI). Os atlas produzidos a partir da pluridimensionalidade apresentam seus dados desta maneira.

### 3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Para o objetivo de analisar dados linguísticos que indicam crenças e atitudes linguísticas em relação ao *Pt.-RS* e ao *talian* no meio urbano e rural da cidade de Chapecó-SC, utilizamos a metodologia baseada nos princípios da Dialetologia Pluridimensional e Relacional. Essa metodologia permite coletar um número maior de informações para explicar determinado fenômeno. Para atender tal objetivo, uma pesquisa de campo foi realizada no ponto urbano e ponto rural de Chapecó-SC, seguindo os mesmos princípios da teoria da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, com a realização de uma entrevista, que visa levantar dados sobre comportamentos e percepções dos falantes em relação às suas línguas.

#### 3.1 PERFIL E SELEÇÃO DE INFORMANTES

A escolha dos informantes deu-se seguindo alguns critérios característicos da base metodológica utilizada; sem esses, a relação entre os dados não poderia ser traçada.

Como primeiro requisito, todos os informantes deveriam estar morando, atualmente, na área de pesquisa. Sendo assim, os informantes da região urbana deveriam morar no Centro ou bairros dentro da área urbana da cidade de Chapecó, e os informantes da região rural deveriam morar na Comunidade de Colônia Cella ou Distrito Sede Figueira. Além disso, foram incluídos apenas informantes que tivessem vivido toda sua vida ou pelo menos 3/4 dela na localidade de pesquisa e, obrigatoriamente, nos últimos 5 (cinco) anos.

Os informantes do meio rural foram indicados por uma moradora da comunidade de Colônia Cella que, há alguns anos, trabalha na escola de Distrito Sede Figueira. Os informantes do meio urbano foram indicados por conhecidos. Obedecendo aos parâmetros *standard* (padrão) da pluridimensionalidade, que constituem a cruz de Thun (1998; 2010), foram selecionados para a pesquisa, em cada ponto de coleta, oito informantes, formando os quatro grupos sociais (CaGII; CaGI; CbGII e CbGI).

Sendo assim, em cada localidade de pesquisa, foram entrevistados: um homem e uma mulher da CaGI (Ensino Superior e idade entre 18 e 36 anos); um homem e uma mulher da CaGII (Ensino Superior completo e idade acima de 55 anos); um homem e uma mulher da CbGI (escolaridade até Ensino Médio e idade entre 18 e 36 anos); e um homem e uma mulher da CbGII (escolaridade até Ensino Médio e idade acima de 55 anos). Para melhor interpretação, confira a figura 4:

**Quadro 1:** Distribuição dos informantes ítalo-brasileiros nos pontos urbano e rural da cidade de Chapecó-SC, de acordo com as dimensões diatópica, diageracional, diassexual e diastrática.

<b>Pontos de pesquisa</b>	<b>Chapecó – urbano</b>			
	CaGII		CaGI	
	H	H	H	H
	1 inf.	1 inf.	1 inf.	1 inf.
	CbGII		CbGI	
	H	H	H	H
	1 inf.	1 inf.	1 inf.	1 inf.
	<b>Chapecó – rural</b>			
	CaGII		CaGI	
	H	M	H	M
1 inf.	1 inf.	1 inf.	1 inf.	
CbGII		CbGI		
H	M	H	M	
1 inf.	1 inf.	1 inf.	1 inf.	

Fonte: Princípio da Pluridimensionalidade (THUN, 1996, adaptado pela pesquisadora).

Os informantes selecionados são descendentes de imigrantes italianos, constatados por possuírem sobrenome do pai ou da mãe de origem italiana. Após a seleção dos informantes, entramos em contato com eles (pessoalmente, por telefone, por e-mail ou por redes sociais); primeiramente, para confirmar a descendência étnica e o tempo de residência no local e, posteriormente, para verificar a disponibilidade em marcar uma entrevista. Para a conversa, o assunto mencionado como ponto principal foi da imigração italiana no Sul do Brasil e a colonização da localidade. Não foi mencionado que a pesquisa trata a fala dos informantes, pois nosso objetivo é alcançar a fala menos monitorada ou até casual do falante e, em conformidade com Labov (2008), “uma entrevista que tem como objeto explícito a língua do falante alcançará um grau mais elevado na escala de formalidade do que a maioria das conversações” (LABOV, 2008, p. 102). No próximo item, serão elencadas as dimensões de análise utilizadas para nosso estudo.

### 3.2 DIMENSÕES DE ANÁLISE

Conforme observado na seção 2.7.2, a Dialectologia Pluridimensional e Relacional trabalha com uma série de dimensões de análise. Para o objetivo de analisar dados linguísticos que indicam crenças e atitudes linguísticas em relação ao *Pt.-RS* e ao *talian*, foi necessário

trabalhar com algumas dimensões e parâmetros<sup>18</sup> de análises que serão apresentadas no quadro a seguir:

**Quadro 2:** Distribuição dos informantes ítalo-brasileiros no ponto urbano e rural da cidade de Chapecó/SC, de acordo com as dimensões diatópica, diageracional, diassexual e diastrática

Dimensão	Parâmetro	Critério
Diatópico	2 pontos de inquérito Ponto 1: Chapecó-SC urbano Ponto 2: Chapecó-SC rural	Ter passado pelo menos $\frac{3}{4}$ de sua vida na localidade de pesquisa, pelo menos último cinco (5) anos.
Diageracional	GII: Geração mais velha; GI: Geração mais jovem.	= com 55 anos ou mais = de 18 a 36 anos
Diassexual	Homem (H) vs. Mulher (M)	
Diastrática	Classe “socioculturalmente” alta (Ca) Classe “socioculturalmente” baixa (Cb)	Cursando ou com Ensino Superior completo de pouca escolaridade até o Ensino Médio
Diafásica	Resposta ao questionário; Leitura;	Estilos de entrevista: dois estilos de uso da língua

Fonte: Thun (2010) – com adaptações para a pesquisa.

Para garantir a exequibilidade da dissertação, para a análise de dados foram utilizadas as dimensões que constam no quadro 2, ou seja: a) dimensão diatópica envolvendo os dois pontos de pesquisa, Chapecó urbano e Chapecó rural; b) diassexual (variação entre Homem (H) e Mulher (M)); c) diastrática (variação entre classe sociocultural alta (Ca) e baixa (Cb)); d) diageracional (variação entre geração mais velha (GII) e geração mais jovem (GI)); e e) dimensão diafásica que consiste nos dois estilos de entrevista (resposta ao questionário metalinguístico e leitura), enfatizando a Resposta ao questionário metalinguístico, que é o objetivo principal da pesquisa, pois os demais estilos serão utilizados para contrastar e confirmar os dados.

### 3.2.1 Rede de Pontos

Em outros trabalhos que utilizam essa mesma metodologia, frequentemente, encontramos para a dimensão diatópica a comparação entre dados de duas ou mais cidades com características em comum, como, por exemplo, em teses e dissertações como Margotti (2004), Horst (2014), Bortolotto (2015) e Wepik (2017); e em mapas como o ADDU<sup>19</sup>, ALMA<sup>20</sup> e ALiB<sup>21</sup>. Para nossa pesquisa, a cidade utilizada é Chapecó-SC, porém contrastando a região urbana e rural dessa cidade.

<sup>18</sup>O conceito de “variável” é dividido em “dimensão” e “parâmetros”, sendo a dimensão uma combinação de dois ou mais parâmetros opostos (THUN, 2010, p. 06).

<sup>19</sup>Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay.

<sup>20</sup>Atlas Lingüístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata.

Como mencionado anteriormente, a cidade de Chapecó é considerada berço econômico da região Oeste Catarinense, sendo uma das quatro mais importantes cidades do Estado. Nela estão presentes o centro urbano, com Shopping Center, empresas, lojas e um grande território rural formado por 57 comunidades e uma economia voltada às agroindústrias e à agropecuária.

As localidades rurais selecionadas para as entrevistas chamam-se Colônia Cella e Sede Figueira, ambas de colonização italiana, localizadas nas imediações da BR-282; a primeira próxima ao trevo de acesso à Chapecó, localizada a 12 km da sede, e a segunda a aproximadamente 20 km. Os descendentes de italianos instalados nessas localidades são, em sua maioria, precedentes de Guaporé e Serafina Corrêa, no RS.

Na parte rural estudada, além da criação de aves e suínos e do trabalho agrário propriamente dito, existe uma atividade não agrária, chamada de turismo rural. Desenvolvida nos últimos anos e conhecida como Rota Italiana, esse movimento permite a preservação da cultura familiar e do ambiente natural, proporcionando a visualização da beleza das propriedades rurais. De acordo com o site do município, fazem parte da Rota Italiana quatro comunidades: Colônia Cella, Colônia Bacia, Sede Figueira e Linha Batistello. Essa rota é descrita da seguinte forma:

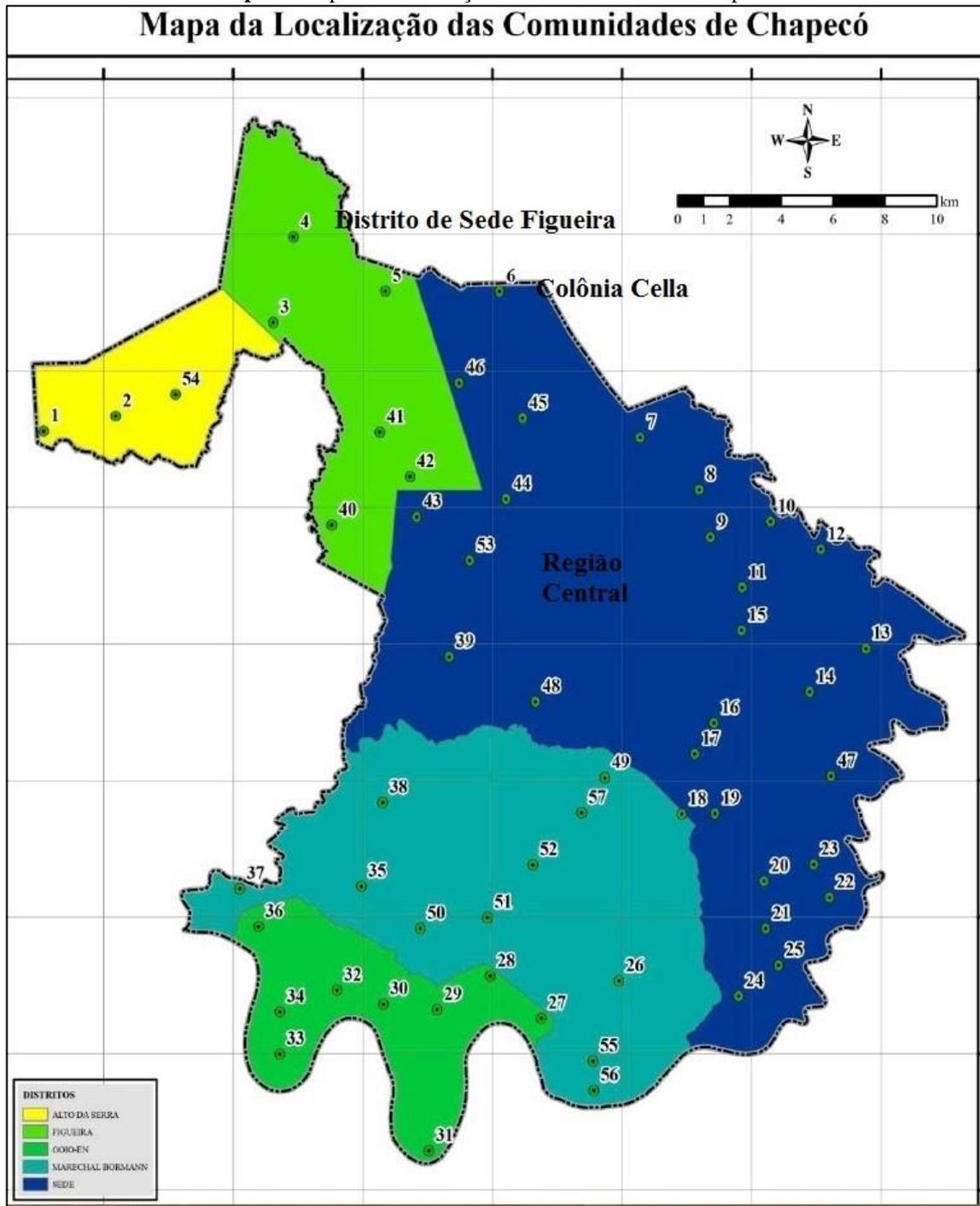
As peculiaridades da cultura italiana são vislumbradas aos visitantes através do Museu da Cultura Italiana na Comunidade de Colônia Cella. São cerca de 300 peças que retratam o cotidiano do imigrante. A gruta de Sede Figueira apresenta a natureza em comunhão com a fé. São grutas, cachoeira reverenciando Nossa Senhora De Lourdes e a Trilha dos Mistérios do rosário. E para finalizar a gastronomia fica por conta da Agroindústria familiar Malagutti que proporciona um delicioso café colonial (SANTUR, 2017, on-line).

O mapa a seguir apresenta a localização, dentro do município de Chapecó, das áreas de pesquisa e das demais comunidades rurais da cidade. Cada número representa uma das localidades rurais e, abaixo, na legenda, temos o nome de todas as comunidades. Em destaque, estão as comunidades 4 - Distrito Sede Figueira e 6 - Colônia Cella. Bem no centro da imagem, apresenta-se a região urbana da cidade:

---

<sup>21</sup>Atlas Linguístico do Brasil.

Mapa 6: Mapa da Localização das Comunidades de Chapecó

**Legenda - Localidades**

- |                                  |                             |                             |                                       |
|----------------------------------|-----------------------------|-----------------------------|---------------------------------------|
| 1. Cabeceira Do Antinha          | 16. Linha São Vendelino     | 31. Distrito Goio-En        | 46. Linha Sarapião                    |
| 2. Linha Pedro E Paulo           | 17. Monte Alegre            | 32. Linha Cachoeira         | 47. Reserva Indígena Toldo Chimbanguê |
| 3. Linha Batistello              | 18. Linha Henrique          | 33. Linha Almeida           | 48. Palmital Dos Fundos               |
| <b>4. Distrito Sede Figueira</b> | 19. Água Amarela            | 34. Linha Beira Rio         | 49. Rodeio Chato                      |
| 5. Colônia Bacia                 | 20. Linha Lajeado Veríssimo | 35. Serraria Reato          | 50. Nova Aurora                       |
| <b>6. Colônia Cella</b>          | 21. Linha Gramadinho        | 36. Linha Barra Do Carneiro | 51. Núcleo Hortifrutigranjeiro        |
| 7. Linha Caravagio               | 22. Linha Das Palmeiras     | 36. Barra Da Chalana        | 52. Distrito Marechal Bomam           |
| 8. Rodeio Bonito                 | 23. Linha São Rafael        | 38. Bom Retiro              | 53. Cabeceira Da Baragem              |
| 9. Linha Pinhalzinho             | 24. Praia Bonita            | 39. Linha Rio Dos Lndios    | 54. Distrito Alto Da Serra            |
| 10. Linha Tafona                 | 25. Reserva Indígena Condá  | 40. Linha Simonetto         | 55. Linha Gamelão                     |
| 11. Linha São Pedro              | 26. Rodeio Do Erval         | 41. Linha Cascavel          | 56. São Jose Do Capinzal              |
| 12. Linha Baronesa Da Limeira    | 27. Linha Alto Capinzal     | 42. Linha Boa Vista         | 57. Passo Dos Ferreira                |
| 13. Linha Marcon (Independência) | 28. Linha Seminha           | 43. Cabeceira Da Divisa     |                                       |
| 14. Sede Trentin                 | 29. Linha Campinas          | 44. Faxnal Dos Rosas        |                                       |
| 15. Linha São Roque              | 30. Linha Quadros           | 45. Linha Tomem             |                                       |

Fonte: Plano de Desenvolvimento Rural, Chapecó, 2015 (com adaptações da autora).

Como podemos observar no mapa, tanto a comunidade de Distrito Sede Figueira quanto à comunidade de Colônia Cella fazem divisa com outras comunidades rurais. Entre as duas, está a comunidade de Colônia Bacia. Ao lado de Distrito Sede Figueira, encontra-se a Linha Batistello e, fazendo divisa com Colônia Cella, encontram-se Linha Tormen e Linha Sarapião. A região limítrofe da área urbana da cidade é formada por 14 (quatorze) comunidades rurais, dentre elas estão: Linha Caravagio, Linha Rodeio Bonito, Linha Pinhalzinho, Linha São Pedro, Linha São Roque, Linha São Vendelino, Linha Monte Alegre, Linha Henrique, Linha Rio dos Índios, Linha Faxinal dos Rosas, Linha Tormen, Linha Palmital dos Fundos, Linha Rodeio Chato e Linha Cabeceira da Barragem.

### **3.3 METODOLOGIA DA COLETA DE DADOS**

A coleta de dados configura-se como parte significativa para a análise de dados. Sua organização deve ser traçada de modo com que cumpra seus objetivos. Para Tarallo (2005, p. 21), “o propósito do método de entrevista sociolinguística é o de minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na neutralidade da situação de coleta de dados”. Sendo assim, conforme Labov (1984), o roteiro de entrevista deve ser organizado em módulos ordenados por uma linha de progressão entre perguntas mais pessoais e perguntas mais específicas. Nossa abordagem consistiu em iniciar a entrevista com nossa apresentação e, na sequência, dizendo que seria uma conversa sobre o assunto imigração italiana no Sul do Brasil e a colonização da localidade.

Diferentes estilos de coleta de dados foram aplicados, pois, em conformidade com Labov (1984), não existem falantes de estilo único e, de acordo com Thun (2010), os falantes dispõem de uma série de estilos para comunicação, sendo que cada estilo é uma maneira específica de interações linguísticas configuradas de acordo com as tradições sociais. Ainda segundo Labov (1984), é preciso de uma significativa amostra gravada do discurso para uma qualidade suficiente de análise. Assim, nossa pesquisa utilizará de dois estilos de entrevista: “resposta ao questionário” e “leitura”, parâmetros da dimensão diafásica. Essa dimensão é um importante indicador de mudança linguística, pois os diferentes estilos marcam, de maneiras diferentes, o controle social da fala (THUN, 2010).

Os instrumentos de análise se constituíram desta maneira, contemplando a orientação de Lambert e Lambert (1972), de que as atitudes não são diretamente observáveis, precisando ser inferidas, seja pela observação cuidadosa do comportamento das pessoas em situações

sociais, seja através dos padrões de respostas a questionários elaborados para refletirem prováveis modos de pensar, sentir e reagir em ambientes sociais, concretos e reais. Para o registro dos dados, foi utilizado um gravador portátil.

Na sequência, abordaremos os dois estilos utilizados e suas características.

### 3.3.1 *Leitura*

A leitura compreende o estilo de fala mais formal produzido pelo informante. A aplicação desse método tem como objetivo perceber se os informantes possuem o domínio da leitura na língua *talian*, além de acrescentar informações a respeito das crenças e atitudes destes falantes em relação a sua língua. Ela foi obtida através do texto presente no Anexo II “Os preparativos para a festa de casamento”, elaborado em três línguas: português, *talian* e italiano padrão. O texto faz parte do questionário *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira* (ALCF) <sup>22</sup>.

### 3.3.2 *Questionário metalinguístico*

De acordo com Labov (1984), a entrevista face a face é a maneira exclusiva de se obter o volume e a qualidade de dados (discurso gravado) necessários para a análise. Segundo o autor, a entrevista sociolinguística é regida por vários objetivos, sendo que, para nossa pesquisa, objetivamos “obter um registro de atitudes claras em relação à língua, características linguísticas e estereótipos linguísticos” (LABOV, 1984, p. 33). Sendo assim, a entrevista foi constituída a partir do questionário do *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira* (ALCF) <sup>23</sup> no qual esse trabalho está inserido e do questionário presente na tese de Margotti (2004) com adaptações para a pesquisa.

O questionário aplicado nas duas comunidades trabalha com aspectos metalinguísticos e inclui questões divididas da seguinte forma: a) Aspectos históricos e bilinguismo dos entrevistados; b) Bilinguismo na comunidade; c) Identificação de padrões identitários (variação e intensidade da identidade); e d) Língua e educação (relação da língua com outros ícones da cultura). As questões buscam averiguar o que os informantes pensam sobre si e sua língua.

---

<sup>22</sup>Krug (2013).

<sup>23</sup>Krug (2013).

### 3.4 METODOLOGIA DA ANÁLISE DE DADOS

Os dados coletados para a presente dissertação foram analisados de acordo com a Dialetoologia Pluridimensional e Relacional (THUN, 1996; 1998; 2005; 2010). Em conformidade com Busse (2009), os fatores extralinguísticos (idade, sexo, nível social) podem assumir formas diferentes dependendo do contexto inserido. Por isso, a dialetologia trabalha com dimensões a partir de parâmetros que resultam numa descrição da fala mais próxima da realidade. Ainda segundo a autora, “ao abrir o leque de variáveis, a dialetologia representa a língua na sua forma mais viva e dinâmica, possibilitando uma análise dos entrelaçamentos e das relações entre o contexto externo e interno da fala” (BUSSE, 2009, p. 127). Para tanto, os dados coletados serão relacionados conforme a idade do informante, o grupo a que pertence, o sexo e a escolaridade, para, assim, obtermos dados mais precisos e detalhados.

Partindo desse pressuposto, após a coleta de dados, o primeiro passo é a transcrição de dados do questionário metalinguístico de crenças e atitudes. Na sequência, foram escolhidas as questões a serem analisadas. As questões que forneciam respostas objetivas foram representadas com tabelas, quadros e representação em cruz<sup>24</sup>, para ilustrar a análise que seque no próximo capítulo. As questões designadas para a análise foram apontadas seguindo aspectos que motivam o comportamento social dos falantes, com o intuito de compreender, assim, o contexto linguístico e cultural dos ítalo-descendentes da cidade de Chapecó, assim como as crenças e as atitudes deles.

Os resultados serão expostos na forma de quadros, com os dados em forma de cruz e com os símbolos explicados nas legendas. Os símbolos distribuídos nas cruzes são elaborados na fonte *Kiel* símbolos. Na primeira cruz, da esquerda para direita, estão representadas as respostas dos informantes homens e, na segunda, das informantes mulheres. Acima da linha horizontal, estão representados os informantes da classe socioculturalmente alta e, abaixo, da classe socioculturalmente baixa. À esquerda vertical, está a geração mais velha e, à direita, os mais jovens (THUN, 1999).

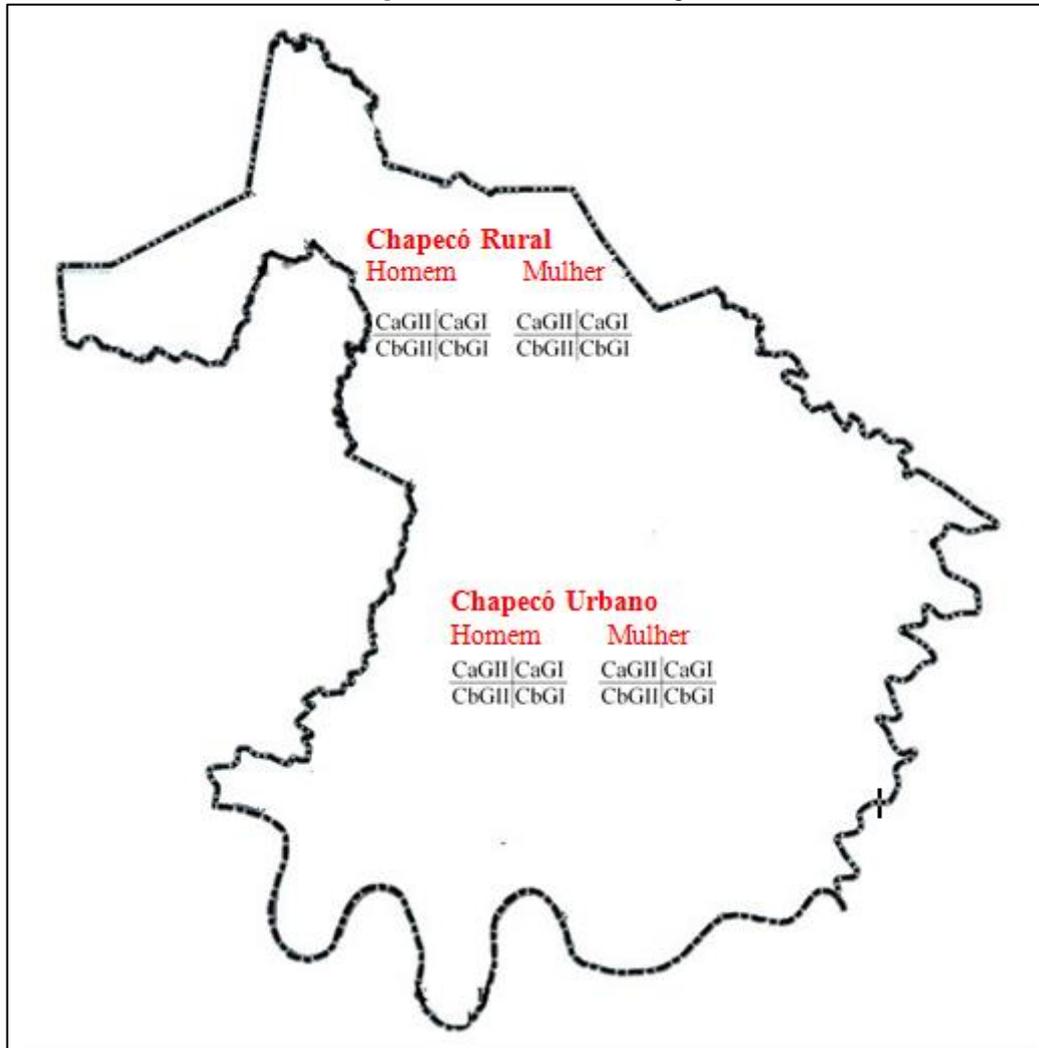
Para a dimensão diatópica, formulamos cartogramas para a exposição dos dados. Para tanto, utilizamos o mapa da cidade de Chapecó- SC, com adaptações, posicionando os dados em forma da cruz na região onde se localizavam os grupos, sendo o grupo Rural situado na parte superior do mapa e o grupo Urbano no centro do mapa. Além disso, da mesma maneira que nos quadros que representam os demais dados, os informantes homens ficam na primeira

---

<sup>24</sup>Ver seção 2.7.

cruz, da esquerda para a direita, e as informantes mulheres na segunda cruz, conforme segue o Cartograma 1:

**Cartograma 1:** Modelo de Cartograma



Fonte: Elaborada pela autora (2018)

## 4 ANÁLISE DE DADOS

A partir deste capítulo, apresentaremos as análises obtidas através dos dados que foram coletados por meio do questionário metalinguístico aplicado na pesquisa de campo. As análises qualitativas serão apresentadas da seguinte forma: divididas em duas partes (dimensão diatópica), Chapecó Rural e Chapecó Urbano, cada qual terá, em seu conteúdo, os resultados das dimensões diastrática, diageracional e diassexual referentes a cada um dos pontos. Para contrastar e relacionar os dados de ambos os pontos de pesquisa, a análise da dimensão diatópica está destinada a um próximo item, pois, nessa dimensão, demonstraremos os dados com o uso de cartograHomem

As questões estão organizadas de maneira aleatória, a ordem foi estabelecida pela proximidade temática das questões. O estudo de cada ponto de pesquisa utilizou-se das mesmas questões e na mesma ordem. A análise iniciou com a separação diatópica, primeiro a análise do ponto Rural e, na sequência, do ponto Urbano; após analisamos a leitura dos informantes dos dois pontos de coleta de dados e concluimos com a relacionalidade dos dois pontos de pesquisa. Em cada questão, seguimos a ordem de análise que a metodologia propõe: primeiramente, analisar a dimensão diastrática, ou seja, Ca e Cb; na sequência, a dimensão diageracional, isto é, a diferença entre informantes mais velhos e mais jovens e, por último, o contraste diassexual, o que homens e mulheres responderam. Dessa forma, o modelo de análise obedeceu à seguinte ordem: CaGII, CaGI, CbGII, CbGI, homens e mulheres. Para diferenciarmos os informantes do ponto rural com os do ponto urbano, utilizamos, depois da sigla que representa cada informante, a letra R correspondente a rural e a letra U correspondente a urbano.

Do questionário metalinguístico utilizado, foram selecionadas 27<sup>25</sup> questões que conversavam sobre identidade, o papel da língua na constituição da identidade (relação da língua com outros ícones da cultura) e o grau de bilinguismo dos informantes, da sua comunidade e o reconhecimento da identidade. Essas questões foram selecionadas porque acreditamos que elas tratem da forma adequada questões de bilinguismo, crenças e atitudes linguísticas, dado que as outras poderiam não cumprir de maneira tão eficiente esse papel e servirão como base para a escrita de outros estudos e ficarão disponíveis no banco de dados do projeto ALCF. Além disso, não haveria tempo hábil para analisarmos todas elas. Algumas questões forneceram respostas objetivas, com as quais elaboramos os quadros para melhor

---

<sup>25</sup> As questões selecionadas foram: 1, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 13, 17, 18, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38 e 39.

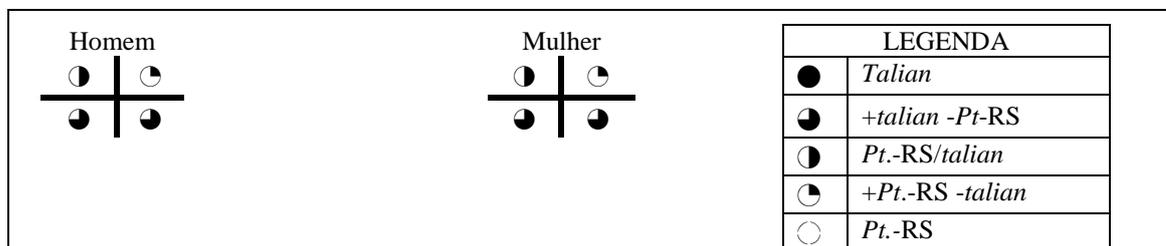
visualização e entendimento. Além disso, algumas respostas serão dispostas na íntegra para complementar o cotejamento dos dados.

#### 4.1 CHAPECÓ RURAL

Nesta seção, traremos os dados coletados na pesquisa de campo realizada na região rural da cidade de Chapecó. Para a questão 01, as respostas esperadas eram: *talian*; *+talian - Pt.-RS*; *Pt.-RS/talian*; *+Pt.-RS -talian*; ou *Pt.-RS*. A legenda foi disposta dessa forma, pois essa questão leva em conta o *continuum* linguístico, ou seja, não há um limite estanque entre as duas variedades, e, de acordo com Auer e Schmidt (2010, p. 235), há uma diferenciação gradual e difusa pela qual cada variedade compartilha alguma marca sociolinguística com variedades adjacentes. Dessa maneira, ocorre o contínuo linguístico, entre a língua majoritária e minoritária, no qual uma das variedades fica organizada sob a forma de variedade base, com maior frequência de uso, mas intercala o uso com a outra variedade, em menor frequência.

Observamos, na sequência, a resposta obtida na questão 01:

**Quadro 3:** Questão 01: Que língua costuma falar em família?



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

A partir do Quadro 3, podemos observar, primeiramente, que as línguas utilizadas dentro do ambiente familiar da região rural da cidade de Chapecó são o *Pt.-RS* e o *Talian*. A maior frequência de uso do *Talian* apareceu no grupo Cb, ou seja, classe sociocultural baixa, na qual todos os informantes afirmaram fazer uso das duas variedades entre a família, sendo o *Talian* utilizado com maior frequência. No que diz respeito a Ca, o uso do *Talian* diminuiu; apenas a GII mantém seu uso, mas em menor frequência. Wepik (2017), em sua pesquisa sobre o contato *Pt.-RS* e Polonês, e Bortolotto (2015), em sua pesquisa sobre o contato *Pt.-RS* e *talian*, também concluíram que é a Cb que mais mantém a língua de imigração, o que vai ao encontro da afirmativa de Labov (2008) de que, quanto maior a escolarização, mais as pessoas tendem a deixar formas estigmatizadas de lado e aproximar a fala da variedade padrão.

Ainda sobre a idade, todos os informantes da GII asseguram fazer uso do Pt.-RS e do talian na relação familiar, com menor ou maior frequência. Como exemplo, a informante CaGII-M-R afirma fazer uso do talian apenas quando está em contato com o pai ou os irmãos; já a informante CbGII-M-R afirma que, entre a família, as conversas ocorrem todas em talian, apenas com as crianças ela se refere utilizando o Pt.-RS. Na GI, ambos os informantes da CbGI-R afirmam fazer uso do Pt.-RS e do talian entre a família. Já os informantes da CaGI-R disseram utilizar apenas o Pt.-RS por não terem domínio da língua de imigração talian e por ela ser mais utilizada para momentos de descontração, como afirma um (01) dos informantes (CaGI-H-R): “O italiano ele é mais pras horas de lazer, de brincadeira, umas piadas, então é nesse sentido o italiano, mas uma perda de tempo, mas nós não costumamos falar muito o italiano aqui”. Em relação ao gênero, não observamos diferenças no uso do talian e do Pt.-RS, uma vez que dois (02) homens e duas (02) mulheres responderam utilizar mais talian e menos o Pt.-RS; um (01) homem e uma (01) mulher responderam alternar entre o uso das variedades (Pt.-RS/talian); e um (01) homem e uma (01) mulher responderam utilizar mais o Pt.-RS e menos o talian.

Dessa forma, verificamos que, nas conversas em família, quatro (04) informantes responderam utilizar mais o talian e menos o Pt.-RS; dois (02) alternam entre o uso das variedades (Pt.-RS/talian); e dois (02) utilizam mais o Pt.-RS e menos o talian.

Na próxima questão, abordamos aspectos do bilinguismo. Levando em conta que, de acordo com Mackey (1972), o bilinguismo tem sua definição ligada às práticas linguísticas e que estas variam em grau, função, alternância ou interferência, perguntamos aos informantes qual seria o grau de bilinguismo deles. As respostas têm relação com o uso e o conhecimento da língua, ou seja, quando os informantes falam, entendem, leem, cantam, xingam, rezam, fazem contas ou sonham em talian. Essas variáveis estão representadas no quadro 4:

**Quadro 4:** Questão 39: Quanto ao italiano, qual é o grau de bilinguismo dos entrevistados? (Margotti, 2004)

	<i>CaGII -H-R</i>	<i>CaGII -M-R</i>	<i>CaGI- H-R</i>	<i>CaGI- M-R</i>	<i>CbGII -H-R</i>	<i>CbGII -M-R</i>	<i>CbGI- H-R</i>	<i>CbGI- M-R</i>	LEGENDA	
Fala	○	○	○	○	○	●	●	●	●	Bem/bastante
Entende	◐	●	●	◐	●	●	●	●	◐	Médio
Lê	○	○	○	○	○	◐	○	○	○	Mal/Pouco
Canta	○	○	◐	◐	◐	●	○	○		
Xinga/reclama	○	○	◐	●	●	●	●	●		
Reza	○	○	○	○	○	◐	○	○		
Faz conta	○	○	○	○	○	●	○	○		
Sonha	○	○	○	○	◐	●	○	○		

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Para essa questão, o informante CaGII-H-R afirmou que entende mais ou menos o talian e que fala, lê, canta, xinga, reza, faz contas e sonha pouco. A informante CaGII-F entende bem o talian, mas fala, lê, canta, xinga, reza, faz contas e sonha pouco nessa língua. O informante CaGI-H-R diz entender bem o talian, cantar e xingar mediano e falar, ler, rezar, fazer conta e sonhar, pouco. A informante CaGI-M-R disse entender e cantar razoavelmente (médio) em talian, xingar ela disse fazer bastante ou bem e as demais habilidades como falar, ler, rezar, fazer contas e sonhar, pouco.

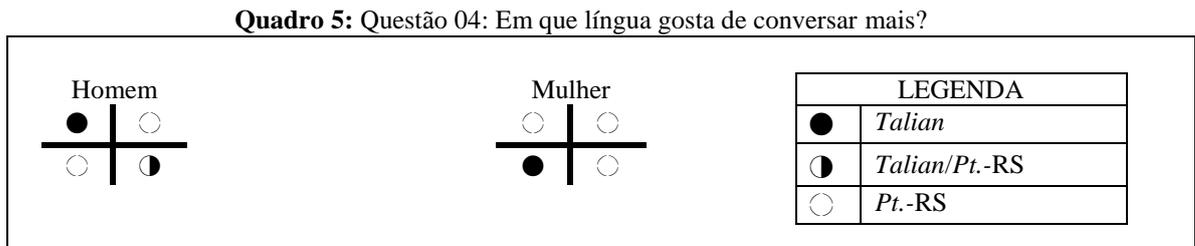
O informante CbGII-H-R afirmou entender e xingar bem em talian, cantar e sonhar mais ou menos, e falar, ler, rezar e fazer contas, pouco. A informante CaGII-M-R declarou falar, entender, cantar, xingar, fazer conta e sonhar bem ou bastante em talian, quanto a ler e rezar a informante disse que faz mais ou menos. Os informantes da CbGI-M-R e CbGI-H-R responderam da mesma maneira: ambos falam, entendem e xingam bem ou bastante em talian, quanto a ler, cantar, rezar, fazer conta e sonhar, ambos afirmaram fazer pouco.

Observamos em todos os informantes que o nível de compreensão da língua vai de médio a bem, ou seja, todos (CaGII-M-R, CaGII-H-R, CaGI-M-R e CaGI-H-R, CbGII-M-R e CbGII-H-R e CbGII-M-R e CbGII-H-R) disseram entender a língua. Apenas três informantes (CbGI-H-R, CbGI-M-R e CbGII-M-R) afirmam falar bem e/ou bastante a língua; os demais, falam mal e/ou pouco. Sobre a leitura, a única informante que disse ter domínio mediano da leitura foi a CbGII-M-R; os demais, ou conhecem poucos textos na variedade, ou nunca leram nenhum. Três (03) informantes, CaGI-H-R, CaGI-M-R e CbGII-H-R, disseram que o nível de cantar na variedade talian é intermediário: a informante CbGII-M-R disse cantar bastante, e os demais informantes responderam mal e/ou pouco. Sobre rezar e fazer contas, a única informante que afirmou ter grau de domínio médio ou bem foi a informante CbGII-M-R; os demais responderam mal e/ou pouco. Por fim, ao perguntar se sonhavam em talian, somente os informantes CbGII-H-R e CbGII-M-R manifestaram que já havia ocorrido.

De maneira geral, a informante que possui maior grau de conhecimento do *Talian* e por isso, é possível que seja detentora do maior grau de bilinguismo, é a CbGII-M-R, ao manifestar que desenvolve todas as habilidades linguísticas de maneira mediana ou boa. É importante destacar que esta é a informante com mais idade do grupo, com 85 anos, e que, de acordo com outros informantes, são as pessoas de mais idade, acima dos 80, que mais usam a variedade *talian* e que mais a mantêm. Observamos, também, através dos dados obtidos, que os informantes que possuem menor grau de bilinguismo são os da CaGII-R, possivelmente decorrente de crenças e atitudes negativas em relação à variedade talian, que os mantiveram restringindo seu uso. Um fato interessante foi que, durante as entrevistas, ao serem

perguntados sobre o quanto os informantes xingavam ou reclamavam em *talian*, esse questionamento geralmente gerava graça, possivelmente, todos identificaram fazer isso, mesmo em menor nível.

Na pergunta 04, “Em que língua gosta de conversar mais?”, as respostas estão no quadro 5:

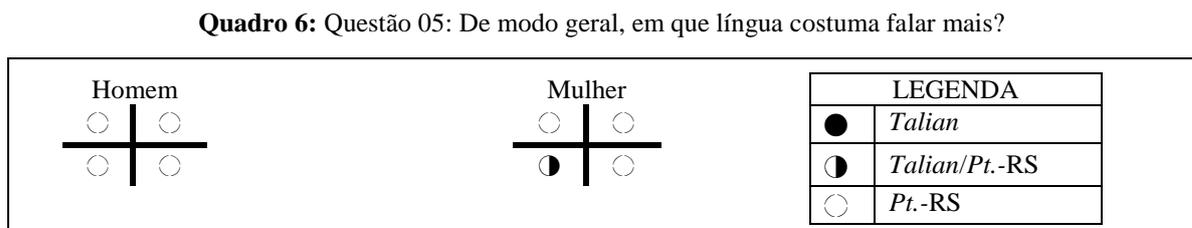


Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Ao serem questionados sobre a língua em que mais gostavam de conversar, de um modo geral, a maioria dos informantes respondeu ser o *Pt.-RS*, sendo que, dos oito, cinco responderam *Pt.-RS*, dois (02) responderam *talian* e apenas um disse gostar das duas da mesma forma. Em relação à classe, na Ca, três informantes disseram se identificar mais com o *Pt.-RS* e apenas um com o *talian*. Na Cb, uma informante afirmou gostar mais do *talian*, dois (02) informantes afirmam gostar mais do *Pt.-RS*, e um reconhece gostar das duas línguas.

Se tratando da idade, os dois (02) informantes que responderam gostar mais do *talian* pertencem a GII. Dos informantes da GI, a maioria manifestou gostar mais do *Pt.-RS*. No grupo das mulheres, há uma maior afinidade com o *Pt.-RS*, enquanto para os homens as respostas se assemelham para as duas variedades, o que confirma a hipótese de que as mulheres, segundo Labov (2008), utilizam menos formas estigmatizadas do que os homens.

Para a questão 05, “De modo geral, em que língua costuma falar mais?”, obtivemos as respostas que estão no quadro 6:



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Nessa questão, percebemos a diminuição do uso da variedade *talian*, pois, de todos os informantes, apenas a informante CbGII-M-R afirmou usar as duas variedades na mesma

proporção. Isso vai ao encontro da nossa hipótese de que as línguas de imigração vêm sendo mantidas apenas no uso familiar. Podemos confirmar essa premissa por meio das respostas à questão 30 sobre os lugares nos quais as línguas são usadas, conforme o quadro 7:

**Quadro 7:** Questão 30: Que língua você fala nas seguintes ocasiões no seu município?

	CaGII -H-R	CaGII -M-R	CaGI- H-R	CaGI- M-R	CbGII -H-R	CbGII -M-R	CbGI- H-R	CbGI- M-R	LEGENDA
No Correio	○	○	○	○	○	●	○	○	● Talian
No mercado	○	○	○	○	○	○	○	○	◐ Pt.-RS/talian
No sindicato	○	○	◐	○	○	○	○	○	○ Pt.-RS
No restaurante	○	○	○	○	○	○	○	○	
Na prefeitura	○	○	○	○	○	○	○	○	
No posto de saúde	○	○	◐	○	○	○	○	○	
No confessionário	○	○	○	○	○	●	○	○	
No posto de gasolina	○	○	○	○	○	●	○	○	
No trabalho	○	○	◐	○	○	●	○	◐	

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

A partir da aplicação dessa questão, observamos que poucas são as ocasiões ou lugares da comunidade que o talian é utilizado, e poucos foram os informantes que afirmaram fazer uso da língua fora do âmbito familiar, sendo que, dos oito, somente três informantes declararam utilizar o talian: CaGI-H-R, CbGI-M-R e CbGII-M-R. Com relação aos lugares de uso dessa variedade, foram citados: sindicato, posto de saúde, confessionário, posto de gasolina e trabalho. Vale ressaltar que, por serem comunidades do interior, todos esses lugares informados são de trabalho familiar, ou seja, lugares onde as pessoas da comunidade trabalham. Alguns informantes justificaram que, para eles, as conversas realizadas em talian baseiam-se em cumprimentos ou troca de algumas frases, por conta de eles não terem total fluência na variedade de imigração. Segundo o informante CbGII-H-R:

*Alguma coisa a gente fala em italiano, mas é muito pouco. É umas palavrinhas. As vez, por mês, no mercado se tu achar um italiano lá tu fala, a gente consegue se defender né, que tem... sempre tem aquele italiano que puxa mais o italiano, aí a gente responde, mas senão, de preferência, sempre o brasilian.*

O informante CaGI-H-R acrescenta que:

*No sindicato ou onde têm pessoas de mais idade, existe muito a língua do italiano, fala fluente, principalmente pessoas conhecidas, a gente costuma muito se cumprimentar em modelos italianos ou trocar alguma frase italiana, mas nos demais, o português é muito fluente, então o português que permanece.*

É importante salientar que, em diversos ambientes comerciais da comunidade ou que os informantes frequentam, os atendentes ou funcionários também não falam o talian. Dessa forma, a única alternativa é utilizar o Pt.-RS.

Em relação à classe social, os informantes que mais afirmam fazer uso da variedade talian, nas diversas ocasiões do município, são os da Cb. Na Ca, predomina o uso do Pt.-RS. Predomina também o uso do Pt.-RS no grupo da GII, pois, desse grupo, apenas um informante afirmou utilizar o talian. No grupo GI, dois (02) informantes manifestaram utilizar o talian. Na comparação entre gêneros, as mulheres manifestaram maior utilização do *talian* que s homens.

Perguntamos aos informantes, de modo geral, em que situações eles falam o talian e em que situações falam o Pt.-RS (questão 32). Sobre o Pt.-RS, os informantes responderam que em todas as situações, pois é a língua do dia a dia. As restrições recaíram em relação ao uso do talian, que é mais utilizado em casa, na presença de familiares, como mencionaram os informantes da CbGI-R e CaGII-M-R, e principalmente por pessoas mais velhas, referido pelos informantes CaGII-H-R e CaGI-H-R. O informante CbGII-H-R disse fazer uso do talian antes das missas, quando encontra pessoas mais velhas. Já a informante CbGII-M-R disse fazer uso do talian nos encontros de família, em festas ou nas visitas aos vizinhos, conhecidos como filós. A informante CaGI-M-R disse fazer uso apenas de algumas palavras do talian, como xingamentos.

Podemos constatar que as circunstâncias de uso do talian são limitadas, o que nos leva ao embate de quem são as pessoas que mantêm a variedade. Com o intuito de levantar dados a fim de verificar quem realmente ainda fala a variedade, foi realizada a pergunta 35: “todas as pessoas daqui falam italiano? Quem?”. As respostas obtidas estão representadas no quadro 8:

**Quadro 8:** Questão 35: Todas as pessoas daqui falam italiano? Quem? (MARGOTTI, 2004)

	CaGII -H-R	CaGII -M-R	CaGI- H-R	CaGI- M-R	CbGII -H-R	CbGII -M-R	CbGI- H-R	CbGI- M-R	LEGENDA	
Avós	●	●	●	●	●	●	●	●	●	Sim
Pais	●	●	●	●	●	●	●	●	●	Sim
Filhos	●	○	●	○	○	●	●	●	○	Não
Irmãos	●	●	○	○	●	●	●	●	○	Não
Amigos	●	○	●	○	●	●	●	●	○	Não
Vizinhos	●	○	●	○	●	●	●	●	○	Não
Professores	●	○	○	○	○	○	○	○	○	Não
Religiosos	●	○	●	○	●	●	●	●	○	Não

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Segundo os dados obtidos, é considerável o número de pessoas que utilizam a variedade *talian* na região de pesquisa. Em todas as opções sugeridas, houve pelo menos um informante dizendo que conhece uma pessoa que fala a variedade *talian*. Todos os informantes indicaram que os avós e os pais são as pessoas que mais utilizam o *talian*. Os irmãos, amigos, vizinhos e religiosos ficam em segundo lugar, como pessoas que também falam o *talian*, apontados por seis informantes cada. Os filhos foram apontados por cinco informantes como pessoas que falam *talian*, porém, observamos que, ao perguntar sobre os filhos para o grupo GI, eles referiram suas respostas a eles mesmos e não aos seus filhos. O grupo menos lembrado foi o dos professores, pois apenas o informante CaGII-H-R disse conhecer professores que falam *talian*.

Apesar disso, esse dado nos mostra que a percepção dos falantes não condiz totalmente com a realidade, pois eles acreditam que exista uma grande quantidade de falantes de *talian*, o que em prática e de acordo com as demais respostas dadas pelos mesmos informantes, não ocorre.

A partir do quadro 9, podemos constatar que as situações de uso da variedade *talian* são poucas. Na pergunta 24, questionamos os informantes sobre quem fala melhor o italiano, e os sete informantes responderam que são os avós e/ou os pais, ou seja, as pessoas de mais idade. A informante CbGII-M-R respondeu que não tem como apontar alguém que fale melhor, que todos falam bem.

As duas próximas questões sugerem situações de uso das línguas na comunicação com outras pessoas, elas são: a questão 06 “Quando vem visita, que língua prefere usar?” e a questão 31 “Quando você encontra um estranho na rua de sua cidade em que língua você fala com ele?”. As respostas que obtemos estão no quadro 9:

**Quadro 9:** Questão 06 “Quando vem visita, que língua prefere usar?”; Questão 31 “Quando você encontra um estranho na rua de sua cidade em que língua você fala com ele?”.

Questão 06 “Quando vem visita, que língua prefere usar?”				Questão 31 “Quando você encontra um estranho na rua de sua cidade em que língua você fala com ele?”			
Homem		Mulher		Homem		Mulher	
<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>
LEGENDA							
<input checked="" type="radio"/>	<i>Talian</i>						
<input checked="" type="radio"/>	<i>Pt.-RS/talian</i>						
<input type="radio"/>	<i>Pt.-RS</i>						

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

No uso social, a variedade de imigração fica em desvantagem. Para a questão 6, notamos que, com visitas, os informantes preferem utilizar o português, dado que apenas um (1) informante respondeu preferir usar o *talian*, um (1) respondeu gostar de ambas as variedades e os outros seis (6) informaram preferir utilizar o *Pt.-RS*. O informante CaGI-H-R afirmou utilizar as duas variedades da seguinte forma: “É uma mistura né, quando são da família sai bastante palavras, bastante frases em italiano, mas o que mais permanece é o português ainda”. A informante CbGII-M-R assegura utilizar bastante o *talian* quando a visita é de pessoas conhecidas, da comunidade ou mais idosos.

Para a questão 31, que trata da língua que é usada quando se encontra com algum estranho na rua, a resposta predominante foi o uso do *Pt.-RS*, resposta de seis (06) informantes. Dois (2) informantes responderam que utilizam as duas línguas, ambos pertencentes ao grupo CbGI-R, ou seja, apenas informantes da classe baixa e de mais novos utilizam o *talian* quando estão fora de casa. O uso alternado das duas variedades surgiu na fala dos informantes da CbGI-R da seguinte forma:

*CbGI-H-R: As vez o italiano, que se diz “tuti sani”?*

*CbGI-M-R: Eu é o português mas se as vezes é uma pessoa tipo mais de idade, que as vezes ela começa a falar que fala o italiano, eu já falo também.*

A partir dos dados, constatamos que são os informantes da Cb que mais utilizam o *talian* nas situações sugeridas. Observamos também que os informantes mais velhos não usam o *talian* nem em casa, quando vem visita, e nem fora de casa, quando encontram um estranho na rua. Em resumo, os jovens usam mais a variedade que os velhos, contrariando nossa hipótese de que sejam os jovens os primeiros que deixam de falar a língua de casa, ou seja, o *talian*.

O quadro 10 representa as respostas obtidas para a questão 09: “Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa, língua italiana, mas insistia em só falar português?”.

**Quadro 10:** Questão 09 “Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa, língua italiana, mas insistia em só falar português?”

Homem		Mulher		LEGENDA	
●	●	●	●	●	Sim
●	○	●	●	○	Não

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

O informante CbGI-H-R foi o único a dizer que não conhece nenhuma pessoa que sabe a língua de casa e não fala, pois acredita que quem sabe falar determinada língua mantém seu uso. Ocorre que, contrastando as respostas desse mesmo informante em questões como “quando vem visita, que língua prefere usar?” e “que língua usa em determinadas situações em sua comunidade?”, constatamos que ele respondeu utilizar apenas o *Pt.-RS*, o que sugere ser contraditória essa informação, pois, ao que indica, esse informante é um dos casos que, mesmo conhecendo a língua de casa, utiliza somente o *Pt.-RS*.

Os demais informantes, todos disseram conhecer pessoas assim. Complementando esse questionamento, perguntamos aos informantes “o que acham das pessoas que só falam o *Pt.-RS* e nunca sua própria língua de casa, o *talian*? (questão 8)”. Os entrevistados manifestaram suas respostas de maneiras variadas, porém, todos apontando essa atitude como algo inadequado, já que, quem sabe a variedade de casa, deveria utilizar em diversas situações, como podemos observar a partir dos comentários do informante CaGI-H-R:

*CaGI-H-R: Hoje eu posso dizer que eu acho uma perda de oportunidade, que eles poderiam se expressar no italiano, hoje a liberdade de expressão ela é grande neste sentido né, então acho que poderia usar o italiano tranquilamente todo momento que a rotina faz com que a gente se engaje né, entenda, nesse momento que a gente tem o “plim” de aprender né. Acho que é mais fácil se aprender no dia a dia, em alguns momentos ou durante o convívio, a conversa, do que sentar numa hora e querer aprender. Acho que ali que é o valor mesmo.*

A informante CbGII-M-R recordou que são os jovens que mais deixam de falar a língua de casa. Os informantes CbGI-H-R, CbGI-M-R e CbGII-H-R acham errado deixar de falar a língua de casa, mesmo que ela não seja apropriada para todas as situações, como podemos observar nos relatos abaixo:

*CbGI-M-R : Eu acho que tão errado, se sabem falar deveriam, tipo, não talvez diariamente assim Homem.. conversar direto assim, um pouco falar pelo menos né.*  
*CbGII-H-R : Eu acho que ele tá errado, que ele deveria, se ele sabe falar o italiano, fala né o italiano, cos filho, ou cos coiso... não quando tá no comércio ali, uma coisa que o pessoal não sabe o italiano, aí tudo... mas senão quando, com nós aqui que semo italiano, fala o italiano, acho que até não seria...*

Além disso, alguns informantes apontaram para o caso de não ter pessoas para formar o círculo de diálogo na língua de casa, como por exemplo, o CaGII-H-R:

*CaGII-H-R: Ah, é que gue volaria que gavesse mais persone que parlesse, que lora se formasse aquele círculo de persone que parla né i se gá i companheri né. A possibilidade de parlar mais<sup>26</sup>.*

A informante CaGI-M-R apontou ao fato de que essa atitude faz com que se perca parte da cultura. Além disso, ela acrescenta que os pais e os avós deveriam incentivar o uso para que os jovens aprendam, vejamos abaixo sua resposta:

*CaGI-M-R: Na verdade vai deixando de lado a cultura né, vai acabando estacionando, né! Não acaba passando de geração para geração porque no caso a vó deveria ensinar os filhos dela e os meus pais incentivar né, incentivar que a gente aprenda que a gente saiba alguma. A gente sabe algumas palavras do dia a dia alguma coisa assim né.*

Por fim, a informante CaGII-F-R remeteu ao fato de que, possivelmente, a pessoa não utilize a língua por vergonha. Nessa relação, apresentamos a questão de número 27 “Existem situações em que você tem vergonha de falar Italiano?” e as respostas estão expressas no quadro 11:

**Quadro 11:** Questão 27: “Existem situações em que você tem vergonha de falar Italiano?”

Homem		Mulher		LEGENDA	
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	Sim
<input type="radio"/>	Não				

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

A resposta foi unânime: todos os informantes disseram não sentir vergonha de falar o *talian*, mas as justificativas apontadas por eles demonstram um fato que é comum, eles não sentem vergonha, porém fazem pouco uso da língua. O informante CaGII-H-R nos relatou que “*Ah se ga mia vergogna, na verdade, la veritá, não se entende, não se consegue muito né dentro del dialeto né, lora se puxa uma pequena conversita né, mas niente assim que possa se estende demais<sup>27</sup>*”.

Esse discurso é comum aos informantes da CaGI-R, que relatam não ter vergonha da língua, porém não possuem o domínio que acreditam ser adequado para falar. Os informantes

<sup>26</sup> Tradução: Ah, é que significa que se existisse mais pessoas que falassem então se formaria aquele círculo de pessoas que falam, né, e terá os companheiros né. Há possibilidade de falar mais.

<sup>27</sup> Tradução: Ah, não se tem vergonha, na verdade, não se entende, não se consegue muito né, dentro da variedade né, então se puxa uma pequena conversinha né, mas nada assim que possa se estender demais.

da CbGI admitem que, mesmo que misturem as línguas ou não falem da maneira mais apropriada, eles não sentem vergonha de falar a variedade:

*CbGI-M-R : Ah nenhuma, eu não tenho vergonha, mesmo que sai meio errado, ou... eu não tenho vergonha de falar.*

*CbGI-H-R : Mesmo que sai uma palavra “as vez” em português um em italiano tudo misturado, ai vai.*

A mistura de língua a qual se referiu o informante CbGI-H-R é um fenômeno conhecido como “code-switching” e, de acordo com Romaine (1995), é o uso alternado de mais de um idioma, variedade ou estilo por um falante dentro de um enunciado ou discurso ou entre diferentes interlocutores ou situações. Questionamos os informantes sobre a ocorrência desse fenômeno, na pergunta 33 “Quando fala português, você mistura com a língua italiana?” e a pergunta 34 “Quando fala em italiano, você mistura o português?”. As respostas serão demonstradas nos quadros 12 e 13:

**Quadro 12:** Questão 33: “Quando fala português, você mistura com a língua italiana?”

Homem		Mulher		LEGENDA	
●	●	●	●	●	Sim
●	●	○	●	○	Não

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

A única informante que afirma que, quando fala o Pt.-RS, não mistura o *talian* é a informante CbGII-M-R. Os demais, todos disseram misturar, ou seja, todos os informantes da Ca, três informantes da Cb, três informantes da GII e todos os quatro da GI, todo grupo de homens e três informantes do grupo das mulheres. Em relação a essa questão, a informante CaGII-F-R relatou: “*Eu misturo quando vou falar com meu pai, meus irmãos, lá, quando eu vou lá no meu pai, porque eles misturam, daí eu acabo misturando também.*” O informante CbGII-H-R justificou que “*Ah mistura, porque a gente não é puro né, daí alguma coisa sai misturado*”.

Associado a isso, fizemos a pergunta contrária, e as respostas obtidas foram as seguintes:

**Quadro 13:** Questão 34: “Quando fala em italiano, você mistura o português?”

Homem		Mulher		LEGENDA	
●	●	●	●	●	Sim
●	●	○	●	○	Não

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

A informante CbGII-M-R mantém sua fala de que não faz a mistura e defende que misturar as duas línguas atrapalha o discurso. Os demais relatam que ocorre bastante, principalmente por eles não terem total domínio do *talian*, como diz o informante CaGII-H-R: “*Sim, se mistura, porque no se sà mia tuto né<sup>28</sup>*”. Outro informante, CbGII-H-R, disse que essa mistura ocorre menos, pois se fala o *talian* em menor proporção: “*Dai é menos, mais difícil pra misturar, porque a gente fala muito pouco italiano*”.

A questão de número 10 trata da língua materna do informante, e as respostas esperadas seriam o *Pt.-RS* e/ou *talian*. Podemos visualizar, com o quadro 13, que três informantes têm como primeira língua o *talian* e cinco informantes têm como primeira língua o *Pt.-RS*.

**Quadro 14:** Questão 10: “Que língua você aprendeu primeiro? Italiano ou português?”

Homem		Mulher		LEGENDA	
○	○	●	○	●	<i>Talian</i>
●	○	●	○	○	<i>Pt.-RS</i>

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Dos três informantes que responderam ter o *talian* como língua materna, dois (02) pertencem a CbGII-R e um a CaGII-R, sendo um homem e duas mulheres. Da geração mais velha, apenas o informante CaGII-H-R não tem como língua materna o *talian*. Todos os informantes da GI têm como língua materna o *Pt.-RS*.

Esses dados apontam para uma gradativa substituição linguística do *talian* para o *Pt.-RS*. De um lado, temos informantes mais velhos que tiveram o *talian* como língua materna, que aprenderam a falar o *Pt.-RS* na escola e que, atualmente, com base nas demais questões, deixam de falar o *talian* e predomina o uso do *Pt.-RS*. Por outro lado, existem jovens que têm como língua materna o *Pt.-RS* e, mesmo predominando o uso dessa língua, procuram

<sup>28</sup> Tradução: Sim, se mistura porque não se sabe tudo, né.

conhecer a língua e a cultura italiana, o que pode ser caracterizado como uma tentativa de manutenção das mesHomem

Essa questão instiga uma próxima: Questão 10: “Como aprendeu o português?”. Os informantes que responderam na questão anterior terem como língua materna o *Pt.-RS* afirmaram ter aprendido em casa, com os pais. Os informantes que responderam ter o *talian* como língua materna reconhecem ter aprendido o português na escola. Porém, relatam as dificuldades enfrentadas para aprender, como a informante CaGII-F-R “*Na escola. Porque em casa naquela época só falava o italiano. [...] Foi meio difícil. Ah misturava um monte de palavras. Daí levava reguada nos dedos porque não falava certo.*”

E o relato do informante CaGII-H-R:

*Ah, não foi (fácil), esses primeiros dias, a gente ficava sem nem... a professora pedia alguma coisa não falava nada, porque não se sabia, nós em casa era só o italiano, e daí chegou no colégio já era obrigado a falar em português, mas daí... mas foi difícil, mas difícil, bom as duas coisas pra mim foi difícil, tanto aprender a falar o português na época como aprender a estudar também, que eu fui até a terceira série e desisti...*

As dificuldades encontradas no aprendizado da língua geraram um efeito que transcende os dias atuais, visto que os jovens dessa comunidade já deixaram de aprender e ter como primeira língua o *talian*. As próximas questões vão ao encontro do tema ensino/aprendizado da língua de casa, ou seja, o *talian*. Perguntamos aos informantes se os pais deles fizeram questão de passar o italiano para os filhos. As respostas obtidas serão demonstradas no quadro 15:

**Quadro 15:** Questão 38: Os pais de você(s) fizeram questão de passar o italiano para os filhos? (Margotti, 2004)

Homem		Mulher		LEGENDA	
<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	Sim
<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	Não

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Predominantemente, as respostas foram sim, os pais fizeram questão de passar o italiano para eles, sendo que, dos oito, seis informantes deram essa resposta e dois (02) responderam que não. As justificativas dos informantes que responderam sim foram variadas. Os informantes CbGII-H-R , CbGII-M-R e CaGII-F-R falaram que, pelo fato de os pais só falarem aquela língua, eles passaram aos filhos. Podemos exemplificar no relato do informante CbGII-H-R:

*Ensinaram pra todos, todos os filhos começaram a aprender o português na escola. Porque o pai, a mãe, falavam só o italiano, quando vinha alguém de fora, meio atrapalhado eles falavam o português, mas senão. e daí nós fumo aprendendo na escola.*

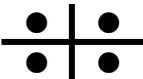
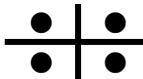
Os informantes CaGI-H-R, CbGI-H-R e CbGI-M-R disseram que, indiferente de eles terem aprendido ou não, os pais os incentivaram a aprender, por gostar da língua ou por achar que era uma língua bonita, como relatou a informante CbGI-M-R : “*eles falam e acham bonito, bom né, de... e a gente foi escutando e aprendendo né, pelo convívio*”.

O informante CaGII-H-R afirmou que os pais não incentivaram os filhos a aprender, mas por falarem a língua em casa, eles acabaram aprendendo um pouco. A informante CaGI-M-R alegou que os pais não ensinaram a língua, porém sempre incentivaram, tanto ela quanto seu irmão, a conhecer e gostar da cultura italiana, participando do grupo artístico da comunidade. Nesse caso, cabe ressaltar que os informantes CaGII-H-R e CaGI-M-R são pai e filha, sendo que fica perceptível que essas crenças passam de geração para geração.

Pensando sobre os grupos que abrangem a pesquisa, os informantes da Cb tiveram mais o ensino da língua de imigração por parte dos seus pais. Do grupo Ca, as respostas ficaram divididas igualmente. Não observamos diferenças expressivas em relação aos grupos diageracional e diassexual.

A próxima questão diz respeito às atitudes dos informantes, se eles fazem ou fizeram questão de passar o *talian* para seus filhos. Observemos as respostas no quadro 16:

**Quadro 16:** Questão 37: Você(s) faz (em) questão de passar o italiano para os seus filhos? (Margotti, 2004)

Homem	Mulher	LEGENDA	
		<input checked="" type="radio"/>	Sim
		<input type="radio"/>	Não

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Todos os informantes se dizem motivados a ensinar a variedade italiana aos filhos, mesmo os que têm pouco domínio da língua, por exemplo, CaGI-M-R e CaGI-H-R disseram que incentivam a aprenderem, ou com pessoas mais velhas ou em cursos de idioma. Os informantes da CbGI-R disseram que incentivam seus filhos a aprenderem para a manutenção

da cultura: (CbGI-M-R) *Si, mi vui. Parché le bel de parlar*<sup>29</sup>. *É interessante porque mantém a cultura né, a origem.*

Os informantes CbGII-H-R e CaGII-H-R afirmaram que gostariam que seus filhos aprendessem, mas que não se sentem totalmente aptos ao ensino. A informante CaGII-F-R disse ter tentado ensinar seus filhos sua língua, ela justificou sua resposta da seguinte forma:

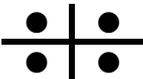
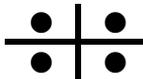
*Eu tentei, mas só que eles não quiseram aprender. E daí eles já... Que nem esse aqui que ficou mais em casa, mas daí os outros já foram trabalhar novo e daí já se acostumou, e daí arrumou umas mulher que também morava na cidade e só falavam em brasileiro, não entendiam nada em italiano, daí... foi pelo português mesmo.*

A informante CbGII-M-R afirmou que ensinou o italiano, pois, em sua família, é a língua básica de comunicação, sendo assim, todos entendem e, dentro do possível, respondem em *talian*, como sugere seu relato:

*Mi gue parli talian, lori me responde in brazilian i la cosita. Ma i capichi tuto. Até se precisa parlar, uma cosa in talian eles falam, meio, meio, ma parla. Le bel porque a gente se parla magari em talian, se eles não entendem fica chato, então quando precisa se parli talian, um pouco em brasilian e assim vai aprendendo*<sup>30</sup>.

Deve-se levar em conta que muitos dos informantes não possuem total domínio do *talian* e, dessa forma, mesmo que tenham o anseio de ensinar a língua aos seus filhos, se torna difícil, pois nem mesmo eles sabem falar a língua. Indo ao encontro desta pergunta, o quadro 17 traz as respostas dos informantes para a questão 25: “Acha importante que os filhos aprendam a língua italiana dos pais?”:

**Quadro 17:** Questão 25: “Acha importante que os filhos aprendam a língua italiana dos pais?”.

Homem	Mulher	LEGENDA
		<input checked="" type="radio"/> Sim
		<input type="radio"/> Não

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

<sup>29</sup> Tradução: Sim, eu vou, porque é bonito de falar.

<sup>30</sup> Tradução: Eu falo em italiano, eles me respondem em português e assim vai. Mas eles entendem tudo, até se precisar falar uma coisa em italiano eles falam, mais ou menos, mas falam. É bonito porque a gente fala, porém, em italiano, se eles não entendem, fica chato, então quando precisa se fala *talian*, um pouco em português e assim vai aprendendo.

Todos os informantes responderam achar importante que os filhos aprendam o *talian* dos pais. Um dos motivos, alegado por alguns informantes, é o da importância de falar mais de uma língua, como podemos comprovar com a resposta do informante CaGI-H-R:

*Si, porque eu acho que quanto mais línguas eles souber falar melhor é, e eu digo assim por mim, eu perdi a oportunidade de aprender o italiano, por mais que não seria o mais correto do mundo, mas eu tinha os meus professores em casa né, e eu perdi essa oportunidade, então eu acho que eu não posso deixar o meu filho perder essa oportunidade.*

Notamos, de acordo com os dados obtidos, que os informantes da comunidade rural têm o desejo de que os filhos aprendam o *talian*, mas que, pelo fato de não dominarem a variedade, essa vontade não se concretiza. Esse fator é um determinante na substituição que vem ocorrendo do *talian* pelo *Pt.-RS*.

Para a pergunta 26 “Muitos jovens não falam mais a língua dos pais (Italiano). O que acha disso?”, obtivemos diversificadas respostas, porém, a maioria, ligadas ao fato de que é a partir do incentivo dos pais que os jovens irão aprender ou deixar de aprender uma língua de casa, para ser possível fazer a manutenção da língua. As respostas nesse sentido foram obtidas pelos informantes CaGI-H-R, CaGI-M-R, CaGII-H-R, CaGII-F-R e CbGII-M-R , como exemplo, abaixo, um trecho das respostas de dois (02) informantes:

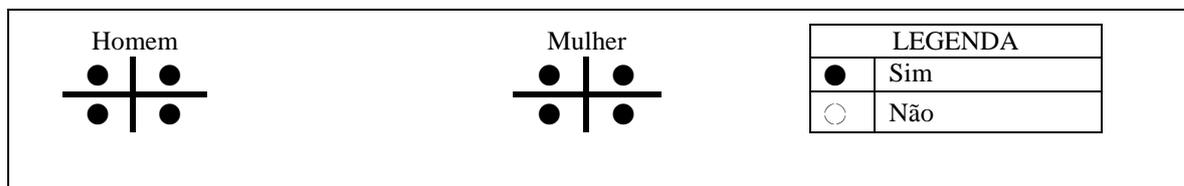
*CaGI-H-R: Mais uma perda de oportunidade, eu acho que isso teria que vir de berço, hoje... claro... é uma visão que a gente tem hoje, teria que vir de berço pra que ninguém se perca isso, quem tiver essa oportunidade tem que fazer a manutenção porque... mesmo porque o ensino ele não existe e você aprender custa né, então muita gente não tem a condição. Acho que esses jovens tão perdendo uma oportunidade que nem eu perdi talvez...*

*CaGI-M-R: Eu acho que vem do incentivo dos pais porque se os meus pais são italianos puro também como eu, então eles dentro da casa deles eles falavam, tipo italiano com os pais deles, na época, então eles que não tiveram esse incentivo para nós e sim só língua portuguesa né.*

Outros três informantes acreditam que os jovens não aprenderam pela sua falta de interesse, como o CbGI-H-R , CbGI-M-R e o CbGII-H-R . Como exemplo, a resposta do informante CbGI-H-R : “*É, as vez até o cara escuta uma palavra, mas não tentam praticar, não falam, né, daí acabam nem falando né*”. Nesse caso, percebemos que os próprios jovens mencionam o desinteresse em aprender o *talian*, fato que pode ser decorrente de crenças negativas perante a variedade de imigração, entendida, muitas vezes, como língua errada, que apenas os velhos falam etc.

Em relação ao aprendizado da variedade *talian*, questionamos os informantes com a pergunta 28: “Acha que deveria ter ensino do italiano?”. As respostas que recebemos estão expressas no quadro abaixo:

**Quadro 18:** Questão 28: “Acha que deveria ter ensino do italiano?”



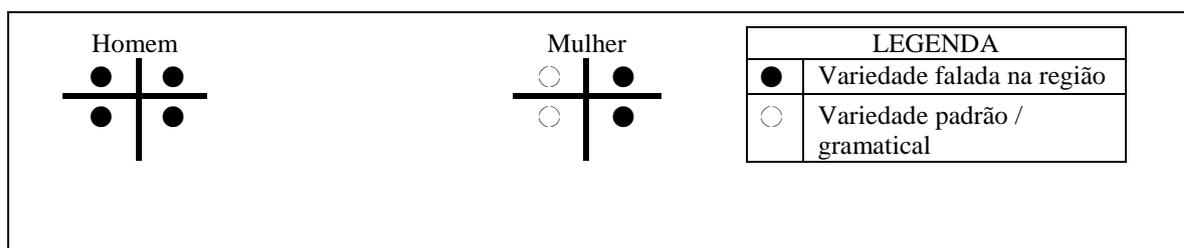
Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Assim como na questão 25, nessa, as respostas expressam uma crença dos informantes. Todos eles acreditam que o italiano deveria ser ensinado, que é uma língua importante como qualquer outra e que, na comunidade, seria significativo pela quantia de descendentes de italianos existentes, como relata a informante CaGII-F-R:

*Ah, era uma boa e desde... bom, tá certo que o inglês também é importante, mas eu acho assim, aqui seria mais pra todo mundo aprender a falar italiano, porque a maioria veio da Itália, então se soubesse falar o italiano também era melhor, porque nas região que tem alemão eles falam bastante alemão.*

Além disso, perguntamos aos informantes qual italiano deveria ser ensinado, o que se fala na região ou o padrão, gramatical. Podemos observar as respostas obtidas no quadro 19:

**Quadro 19:** Questão 36: “E qual o italiano você acha que deveria ser ensinado?” (Margotti, 2004)



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

De acordo com seis informantes, a variedade mais apropriada para o ensino é a falada na região, ou seja, o *talian*. Dentre eles estão os informantes CaGII-H-R, CbGII-H-R, CaGI-H-R, CbGI-H-R, CaGI-M-R e CbGI-M-R. Outros dois (02), CaGII-F-R e CbGII-M-R, pensam que a variedade padrão ou gramatical seria a mais apropriada. Ao observarmos essas questões levando em conta a dimensão diastrática, não observamos diferenças representativas na dimensão diageracional, já que todos os informantes mais novos acreditam que deva ser

ensinada a variedade da região. Os informantes mais velhos dividiram as opiniões, sendo que dois (02) preferem a variedade padrão e dois (02) preferem a variedade da região. Uma observação importante é que todos os homens responderam ser a variedade falada na região o mais apropriado ao ensino, já no grupo das mulheres apenas duas pensam assim.

Acreditamos que esse ponto leve em conta a questão do prestígio linguístico que a variedade padrão detém, uma vez que a variedade regional é, muitas vezes, estigmatizada. Observamos que o grupo que, com unanimidade, concordou que nas escolas deveria ser ensinada a variedade regional foi o grupo mais jovem e, conforme Margotti (2004), mais inovador, seguido pelo grupo de homens que, segundo Labov (2008) é mais descuidado com a língua. Ensinar o italiano padrão nas escolas seria inserir mais uma variedade estrangeira na realidade da comunidade e, possivelmente, essa inserção não iria alavancar o *talian*, mas, sim, estigmatizar ainda mais a variedade regional.

Dando sequência à análise, questionamos os informantes sobre “O que identifica o italiano típico daqui? (questão 29)”. Das diversas características apontadas, as mais salientes foram o quanto os italianos são trabalhadores e brincalhões, como nos disse o informante CaGII-H-R: “*Ah é muito brincalione né, extrovertidi né, i ê faceri, en festa e procurem sempre se divertir tanto*”<sup>31</sup>. Outra característica enfatizada foi o ser “pão-duro”, ou seja, o quão seguro os italianos são com seu dinheiro, como afirma a informante CbGI-M-R : “*Una gente panduri, tutti panduri. Trabalhadores...*”<sup>32</sup>. Também ocorreram alguns relatos de que os italianos têm fama de serem grossos e falarem alto, como para a informante CaGI-M-R e para o informante CaGI-H-R, as características mais marcantes são:

*São pessoas alegres, são pessoas receptivas às vezes daquele jeito tão grosso que é o italiano que a gente sabe que é o jeito do italiano, outras características, pessoas normalmente são pessoas mais estruturadas tipo pensando na característica física a maioria né, normalmente são pessoas mais estruturadas (CaGI-M-R).*

*Diz que o italiano fala alto né, é meio grosso, mas eu acho que é mais de origem mesmo, a própria cultura da Itália, são pessoas trabalhadoras. O italiano ele é dedicado, é desconfiado, isso tudo são características que a gente percebe né, mas assim, acima de tudo existe muita devoção, dedicação e muito esforço da pessoa italiana (CaGI-H-R).*

E sobre as características físicas, a informante CbGII-M-R apontou que são “*Tudo gente branca, não tem... se percebe o jeito de falar, o bom dia, o boa tarde*”. A próxima

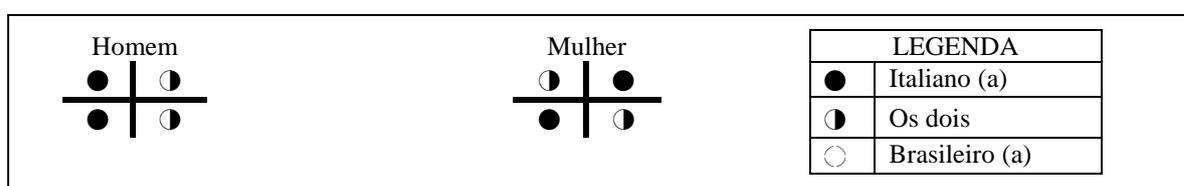
<sup>31</sup> Tradução: Ah, é muito brincalhão né, extrovertido né, e são faceiros, em festas eles procuram sempre se divertir.

<sup>32</sup> Tradução: Uma gente pão-duro, todos pão-duro. Trabalhadores...

pergunta (questão 18) foi a seguinte: “E o que identifica o brasileiro?”. As respostas foram variadas, mas em geral, para todos os informantes são os costumes e por não falar italiano. Os informantes CaGII-H-R, CbGII-H-R e CbGII-M-R mencionaram também os traços da fisionomia, como, por exemplo, a cor mais escura. Além disso, a informante CaGII-F-R reconhece que brasileiros são todos os nascidos no Brasil, independente da etnia.

Diante de tais considerações, a próxima pergunta a analisarmos será a questão 13: “Como se sente mais? Italiano? Brasileiro?”, vejamos as respostas, no quadro 20:

**Quadro 20:** Questão 13: “Como se sente mais? Italiano? Brasileiro?”



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Constatamos, a partir dos dados, que quatro informantes se sentem mais italianos e outros quatro se identificam com as duas etnias, porém, nenhum disse considerar-se apenas brasileiro. Da Ca, dois (02) informantes disseram sentirem-se mais italianos e dois (02) disseram que são os dois, da Cb o mesmo ocorreu. Da GII, um informante diz ser tanto italiano quanto brasileiro, e três informantes afirmam que se sentem mais italianos. Da GI, ocorreu o contrário, um informante disse considerar-se italiano e os demais, com as duas descendências. Quando aos gêneros, não se observou diferenças.

O grupo GII foi o que mais disse sentir-se italiano; do grupo GI, a maioria se sente com as duas identidades, mas mesmo não falando a língua, todos os informantes afirmaram que se sentem italianos, pelo menos em parte. Em outras palavras, nesse grupo, podemos observar que existe um sentimento de pertencimento ao grupo italiano, mas que, de acordo com os dados colhidos e analisados, não se forma, a partir da língua, havendo outros fatores que possibilitam esse reconhecimento na cultura italiana, como foi citado pelos próprios informantes, a partir da música, da comida e das festas tradicionais, por exemplo.

Sobre o que os informantes pensam da língua *talian*, fizemos a questão “Como avalia o *talian* em termos de tipo de língua falada no lugar?”. Observamos que os informantes possuem diferentes considerações sobre a língua. Três deles (CbGI-M-R, CbGI-H-R e CbGII-H-R) nos disseram sobre como é uma língua bonita, engraçada e interessante de se ouvir, principalmente quando observam pessoas mais velhas falando, como observamos em trechos de suas falas:

*CbGI-M-R : É importante, uma pra manter a origem, a cultura né, depois por que é bonito de ser falado né, acho que é isso, tipo...*

*CbGI-H-R : É, as vez tem a noninha que mora aqui no fundo e a (...) outra noninha aqui, uma da direita e uma da esquerda, quando se encontram as duas é só o italiano né, e daí tipo, até engraçado “às vez” é bonito de ver, também né, tu não escuta por exemplo elas falar em português, só o italiano.*

*CbGII-H-R : Eu acho bonito, eu acho bonito, tem uns ali no grupo de idoso que é italiano mesmo, que não fala português, eu acho bonito.*

O informante CaGII-H-R referiu-se aos vários dialetos existentes, mas que o que fala aqui é o melhor de entender:

*CaGII-H-R: Se parla vários dialeto né, ma qual que se parla cuá é uma... um dialeto que se capice bem né e lora... sol que no se consegue mia parlar massa né, ma se capice bem i é um dialeto que é muito bom. Le bom, dentro da cultura, ele é muito bom<sup>33</sup>.*

Uma informante CaGI-M-R, recordou que é uma língua às vezes grosseira: “*Na verdade o italiano ele é assim (...) bruto, grosso ele é mais esse lado eu pelo que eu percebo né no meu entendimento o italiano na hora ele é uma pessoa mais grosseira*”, porém, diferente daquela língua vinda da Itália, como afirmaram as informantes mais velhas CaGII-F-R e CbGII-M-R:

*CaGII-F-R: Ah eu acho que é um dialeto, não é assim um... porque ele tem uma prima que morou na Itália, ela veio pra cá e daí nós fumo conversar com ela, gente eu quase não entendia, porque ela fala o italiano da Itália mesmo e daí eu vi que é bem diferente do nosso italiano (...).*

*CbGII-M-R : Ela é um pouco diferente daquela que se falava bem na Itália né, a nossa língua italiana le um poquetin diferente, mas é a mesma pronúncia.*

Percebemos também uma consciência dos informantes para com a preservação da língua, como podemos perceber na fala do informante CaGI-H-R:

*Isso que nós colocamos aqui, não é o italiano de hoje lá da Itália, mas eu acho que ali tem uma história de vida, tem pessoas que trouxeram isso pra cá, né, então eu acho que, indiferente se ele é o correto ou não, ele... tem que ter a manutenção dele, ele tem que sobreviver.*

A pergunta 03 questiona se há diferença entre o italiano falado em outras regiões com o italiano da comunidade. Os informantes CaGII-F-R, CaGI-M-R, CaGI-H-R, CbGI-M-R e

---

<sup>33</sup> Tradução: Se fala vários dialetos né, mas aquele que se fala aqui é uma... um dialeto que se entende bem né, e então... só que não se consegue falar mais tanto né, mas se entende bem, e é um dialeto que é muito bom. É bom, dentro da cultura, ele é muito bom.

CbGI-H-R acreditam não haver diferença alguma entre o *talian* falado aqui e em outras regiões. O informante CaGII-H-R apontou para diferenças existentes entre o *talian* falado aqui e em outras regiões: “*Guidea de sim, né, parché la ga varia dialeti mai mas se capichi, se sabe de quel que parla em nosso entorno cuá né, in outro, nantra regiões se sá que il parla anca un dialeto um pouco diferente*<sup>34</sup>”. A informante CbGII-M-R afirmou que, diferente da comunidade em que vive, na cidade é diferente, por exemplo, pois se fala menos o *talian*. O informante CbGII-H-R disse não haver diferença entre o italiano falado na região, porém que existem diferenças entre o *Pt.-RS* da região com o de outros lugares.

Muitos dos informantes que afirmam não haver diferença entre o *talian* falado aqui e em outras regiões justificam o fato de não terem viajado muito, por não ter saído da região muitas vezes. Dessa forma, é difícil que conheçam outras realidades linguísticas. Outra hipótese é que, se saem da região, ou, como dito na questão 16 e 31, se estão com pessoas estranhas ou visitas, os informantes preferem usar o *Pt.-RS*, impossibilitando que conheçam outras variedades do *talian*.

Por fim, realizamos a questão de número 22 “De modo geral, de todos os tipos de pessoas aqui, quem preserva mais a sua língua e costumes de origem?”. Os informantes CaGI-M-R, CaGII-F-R, CbGI-M-R, CbGI-H-R e CbGII-H-R responderam que as pessoas que mais preservam a língua e os costumes de origem são as pessoas mais de idade, os avós e complementaram que, além da língua, essas pessoas preservam a religiosidade, as comidas típicas. A informante CbGII-M-R disse que quem mais preserva a cultura são os italianos, principalmente na forma do trabalho no campo, de plantar os produtos para sua subsistência. O informante CaGI-H-R alegou que as famílias tradicionais da comunidade são as que mais preservam, citando o exemplo da sua família, que preserva os costumes da culinária típica, da língua, costumes e devoções. O informante CaGII-H-R afirma que o português é a língua mais preservada, e a cultura italiana mantida pelos italianos mais velhos.

## 4.2 CHAPECÓ URBANO

Os dados que constituem essa seção foram coletados na região urbana da cidade de Chapecó. Para a elaboração da análise, as questões apresentadas serão as mesmas da seção

---

<sup>34</sup> Tradução: Acredito que sim né, porque tem vários dialetos a mais, mas se entende, se sabe daquele que se fala aqui perto né, em outro, em outras regiões, se sabe que eles falam um também um dialeto um pouco diferente.

acima, intitulada Chapecó Rural. O quadro 21 corresponde às respostas obtidas na questão 01, as legendas estão dispostas da mesma maneira que se encontram na seção 4.1, observemos:

**Quadro 21:** Questão 01: Que língua costuma falar em família?

Homem		Mulher		LEGENDA	
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<i>Talian</i>
<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	+ <i>talian</i> - <i>Pt.-RS</i>
<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<i>Pt.-RS/talian</i>
<input type="radio"/>	+ <i>Pt.-RS</i> - <i>talian</i>				
<input type="radio"/>	<i>Pt.-RS</i>				

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Podemos perceber nessa questão que cinco informantes afirmam fazer uso, com maior ou menor intensidade, do *Pt.-RS* e do *talian*, e três informantes reconhecem utilizar apenas o *Pt.-RS* em suas relações familiares, sendo eles CaGI-H-U, CaGI-M-U e CbGI-H-U. Daqueles que responderam utilizar as duas variedades, verificamos que os dois (02) informantes da CbGII-U afirmaram utilizar as duas línguas na mesma intensidade, sendo que a variedade *talian* é frequentemente usada no contato com irmãos, vizinhos e nas festas de família. Os informantes da CaGII-U e a informante CbGI-M-U afirmaram que utilizam a variedade *talian* com os irmãos, pais, vizinhos ou pessoas mais velhas, mas que, em casa, com os filhos, utilizam apenas o *Pt.-RS*.

Observando as respostas por grupos, a Cb é a classe que mais tem informantes que fazem uso do *talian*, sendo que dos quatro informantes, apenas um disse utilizar apenas o *Pt.-RS*. Da Ca, a divisão ficou em dois (02) informantes utilizam apenas o *Pt.-RS* e dois (02) informantes utilizam menos o *talian* e mais o *Pt.-RS* nas relações familiares. Quanto às idades, fica evidente que é a GII que utiliza mais o *talian*, uma vez que todos os informantes afirmaram utilizar a variedade juntamente com o *Pt.-RS*. A GI tem a utilização do *talian* apenas pela informante CbGI-M-U. Referente ao sexo, o grupo que mais utiliza o *talian* é o das mulheres, sendo que três fazem o uso, contra apenas dois (02) dos homens.

Sobre o grau de bilinguismo em *talian* dos informantes, constatamos as seguintes respostas no quadro 22:

**Quadro 22:** Questão 39: Quanto ao italiano, qual é o grau de bilinguismo dos entrevistados? (MARGOTTI, 2004)

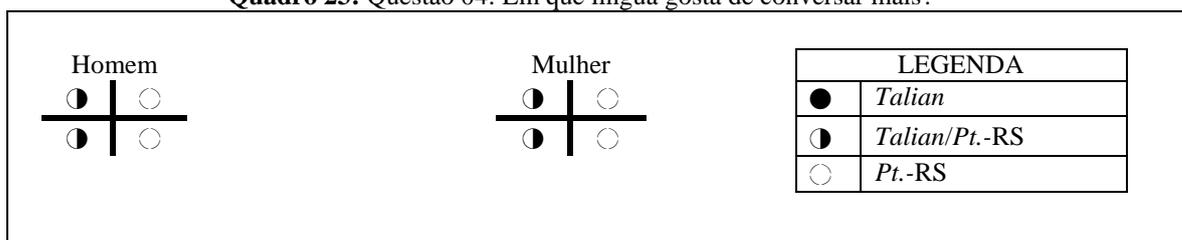
	CaGII -H-U	CaGII -M-U	CaGI- H-U	CaGI- M-U	CbGII -H-U	CbGII -M-U	CbGI- H-U	CbGI- M-U	LEGENDA
Fala	●	◐	○	○	○	○	○	○	● Bem/bastante
Entende	●	●	◐	◐	●	●	○	◐	◐ Médio
Lê	○	◐	○	○	●	○	○	○	○ Mal/Pouco
Canta	●	●	●	●	●	●	○	○	
Xinga/reclama	●	●	●	●	○	○	○	●	
Reza	○	○	○	○	○	○	○	○	
Faz conta	○	○	○	○	○	○	○	○	
Sonha	○	○	○	○	○	○	○	○	

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Referente aos usos, o informante CaGII-H-U manifestou falar bem/bastante o *talian* e a informante CaGII-M-U disse ter uso mediano da língua, os demais responderam mal/pouco. A resposta para o quanto os informantes entendem em *talian* foram as seguintes: no grupo da GII, todos afirmam entender bem/bastante a língua; no grupo da GI, o informante CbGI-H-U afirmou entender mal/pouco e os demais alegaram entender de maneira mediana. A leitura foi expressa como bem/bastante pela informante CbGII-M-U e como média pela informante CaGII-M-U. Para a competência de cantar, todos os informantes da GII e do grupo CaGI-U manifestam cantar bem/bastante e os informantes do grupo CbGI-U confessam cantar mal/pouco. Com relação à quanto se xinga/reclama, os informantes CaGI-H-U, CaGI-M-U, CbGI-M-U, CaGII-H-U e CaGII-M-U disseram fazer bem/bastante em *talian*, já os informantes CbGI-H-U, CbGII-H-U e CbGII-M-U afirmam fazer pouco/mal.

De maneira geral, a Ca demonstrou dominar mais o *talian* do que a Cb. Os informantes mais velhos, da GII, apresentaram maior domínio da variedade. Entre homens e mulheres, as diferenças são mínimas, porém foram as mulheres que demonstraram maior conhecimento do *talian*. Os informantes que manifestaram melhor domínio do *talian* em mais competências foram os informantes da CaGII-U. A informante CbGII-M-U e os informantes da CaGI-U manifestaram ter de mediano a bom/bastante domínio da língua em três competências, seguidos pelos informantes CbGI-M-U e CbGII-H-U que demonstraram ter competência entre mediana e boa em duas competências. O informante CbGI-H-U manifestou ter mal/pouco conhecimento da variedade.

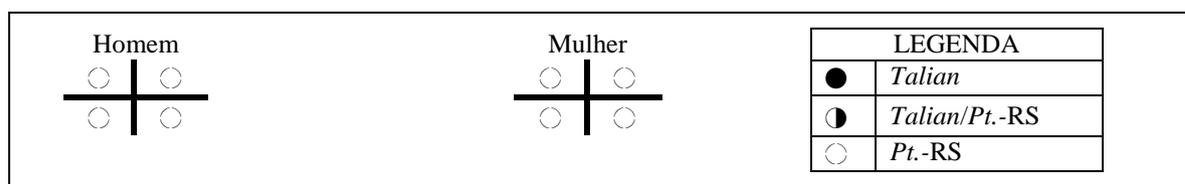
Seguimos a análise com a questão 04: “Em que língua gosta de conversar mais?”, para a qual obtivemos as respostas conforme o quadro 23:

**Quadro 23:** Questão 04: Em que língua gosta de conversar mais?

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

De modo geral, para a questão 04, quatro informantes afirmaram gostar mais de conversar em *Pt.-RS* e quatro gostar das duas línguas da mesma maneira. Ocorre que a disparidade aqui é encontrada entre as gerações. Como é observável no quadro 23, todos os informantes da GI afirmam gostar mais do *Pt.-RS*, enquanto todos os informantes da GII afirmam gostar das duas variedades. É possível afirmar que essa diferença ocorre devido ao fato dos informantes mais jovens não se sentirem seguros utilizando a variedade *talian*, ou por terem pouco contato com pessoas que utilizam essa variedade, como nos afirma a informante CbGI-M-U: *Eu, como já não tenho muito contato com o italiano, no momento eu gosto do português, mas gostaria muito de também aprender...*

A próxima questão, de número 05, diz respeito a qual língua que o informante costuma usar mais. Na sequência, visualizamos os resultados no quadro 24:

**Quadro 24:** Questão 05: De modo geral, em que língua costuma falar mais?

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Nessa questão, assim como respondida pela comunidade rural, observamos que o *talian* tende a manter seu uso em lugares mais restritos, como, por exemplo, em ambientes familiares, pois, de acordo com os dados obtidos, todos os informantes costumam falar mais o *Pt.-RS*.

Sobre os lugares de uso das variedades, na questão 30 propomos algumas sugestões de lugares, perguntando qual língua os informantes utilizam em cada situação. As respostas estão expostas no quadro 25.

**Quadro 25:** Questão 30: Que língua você fala nas seguintes ocasiões no seu município:

	CaGII -H-U	CaGII -M-U	CaGI- H-U	CaGI- M-U	CbGII -H-U	CbGII -M-U	CbGI- H-U	CbGI- M-U	LEGENDA
No Correio	○	○	○	○	○	○	○	○	● Talian
No mercado	○	○	○	○	○	○	○	○	◐ Pt.-RS/talian
No sindicato	○	○	○	○	○	○	○	○	○ Pt.-RS
No restaurante	○	◐	○	○	○	○	○	○	
Na prefeitura	○	○	○	○	○	○	○	○	
No posto de saúde	○	○	○	○	○	○	○	○	
No confessionário			○	○	○	○	○	○	
No posto de gasolina	○	○	○	○	○	○	○	○	
No trabalho	○	○	○	○	○	○	○	○	

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Referente aos lugares de uso da variedade *talian*, a informante CaGII-M-U disse utilizar a variedade em restaurantes, caso encontre alguma pessoa que também utilize a língua. Os demais informantes afirmam não encontrar situações em que o uso do *talian* seja possível, pois o uso na comunidade urbana se torna restrito ao *Pt.-RS*. A falta de interlocutores também é uma das causas do não uso da língua na Região Urbana.

Perguntamos aos informantes, de maneira geral, em que situações eles falam o *talian* e em quais falam o *Pt.-RS* (questão 32). Com relação ao *Pt.-RS*, os informantes disseram que utilizam em todas as situações: em casa, no trabalho, pois é a língua do dia a dia. O *talian*, para a informante CaGII-M-U, é utilizado em sua cidade natal e com pessoas que também falam a variedade; já os informantes da CaGI-U, CaGII-H-U e CbGI-H-U afirmam que seu uso se restringe a ambientes familiares, com pessoas mais velhas. As festas de família foram mencionadas pelos informantes do grupo CbGII-U e pelo informante CbGI-H-U, como podemos observar no trecho da conversa com a informante CbGII-M-U:

*Cuando se catemo su, o ntel una festa comi i nantri ntel la festa de nostra fameia, parlemo tuto italian. Un a chel altro che a turma pi dovena che no i parla tanti talian. Ma quel vetiotti, quel li de cuarenta ani i su, tutti, tutti parla il talian*<sup>35</sup>.

Essa questão nos leva a pensar sobre quem são as pessoas que utilizam a variedade *talian*, uma vez que os ambientes de uso são tão limitados. As respostas à questão 35 estão no quadro 26.

<sup>35</sup> Tradução: Quando nos encontramos, ou em uma festa como nós, na festa de nossa família, falamos tudo *talian*. Um ou outro da turma mais nova que não fala tanto *talian*. Mas aqueles velhinhos, aqueles de quarenta anos pra cima, todos, todos falam em *talian*.

**Quadro 26:** Questão 35: Todas as pessoas daqui falam italiano? Quem?

	CaGII -H-U	CaGII -M-U	CaGI- H-U	CaGI- M-U	CbGII -H-U	CbGII -M-U	CbGI- H-U	CbGI- M-U
Avós	●	●	●	●	●	●	●	●
Pais	●	●	●	●	●	●	●	●
Filhos	○	○	○	○	●	●	○	○
Irmãos	●	●	○	○	●	●	○	●
Amigos	●	●	○	○	●	●	○	○
Vizinhos	●	●	○	○	●	●	○	●
Professores	○	○	○	○	○	○	○	○
Religiosos	○	○	○	○	○	○	○	●

LEGENDA	
●	Sim
○	Não

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

A partir das respostas, observamos que todos os informantes apontaram para os avós e os pais como pessoas que falam *talian*. Além deles, todos os informantes da GII e a informante CbGI-M-U responderam que os irmãos e vizinhos também mantêm o *talian*. Outra recorrência de uso do *talian* está com os amigos, pois todos os informantes da GII responderam que eles utilizam a língua. Os filhos, como falantes de *talian*, foram lembrados pelos dois (02) informantes do grupo CbGII-U e apenas uma informante (CbGI-M-U) lembrou de religiosos que falam o *talian*. Sobre os professores, nenhum informante recordou de algum professor que falasse *talian*.

Contrastadas com as respostas fornecidas pelo grupo rural, apesar de que a maior concentração de pessoas está na região urbana, nessa região menos pessoas são lembradas como falantes do *talian*. O questionamento que segue pergunta aos informantes quem fala melhor o *talian* (Questão 24). Nas respostas, os avós, os pais e pessoas mais velhas aparecem novamente, lembrados pelos informantes CaGI-M-U, CaGI-H-U, CbGI-M-U e CbGI-H-U. Os informantes da CaGII-U acreditam que são as pessoas da Itália que melhor falam o *talian* e, para os informantes da CbGII-U, a região onde mora tem influência sobre quem fala melhor o *talian*.

Nas duas questões seguintes, foram sugeridas situações rotineiras que apontam para o uso das línguas em contato com outras pessoas e a língua utilizada nos momentos em que encontram com pessoas na rua. Elas são a questão 06 “Quando vem visita, que língua prefere usar?” e a questão 31 “Quando você encontra um estranho na rua de sua cidade em que língua você fala com ele?”. As respostas obtidas estão no quadro 27:

**Quadro 27:** Questão 06 “Quando vem visita, que língua prefere usar?”; Questão 31 “Quando você encontra um estranho na rua de sua cidade em que língua você fala com ele?”.

<b>Questão 06</b> “Quando vem visita, que língua prefere usar?”				<b>Questão 31</b> “Quando você encontra um estranho na rua de sua cidade em que língua você fala com ele?”			
Homem		Mulher		Homem		Mulher	
<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
				LEGENDA			
				<input checked="" type="radio"/>		<i>Talian</i>	
				<input checked="" type="radio"/>		<i>Pt.-RS/talian</i>	
				<input type="radio"/>		<i>Pt.-RS</i>	

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Predominantemente, no uso social, o *Pt.-RS* se sobressai. Na questão 06, os informantes do grupo GII disseram utilizar as duas línguas quando estão com visitas conhecidas e só utilizam o *talian* quando sabem que a pessoa também fala. Para as demais situações, utilizam o *Pt.-RS*. Informantes da CaGII também comentaram que, por conta de terem poucos conhecidos que falam *talian*, eles acabam utilizando mais o *Pt.-RS*, como afirma a informante CaGII-F: “*Quando guene persona que parla il talian, me piase anca parlar il talian, pero no ghe mia la piu parte de las persona que conoso, que vivo cuá derente, le parla portugués, lora, le una coza logica que parlo depí portugues*”<sup>36</sup>. Os informantes da GI utilizam apenas o *Pt.-RS*. Com estranhos, nenhum informante manifestou utilizar o *talian*.

A próxima questão analisada é a questão 09 “Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa, língua italiana, mas insistia em só falar português?”. As respostas obtidas estão expostas no quadro 28:

**Quadro 28:** Questão 09 “Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa, língua italiana, mas insistia em só falar português?”

Homem		Mulher		LEGENDA	
<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	Sim
<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	Não

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

<sup>36</sup> Tradução: Quando tem pessoas que falam o *talian*, gosto também de falar o *talian*, mas não tem, a maioria das pessoas que conheço, que vivem aqui perto, eles falam português, então é uma coisa lógica que falo mais português.

Ocorreu que seis informantes responderam conhecer alguém que sabe a língua de casa, nesse caso, o *talian*, mas que, por determinado motivo, insistem em utilizar apenas o *Pt.-RS*, foram eles os informantes da CaGI-U, CbGI-U e CbGII-U. A informante CaGI-M-U justificou que isso ocorre pelo hábito de não utilizar a variedade, como podemos observar no seguinte trecho da entrevista: *Eu acho que a maioria pelo hábito de... que nem você colocou antes, nos lugares que a gente vai, fala só o português, aqui não tem tanto essa utilização, então as pessoas acabam não utilizando*. Os informantes da CaGII-U responderam não conhecer ninguém assim, pois acreditam que quem conhece o *talian*, que sabe falar a língua, não deixa de utilizá-la, pois gosta dela, como disse a informante CaGII-M-U: *No, parché la persona que parla il talian a lore le piase parlar el talian*<sup>37</sup>.

Contribuindo com esse questionamento, perguntamos aos informantes “o que acham das pessoas que só falam o *Pt.-RS* e nunca sua própria língua de casa, o *talian*? (questão 08)”. As respostas obtidas apresentaram diversas justificativas. Os informantes da CaGII-U disseram ser difícil encontrar o motivo de uma pessoa não utilizar o *talian*, mas acreditam que quem não utiliza não sabe a importância da manutenção dessa língua, como é possível observar no relato do informante CaGII-H-U:

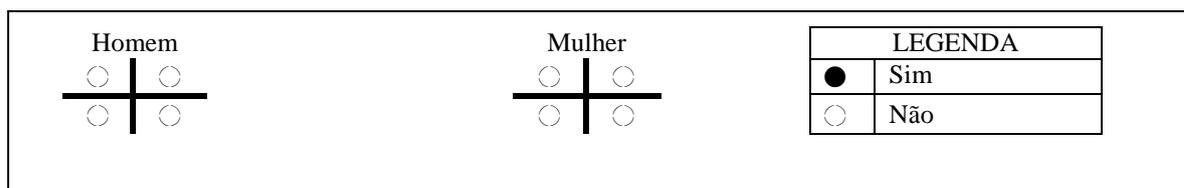
*É le fadiga dir parché che sá parlar il talian i no parla mia, nó, dele volte vo ga vergogna, o vo mia di de onde che le, mai no vedo, la mia uma bele robe nó, se te pol parlar il talian, parla cuando che te ze de bisogno, el uma belíssima de um idioma, né, i le belo, le... no vedo nianca una... un motivo par esconder el idioma, vedo mia nó, vedo mia...*<sup>38</sup>

Os informantes do grupo CbGII-U e CbGI-U pensam que precisaria falar o *talian*, pois é uma língua importante, que deveria ser aprendida e repassada. Os informantes da CaGI-U acreditam que muitas pessoas não falam o *talian* por medo de não serem compreendidos, por exemplo, em um grupo de amigos mais jovens, e que é com os avós e com os pais que essa pessoa poderia utilizar a língua de casa.

Seguimos para a questão 27 “Existem situações em que você tem vergonha de falar Italiano?” As respostas estão representadas no quadro 29:

<sup>37</sup> Tradução: Não porque a pessoa que fala o *talian*, ela gosta de falar o *talian*.

<sup>38</sup> Tradução: É difícil dizer porque aquele que sabe falar o *talian* e não fala, às vezes tem vergonha, ou não quer dizer de onde que é, mas não vejo, não é uma boa coisa né, se pode falar o *talian*, fala quando que precisa, é um belíssimo idioma, é belo... e não vejo nenhum motivo para esconder o idioma, não vejo, não vejo...

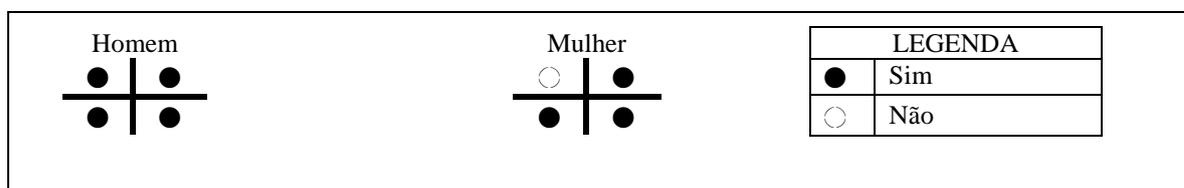
**Quadro 29:** Questão 27: “Existem situações em que você tem vergonha de falar Italiano?”

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

A resposta foi unânime e, assim como no grupo rural, nenhum informante manifestou ter vergonha de falar *talian*, mas dizem não falar por saber pouco, como a informante CbGI-M-U, ou não manifestar a língua quando estão na presença de pessoas de outras etnias, como afirmou o informante CaGII-H-U.

A partir das respostas dos informantes, percebemos que eles dizem não ter vergonha de falar, mas, mesmo assim, não falam. Existe uma incompatibilidade entre essa resposta e o que ocorre realmente. Algumas hipóteses que justificam esse fato é que muitos informantes acreditam na importância de manter a variedade de imigração, mas existe o medo de não serem compreendidos, além disso, não encontram interlocutores para manter diálogos na língua. Sendo assim, os informantes podem não sentir vergonha da língua propriamente dita, mas deixam de utilizá-la para não serem julgados ou incompreendidos.

Os informantes do grupo urbano também foram questionados sobre a ocorrência do “code-switching” na pergunta 33 “Quando fala português, você mistura com a língua italiana?” e na pergunta 34 “Quando fala em italiano, você mistura o português?”. As respostas serão demonstradas nos quadros 30 e 31, respectivamente:

**Quadro 30:** Questão 33: “Quando fala português, você mistura com a língua italiana?”

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

A informante CaGII-M-U disse não misturar o *talian* quando fala o *Pt.-RS*. Os demais, todos afirmam que ocorre a mistura. A informante CbGI-M-U, por exemplo, respondeu da seguinte forma: *mistura, querendo ou não algumas palavras escapa, mas são poucas*. Em geral, os informantes disseram que esse fenômeno ocorre, mas ocorre menos, como por exemplo, quando mistura uma palavra ou expressão. No quadro abaixo, temos a questão inversa, as respostas que obtivemos foram as seguintes:

**Quadro 31:** Questão 34: “Quando fala em italiano, você mistura o português?”

Homem	Mulher	LEGENDA				
		<table border="1"> <tr> <td style="text-align: center;">●</td> <td>Sim</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">○</td> <td>Não</td> </tr> </table>	●	Sim	○	Não
●	Sim					
○	Não					

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

O informante CbGI-H-U disse não fazer a mistura, justificado por não ter nenhuma situação em que utiliza o *talian*. Os demais informantes, todos disseram misturar o *Pt.-RS* quando estão falando o *talian*, como explicou o informante CaGII-H-U:

*Dele volte si, parché el mio italiano le mia un talian 100% (cento par cento)... le e médo, como se parla poco, se perde de tanto... se parla poco, se perde tanto, lora guezé parole che minticato belche, lora se minticato bisogna meter uma de português para el posto (...)*<sup>39</sup>.

Em resumo, os informantes que disseram que ocorre a troca, afirmaram que ela se dá porque frequentemente eles se esquecem como é a palavra em *talian*, então utilizam em *Pt.-RS* para poderem se expressar. Dando continuidade à análise, a questão 10 ocupa-se da língua materna dos informantes, podemos observar no quadro 32 as respostas obtidas:

**Quadro 32:** Questão 10: “Que língua você aprendeu primeiro? Italiano ou português?”

Homem	Mulher	LEGENDA						
		<table border="1"> <tr> <td style="text-align: center;">●</td> <td><i>Talian</i></td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">○</td> <td><i>Pt.-RS</i></td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">◐</td> <td><i>Talian/Pt.-RS</i></td> </tr> </table>	●	<i>Talian</i>	○	<i>Pt.-RS</i>	◐	<i>Talian/Pt.-RS</i>
●	<i>Talian</i>							
○	<i>Pt.-RS</i>							
◐	<i>Talian/Pt.-RS</i>							

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

De acordo com os dados, apenas a informante CaGII-M-U tem as duas variedades, *Pt.-RS* e *talian*, como língua materna; os demais, todos tem o *Pt.-RS*. Uma justificativa encontrada por alguns informantes foi que os pais ensinavam o português para que, quando os filhos fossem à escola, não sofressem tanto quanto eles sofreram, como encontramos no relato do informante CaGII-H-U:

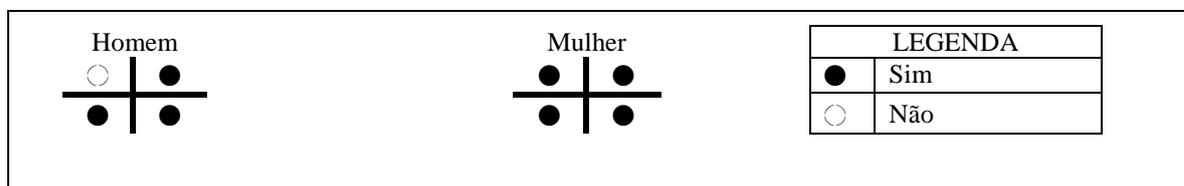
<sup>39</sup> Tradução: Às vezes sim, porque o meu *talian* não é um *talian* 100%... Ele é médio, como se fala pouco, se perde bastante, então, tem palavras que me já esqueci, então se esqueço, preciso colocar uma em português no lugar.

*Mi go... casa mia, la mi mama i mi pare, tuti due parlea italian, ma a nuantri sete frатели guemo imparar el portugués, si, desde el primo momento, parché me recordó che la mama disea, la parlea sempre che il fioi havia de bisogno che parlasse el portugués como il brasiliani par no ver fadigue ntela scola. I era véro no... ela savea, e lora cuando che lore due parlea con nuantri tosatei lora luri parlea el portugués, ma intrà le lore due il pai e la mama, il parlea il talian, ma mi go imparar el portugués<sup>40</sup>.*

A imposição da língua portuguesa, ocorrida na Campanha de Nacionalização do Ensino, e a proibição da fala dialetal italiana, ocorrida na década de 1930, de fato marcou a população da época, e esse comportamento acabou repercutindo nas gerações futuras. Relatos como o do informante CaGII-H-U são recorrentes, pois os pais, para ajudar seus filhos, esforçaram-se em transmitir-lhes a língua portuguesa para, desta forma, facilitar o aprendizado na escola (DAL CORNO, 2010).

Em conformidade com essa temática, nas análises seguintes, veremos mais questões que dizem respeito à relação ensino/aprendizagem do *talian* pelos informantes. A pergunta que segue questiona os informantes se os pais deles fizeram questão de passar o *talian* para os filhos e as respostas estão exibidas no quadro 33:

**Quadro 33:** Questão 38: Os pais de você(s) fizeram questão de passar o italiano para os filhos? (Margotti, 2004)



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

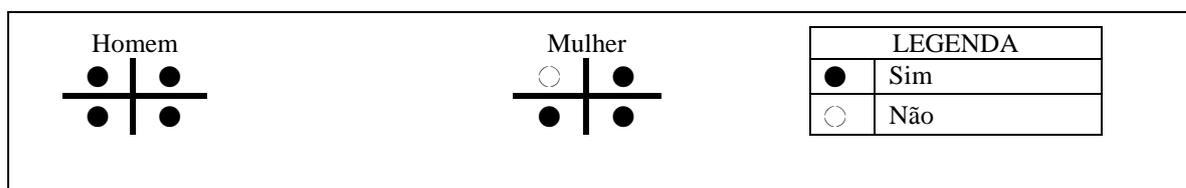
Constatamos que um informante (CaGII-H-U) afirmou que os pais não fizeram questão de ensinar o *talian*, e os sete demais informantes afirmaram que sim, seus pais tentaram ensiná-los. Os informantes da CaGI-U, CbGI-U e CbGII-U justificaram que seus pais se esforçaram em ensinar a variedade *talian* para eles, pois é uma língua importante da comunicação familiar. No entanto, o informante CbGI-H-U relatou que, mesmo com o esforço dos pais para ensinar, ele não teve interesse. Os informantes CaGI-H-U, CaGI-M-U e CbGI-M-U alegaram que os pais ensinaram para preservar a cultura. A informante CaGII-M-U remeteu ao fato de que os pais tinham maior domínio do *talian* do que do *Pt.-RS* e, por isso, era inevitável que eles passassem aos filhos:

<sup>40</sup> Tradução: Eu... na minha casa, a minha mãe e meu pai, os dois falam italiano, mas nós, sete irmãos, aprendemos o português, sim, desde o primeiro momento, porque me recordo que a mãe dizia, ela falava sempre que os filhos tinham a necessidade de falar o português como os brasileiros para não ter fadiga na escola. E era verdade né... ela sabia, e então quando que eles dois falavam com nós crianças, então eles falavam o português, mas entre eles dois, o pai e a mãe, eles falavam o italiano, mas eu aprendi o português.

*Sempre, parche lore ga sempre parlar il talian. Parché l'era la lengua pio forte che lore dizea. Come ga studiatto, ma ga studiatto poco tempo lora la lengua materna de mi pupa i mi mama, mi considero che lera il talian proprio, parche el portugués, el contato che ga via con portugués sostato poco tempo ntela scola<sup>41</sup>.*

Observando que a maioria dos pais dos informantes fez questão de passar o *talian* para os filhos, questionamos se os informantes fazem/fizeram questão de ensinar o *talian* para seus filhos. As respostas estão expostas no quadro 34:

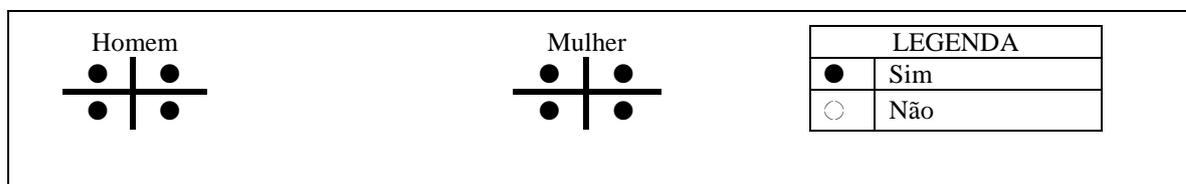
**Quadro 34:** Questão 37: Você(s) faz(em) questão de passar o italiano para os seus filhos?



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Sobre as respostas, sete informantes disseram que sim, que fazem questão de passar o *talian* para os filhos. A única informante que disse que não fez questão foi a CaGII-M-U. Ela explicou que, na época em que teve sua filha, acreditava que seria prejudicial a ela aprender a falar o *talian* ou que dificultasse o aprendizado da língua portuguesa, mas que percebe o quanto estava equivocada e que deseja futuramente ensinar para seus netos. Os informantes que responderam sim explicaram que ensinar o *talian* para os filhos é uma maneira de preservar a cultura. O quadro 35 traz as respostas dos informantes para a questão 25: “Acha importante que os filhos aprendam a língua italiana dos pais?”:

**Quadro 35:** Questão 25: “Acha importante que os filhos aprendam a língua italiana dos pais?”.



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

A resposta é unânime: todos os informantes acreditam ser importante aprender a língua italiana dos pais. Um fator importante para a maioria dos informantes é que

<sup>41</sup> Tradução: Sempre, porque eles sempre falaram o *talian*. Porque era a língua mais forte que eles falavam. Como eles estudaram, mas estudaram pouco tempo, então a língua materna de meu pai e minha mãe, eu penso que era o *talian* mesmo, porque o português, o contato que tinha com o português foi por pouco tempo na escola.

aprender/ensinar o *talian* é uma maneira de preservar a cultura e origem, como nos diz a informante CaGI-M-U:

*Pra se cultivar a tradição, né, da família, da onde que vieram, daí tu mostra pra eles a história... Veio da Itália, dos avós, que vieram pro Brasil” e a informante CbGII-M-U: “ah, me piaseria bem. Ah parché mi piase de mi lengua, de mi origine né, el mi tose il parla ben i due tose anca, i parla, i capichi, tutto né, ma i parla poco, poco<sup>42</sup>.*

Na questão 26 “Muitos jovens não falam mais a língua dos pais (Italiano). O que acha disso?”, os informantes CaGII-M-U, CaGI-M-U, CaGI-H-U, CbGII-M-U, CbGII-H-U e CbGI-H-U responderam que isso ocorre por uma falha dos pais, pois eles deixaram de repassar a língua aos filhos, como nos disse a informante CaGII-M-U:

*[...] se i genitori no i parla, il fioi no i va parlar, como mi no go parlar con mi fiola, ela anca no la parla. L’è una falha parché se dia una lengua che se impara facilmente porque tutti di, tutti di, tutti di (...) lora seria un posto, el méio posto pra impararse via casa<sup>43</sup>.*

O informante CaGII-H-U afirmou que, por muito tempo, o *talian* foi considerado, por seus filhos, uma língua apenas para os velhos e, por isso, eles não se interessaram, quando mais novos, em aprender, mas conta que, atualmente, sua filha sentiu a necessidade de aprender e faz curso de idioma. Em seu relato, ele diz o seguinte:

*É, me par che se vosso parlar con... de piu segurança sobre i mei, quel che mi son drio slevarli mi fili... lori... i vardea italian come una roba vechia, robe italiane che parla vechio. Adesso, vedo diferente parché la mia filha le drio studial el italian, ela dele volte ga parla una parola cuá o lá, i lora me par che... i le drio ndar avanti cuel preconceito de chi el italiani era una roba de i vechi né, adesso le una bela roba, me par che era un preconceito (...)<sup>44</sup>.*

Além disso, a informante CbGI-M-U acredita que, pelo fato de os jovens deixar de falar o *talian*, essa língua poderá desaparecer e junto se perderá uma herança cultural

<sup>42</sup> Tradução: Ah, gostaria bastante. Ah, porque eu gosto da minha língua, da minha origem né, as minhas moças falam bem, as duas moças também, elas falam, elas entendem tudo né, mas elas falam pouco, pouco.

<sup>43</sup> Tradução: Se os pais não falam, os filhos não vão falar, como eu não falava com minha filha, ela também não fala. É uma falha porque seria uma língua que se aprende facilmente, porque todo dia, todo dia, todo dia, então seria um lugar, o melhor lugar pra aprender em casa.

<sup>44</sup> Tradução: É, acredito que posso falar com... mais segurança sobre os meus, como que estou criando meus filhos... eles... viam o *talian* como uma antiguidade, italiano que os velhos falam. Agora vejo diferente, porque a minha filha começou a estudar o Italiano. Ela as vezes fala uma palavra aqui ou ali, e então me parece que... ela deixou pra trás aquele preconceito de que o italiano era uma antiguidade né, agora é uma boa coisa, me parece que era um preconceito.

importante. Sobre o ensino do *talian*, a questão 28 “Acha que deveria ter ensino do italiano?”, obteve as respostas que estão no quadro 36:

**Quadro 36:** Questão 28: "Acha que deveria ter ensino do italiano?"

Homem		Mulher		LEGENDA	
●	●	●	●	●	Sim
●	●	●	●	○	Não

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Podemos observar, no quadro 36, que todos os informantes responderam que sim, deveria ter o ensino de *talian* nas escolas. Alguns informantes, como por exemplo, do grupo CaGI-U, CbGI-U e CbGII-U, justificaram que o ensino deveria ocorrer por ser parte da cultura da região. A informante CaGII-M-U nos disse que o ensino de *talian* deve ocorrer em comunidades em que essa cultura predomina, e o informante CaGII-H-U acredita que o *talian* seja uma belíssima língua a ser ensinada. Então, na sequência, perguntamos aos informantes qual o italiano que deveria ser ensinado, sugerindo o italiano gramatical ou o *talian* falado na região. As respostas estão expostas no quadro 37:

**Quadro 37:** Questão 36: “E qual o italiano você acha que deveria ser ensinado?” (Margotti, 2004)

Homem		Mulher		LEGENDA	
○	●	○	●	●	Dialeto falado na região
●	○	●	○	○	Dialeto padrão / gramatical

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

As respostas ficaram divididas: quatro informantes acreditam que o melhor italiano a ser ensinado é o gramatical e quatro informantes acreditam que seja mais apropriado aprender a variedade falada na região. Entre os gêneros, não houve disparidade de respostas, as respostas se diferenciaram em relação aos grupos de geração e socioculturais. Os informantes da CaGII-U e CbGI-U pensam que se é para ter ensino do Italiano, que seja a partir da língua gramatical, como nos disse o informante CaGII-H-U:

*Mi penso che se le para ensenargue, se ensinar el italiano de la italia próprio, el nostra variedade le una parla prima, le e ultrapassado belche, el sta distante de la Itália, stato indrio. Lora se le para ensenargue, ensenargue cuel che se parla ntela Italia, cuel che se scriber pi, ntel jornai, ntela internet, lora le te por leder,*

*capirlo tutto. Lora se le para enshargue ntela scola o enshargue calqueduno, enshar el verdadeiro italian gramatical<sup>45</sup>.*

E os informantes do grupo CbGII-U e CaGI-U pensam que o melhor italiano a ser ensinado é o que se fala na região. A partir da fala do entrevistado, é possível supor que exista preconceito, por parte dos informantes, para o ensino do *talian*. Pressupomos que alguns informantes acreditem que o *talian* seja uma língua inferior ao italiano padrão, já que o primeiro é visto como uma língua de velhos, antiquada, e o segundo é entendido uma como língua atual e valorizada no mercado.

As questões seguintes tratam o quesito identidade, sendo assim, perguntamos aos informantes “O que identifica o italiano típico daqui?” (questão 29). Cada informante apontou para diferentes características. Os informantes da CaGII-U disseram que uma marca do italiano é o falar alto, fazer gestos, serem justos e estarem sempre felizes, além disso, eles remeteram ao fato de que, atualmente, é difícil dizer, pelas características físicas, quem é de descendência italiana, alemã ou outra etnia, pois ocorre uma grande mistura. Os informantes da CaGI-U concordam com esse fato e acrescentam que somente é possível distinguir, pelas características físicas, as pessoas que são mais velhas. Os informantes da CbGII-U e o informante CbGI-H-U remeteram ao jeito de ser dos italianos, que é o jeito que os caracteriza e não a língua, pois existem muito poucos italianos que eles conhecem que ainda falam o *talian*. Por fim, a informante CbGI-M-U apontou o fato de os italianos serem boas pessoas.

Nesse ponto, percebemos que, assim como no grupo rural, a língua deixa de ser marcadora de identidade para os informantes. Nesse caso, o que identifica o italiano típico é a forma de ser, ou seja, a sua personalidade.

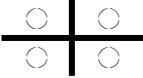
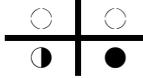
Os informantes também foram questionados sobre o que identifica o brasileiro (questão 18), porém, para os informantes, essa não foi uma resposta simples. Na CaGII-U, os informantes responderam que brasileiros são todas as pessoas que nasceram no Brasil e, por isso, por características físicas seria difícil reconhecê-los. Para os informantes da CbGII-U e CbGI-U, a língua pode ser um fator de identificação. Já os informantes da CaGI-U não apontaram nenhum fator que possa identificar os brasileiros, pois eles acreditam ser difícil encontrar um brasileiro nato.

Continuando nessa temática, com a questão 13 “Como se sente mais? Italiano? Brasileiro?”, as respostas obtidas estão no quadro 38:

---

<sup>45</sup> Tradução: Eu penso que se é para ensiná-los, se ensine o próprio italiano da Itália, o nossa variedade é uma fala primária, ele já é ultrapassado, ele está distante da Itália, está para trás. Então se é para ensiná-los, ensinamos aquele que se fala na Itália, aquele que se escreve mais, nos jornais, na internet, então pode ler e entender tudo. Então se é para ensinar na escola ou ensinar qualquer um, ensine o verdadeiro italiano gramatical.

**Quadro 38:** Questão 13: “Como se sente mais? Italiano? Brasileiro?”

Homem	Mulher	LEGENDA						
		<table border="1"> <tr> <td>●</td> <td>Italiano (a)</td> </tr> <tr> <td>◐</td> <td>Os dois</td> </tr> <tr> <td>○</td> <td>Brasileiro (a)</td> </tr> </table>	●	Italiano (a)	◐	Os dois	○	Brasileiro (a)
●	Italiano (a)							
◐	Os dois							
○	Brasileiro (a)							

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

De modo geral, uma informante afirmou se sentir mais italiana, uma afirmou se sentir tanto brasileira quanto italiana, e os seis demais acreditam serem mais brasileiros. Em relação à classe sociocultural, todos os informantes da Ca disseram sentirem-se mais brasileiros, da Cb dois (02) informantes disseram sentirem-se mais brasileiros, uma disse sentir-se italiana e uma disse se sentir com as duas etnias da mesma maneira. Sobre as gerações, da GII, três informantes acreditam serem mais brasileiros e uma tanto brasileira quanto italiana. Da GI, três informantes sentem-se mais brasileiros e uma sente-se mais italiana. Relacionado ao gênero, todos os informantes homens informaram sentirem-se mais brasileiros, e das mulheres, duas sentem-se mais brasileiras, uma mais italiana e uma sente-se com as duas etnias.

Um informante explicou como é esse sentimento de ser mais brasileiro, mesmo tendo afinidade e gostando muito de ver coisas da Itália, ele acredita que, se nasceu no Brasil, então é brasileiro:

*CaGII-H-U: Si, mi me sinto um brasiliano, si parché le tu... cuando che te parli, cuando che te fê um documento, cuando che vá ntel hotel, te dize “nacionalidade”, brasileiro né, lora cuela li ze la verdadeira nacionalidade, ma me sinto, sempre com il sangue mi... me piase veder la bandeira de la Itália, me piase veder tutto cuel che le de la Itália, cuando che la seleção italiana juga qualche jugo de futbol, me piase vardar, né, le... mas me sinto um brasiliano, seguramente<sup>46</sup>.*

Em relação ao que pensam sobre a língua *talian*, fizemos a questão “Como avalia o *talian* em termos de tipo de língua falada no lugar?”. Observamos que os informantes avaliam o *talian* como uma língua importante, mas que está deixando de ser falada, diferente do italiano da Itália, com características próprias. O informante CaGII-H-U mencionou que o *talian* falado aqui é uma língua velha. Além disso, os informantes da CbGI-U acreditam que seja uma língua engraçada e bonita, mas de nenhuma forma errada.

<sup>46</sup> Tradução: Sim, me sinto brasileiro, sim porque é... quando que te falam, quando que faz um documento, quando que vai em um hotel, te perguntam: “nacionalidade?”, brasileiro né, então aquela ali é a verdadeira nacionalidade, mas me sinto, sempre com meu sangue... gosto de ver a bandeira da Itália, gosto de ver tudo que é da Itália, quando a seleção italiana joga, gosto de ver... mas seguramente, me sinto brasileiro.

O próximo tema questionado é se há diferença entre o italiano falado em outras regiões com o italiano da comunidade (questão 03). Nas respostas os informantes da CbGI-U acreditam que não existem diferenças, todos os demais informantes disseram que sim, que existe diferença entre o *talian* e o italiano da Itália, inclusive, alguns informantes mencionaram as diferenças que existem nos dialetos dentro da Itália. Além disso, a informante CaGII-M-U lembrou que, quando conversa em *talian* com amigos, às vezes surgem palavras diferentes da língua que ela aprendeu de seus pais.

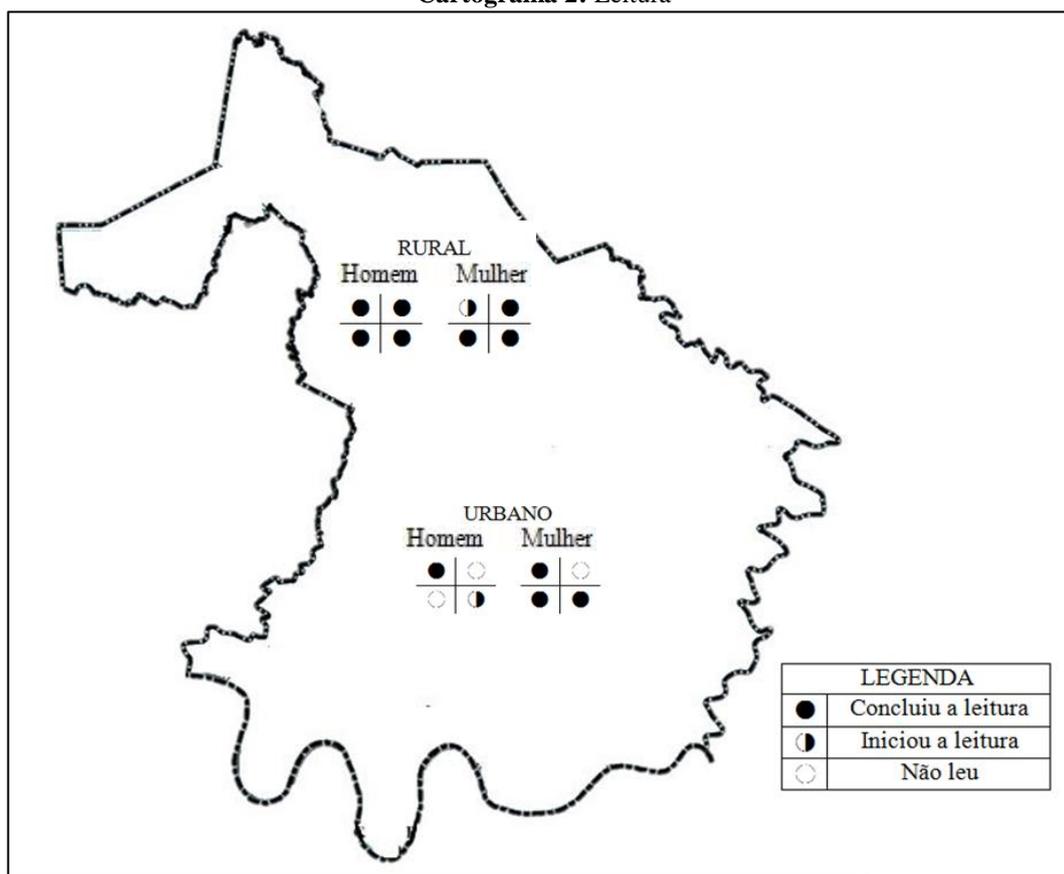
A última questão, de número 22 “De modo geral, de todos os tipos de pessoas aqui, quem preserva mais a sua língua e costumes de origem?”. As respostas foram bem diversificadas: a informante CaGII-M-U, assim como o informante CbGI-H-U, acredita que as pessoas mais velhas são as que mais preservam a língua e os costumes. Se tratando de etnias, os informantes CaGII-H-U, CaGI-M-U e CaGI-H-U acreditam que, em primeiro lugar, quem preserva mais são os italianos e, em segundo lugar, os alemães. Os informantes do grupo CbGII-U pensam que os brasileiros preservam muito sua cultura e, principalmente, a língua. Por fim, a informante CbGI-M-U acredita que é o povo que vive no interior que consegue manter mais a língua e os costumes de origem.

### **4.3 LEITURA**

Os informantes foram convidados a fazer a leitura de um trecho do texto chamado “Os preparativos para a festa de casamento”, que estava escrito primeiro em *talian*, em italiano padrão e em português. A partir de determinada leitura, analisamos a intenção do informante de fazer a leitura nas diferentes línguas e seus comentários metalinguísticos.

Alguns informantes realizaram a leitura das três versões do texto, alguns iniciaram e não concluíram e alguns não se habilitaram a ler. Com isso, criamos um cartograma que ilustra nos dois pontos de pesquisa, quem foram esses informantes.

Cartograma 2: Leitura



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Analisando o ponto rural, sete informantes realizaram a leitura das três versões do texto, e apenas uma informante (CaGII-F-R) iniciou a leitura do trecho em *talian*, mas não quis dar sequência e partiu para o texto em português. Sobre as classes socioculturais, nesse ponto os informantes da Cb leram mais que os informantes da Ca. Na análise diageracional, foram os informantes da GI que mais leram, em comparação com a GII. Em relação ao sexo, os homens leram mais do que as mulheres.

Quanto aos dados do ponto urbano, os informantes CaGI-M-U, CaGI-H-U e CbGII-H-U optaram em não fazer a leitura, o informante CbGI-H-U iniciou a leitura no trecho em *talian*, mas não concluiu, dando sequência na parte em português. Os demais (CaGII-H-U, CaGII-M-U, CbGII-M-U e CbGI-M-U) realizaram em ambas as línguas. A respeito das diferenças diastráticas, a Cb leu mais do que os informantes da Ca. Em relação à idade dos informantes a GII leu mais do que a GI, e sobre na dimensão diassexual, as mulheres leram mais do que os homens.

Numa análise geral, entre os dois grupos, a maior parte das leituras foi realizada no ponto rural, pelo qual sete (07) informantes concluíram a leitura, contra quatro (4) no ponto urbano. Entre as classes socioculturais, a Cb leu mais, pois seis (06) informantes leram e um

(01) iniciou a leitura, e da Ca cinco (05) leram e um (01) iniciou a leitura, o que foi uma situação diferente, pois se esperava que, por ter maior escolaridade, os informantes da Ca lessem mais.

Sobre as gerações, os informantes mais velhos (GII) executaram a maior parte das leituras, já que seis (06) concluíram e um (01) iniciou a mesma, e os informantes mais novos cinco (05) concluíram a leitura e um (01) não concluiu. Entre os sexos, foram as mulheres que mais leram, sendo seis (06) mulheres que concluíram a leitura e uma (01) que iniciou e cinco (05) homens que concluíram a leitura e um (01) que iniciou e não concluiu.

Supomos que a diferença diatópica seja a mais marcante. Acredita-se que o grupo rural execute mais leituras, pois nesse grupo exista uma preocupação a mais com a manutenção da língua, observada a partir das respostas que os informantes nos expressaram no questionário metalinguístico. Acreditamos também que os informantes mais velhos executaram a maior parte das leituras por conhecerem mais a língua do que os informantes mais novos.

Sobre os comentários metalinguísticos, os informantes CaGII-M-R e CbGII-H-R recordam que existia um livro conhecido como *Nanetto Pipetta*<sup>47</sup> que foi escrito em *talian* e que um dos seus vizinhos havia lido, mas que eles nunca tiveram a oportunidade de ler. O informante CaGII-H-U e a informante CaGII-M-U disse que já havia tido contato com textos em italiano padrão, mas nunca em *talian*. Nesse caso, é importante salientar que todos os informantes admitiram não ter tido contato com a forma escrita da língua *talian*, pois como já afirmado, se trata de uma língua prioritariamente oral, dificilmente encontrada em gêneros escritos.

#### 4.4 RURAL Vs. URBANO

Fatores como a mobilidade geográfica podem ter influência quanto às escolhas linguísticas. Um grupo que seja topodinâmico, por sua mobilidade, entra em contato com outros grupos e, assim, torna-se mais propenso às influências linguísticas. De acordo com Pertile (2009), a localização geográfica de um grupo tem grande influência na manutenção ou substituição linguística, o que pode acarretar mudanças no estilo de vida, assim como na forma de falar.

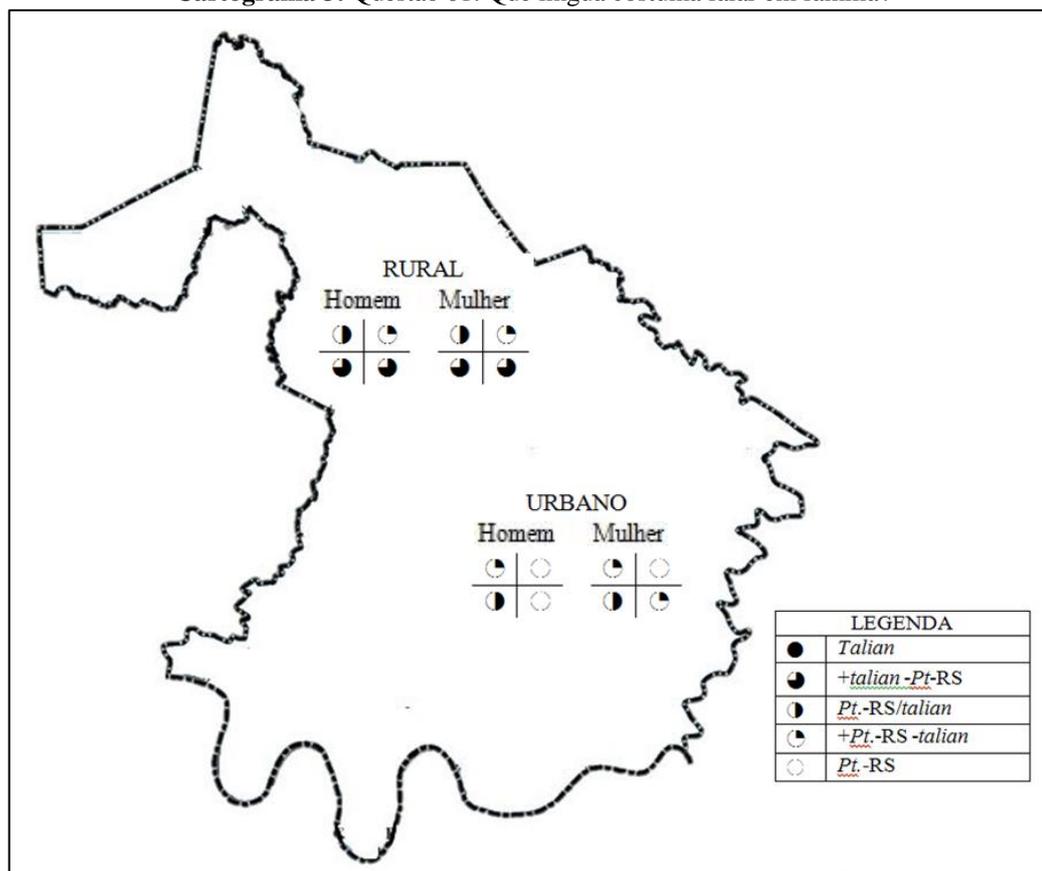
---

<sup>47</sup> Os informantes se referiram ao livro chamado *Vita e stòria de Nanetto Pipetta*, escrito pelo autor Aquiles Bernardi. O livro *Vita e stòria de Nanetto Pipetta* foi escrito pelo Frei Franciscano Aquiles Bernardi, publicado inicialmente em capítulos, no jornal “Stafetta Riograndense” – hoje “Coreio Riograndense” –, entre os anos de 1924 e 1926 e teve sua primeira edição publicada em 1937.

Nesta seção, veremos se o grau de urbanização, a distribuição geográfica e a concentração de pessoas têm influência nas crenças e atitudes dos descendentes de italianos da cidade de Chapecó.

Iniciamos a análise pela pergunta 01 “Que língua costuma falar em família”, os resultados estão representados no cartograma 3.

**Cartograma 3:** Questão 01: Que língua costuma falar em família?



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

O ponto aqui questionado é sobre as variedades que os informantes utilizam em casa, com seus familiares. Para essa análise, podemos classificar os informantes em dois grupos: um que utiliza as duas variedades, ou seja, *Pt*-*RS* e *talian*, e um que utiliza apenas o *Pt*-*RS*. O grupo formado por informantes que utilizam apenas o *Pt*-*RS* é constituído por três (03) jovens do ponto urbano, dois (02) homens e uma (01) mulher. O grupo de falantes que utilizam as duas variedades é constituído pelos oito (08) informantes do grupo rural e quatro (04) informantes da GII e um (01) da GI do ponto urbano. Em outras palavras, segundo os dados, nas duas comunidades, tanto urbana quanto rural, é possível observar a existência do contato *Pt*-*RS* e *talian*. No ponto rural, todos afirmam fazer uso do *talian* e *Pt*-*RS*, em maior ou menor grau. No ponto urbano, os informantes CaGII-H-U, CaGII-M-U, CbGII-H-U,

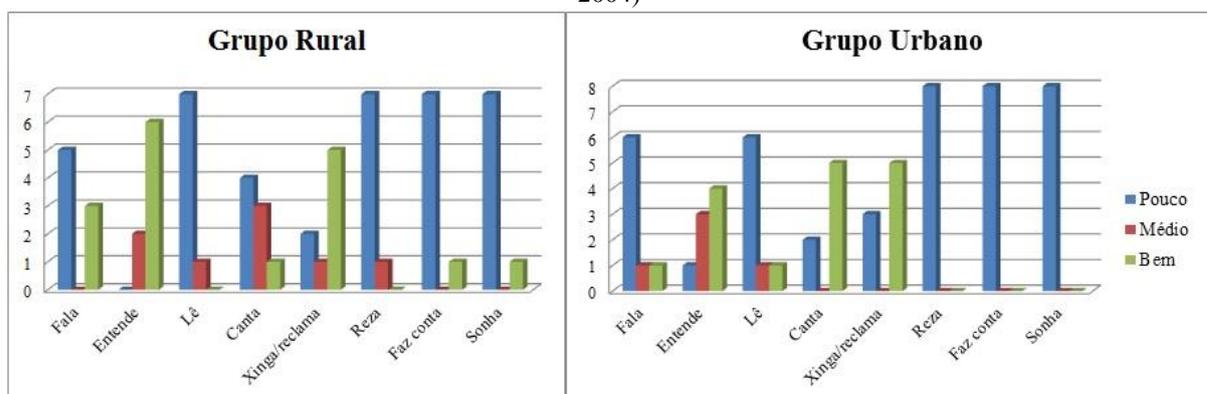
CbGII-M-U e CbGI-M-U afirmam fazer uso do *talian* e do *Pt.-RS*, em maior ou menor grau, e os demais informantes (CaGI-M-U, CaGI-H-U e CbGI-H-U) fazem uso apenas do *Pt.-RS*.

Sendo assim, a proporção de uso do *talian* é maior no grupo rural em relação ao uso no grupo urbano, que mantém maior proporção do uso do *Pt.-RS* em comparação com o outro grupo. Dessa forma, relacionando os dois grupos, observamos que, no que diz respeito à idade, a GII mantém mais a utilização do *talian* enquanto que na GI ocorre menor uso do *talian*, e o uso do *Pt.-RS* se sobressai, principalmente na CaGI-U. Na relação diastrática, a Cb é a que mais utiliza o *talian*. Em relação ao gênero, as mulheres utilizam mais a variedade do que os homens. Outra consideração acerca dessa questão é que a maior incidência de uso do *talian* é visualizada na Cb do ponto Rural, e o maior desuso do *talian* ocorre com os informantes da GI do grupo Urbano.

Aqui observamos a maior disparidade diatópica, a diferença entre os dois pontos de pesquisa é considerável. O ponto Rural, como pressuposto nos objetivos, preserva mais a variedade de imigração, enquanto a comunidade Urbana prioriza o uso do *Pt.-RS*. Fatores como menor mobilidade e menor influência de grupos externos podem proporcionar essa diferença presente no grupo Rural. Além disso, a proximidade que os informantes rurais têm com outras pessoas que falam o *talian* também é maior do que na cidade, facilitando, assim, a manutenção.

A próxima questão diz respeito ao quanto os informantes consideram saber do *talian*. A pergunta realizada foi: “Quanto ao italiano, qual é o grau de bilinguismo dos entrevistados? (MARGOTTI, 2004)”, os resultados estão expostos nos gráfico 2, considerando que as respostas esperadas eram pouco, médio ou bem:

**Gráfico 2:** Questão 39: “Quanto ao italiano, qual é o grau de bilinguismo dos entrevistados? (MARGOTTI, 2004)”



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Os domínios questionados foram falar, entender, ler, cantar, xingar, rezar, fazer conta e sonhar. Para a análise diatópica dessa questão, apresentamos os dados sem expor o informante que respondeu. Dessa maneira, questionados sobre o quando falam *talian*, no grupo rural três (03) informantes nos disseram fazer bem e cinco (05) fazer pouco. No grupo urbano, seis (06) falam pouco, um (01) médio e um (01) bem, então, concluindo que há mais informante falando bem o *talian* no ponto rural.

Sobre o quanto entendem de *talian*, seis (06) informantes rurais responderam entender bem e dois (02) médio. Dos informantes urbanos, um (01) entende pouco, três (03) entendem médio e quatro (04) entendem bem. Mais uma vez, o grupo rural se sobressai, havendo mais pessoas que compreendem bem a língua nesse ponto. Na leitura, no ponto rural, sete (07) disseram ler pouco ou nada e um (01) ler médio. No ponto urbano, seis (06) leem pouco, um (01) médio e um (01) bem. Nesse caso, no ponto urbano, há dois informantes que leem de médio a bem, enquanto no rural, somente um considera fazer uma leitura mediana. Concluindo, assim, que há menos pessoas que consideram ter bom domínio de leitura no ponto rural e mais no ponto urbano.

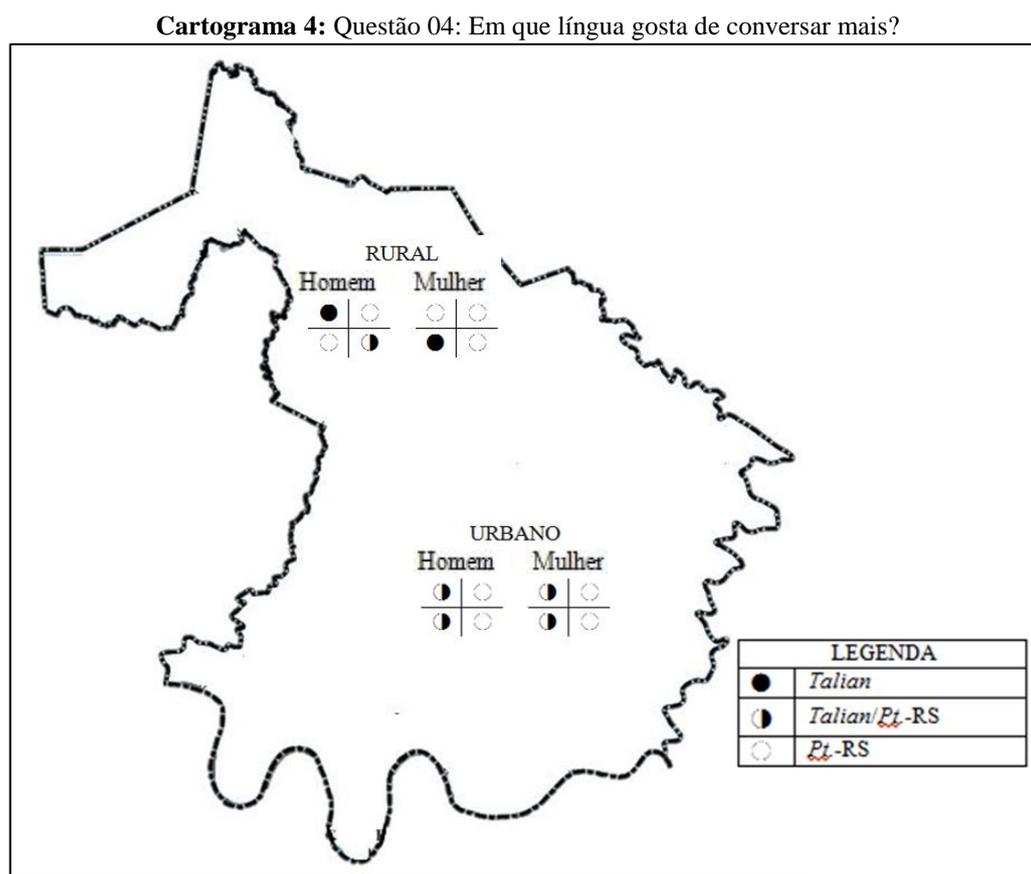
Quanto ao cantar, no grupo rural quatro (04) informantes disseram cantar pouco, três (03) disseram cantar médio e um (01) bem. No grupo urbano, cinco (05) cantam bem e três (03) cantam pouco, ou seja, há mais pessoas que cantam bem no grupo urbano. Sobre o quanto os informantes xingam ou reclamam em *talian*, ambos os grupos tiveram cinco (05) pessoas que disseram fazer isso bem, mas no ponto rural dois (02) fazem pouco e um (01) médio e, no ponto urbano, três (03) fazem pouco. Nesse caso, as respostas ficam próximas, mas o ponto rural faz menos.

Rezar, fazer conta e sonhar foram os domínios que menos tiveram respostas positivas. Apenas no grupo rural houve um (01) informante que disse que reza médio, faz conta e sonha bem em *talian*. Os sete (07) demais disseram fazer pouco em ambas as questões. No grupo urbano, os oito (08) informantes disseram fazer pouco os três campos.

No ponto rural, obtivemos menos resposta pouco: em todos os domínios foram 39 respostas pouco. No ponto urbano, a incidência foi maior, com 42 respostas pouco. Para a resposta médio, o ponto rural obteve maior incidência com oito (8) respostas; no ponto urbano, foram cinco (5) respostas médio. Na resposta bem, os dois grupos tiveram a mesma quantia, 17 ocorrências em cada ponto. Se considerarmos as respostas bem e médio como atitudes positivas perante a variedade de imigração, o ponto rural se sobressai, pois há mais respostas positivas nesse ponto e, conseqüentemente, menos respostas negativas para as habilidades com a língua. Mesmo assim, de maneira geral, existem mais respostas pouco em

ambos os grupos para quase todas as perguntas, o que configura uma progressiva diminuição do uso da variedade de imigração. No decorrer das próximas questões, observaremos se essa premissa se confirma.

A pergunta que segue é a 4: “Em que língua gosta de conversar mais?”, os dados obtidos estão expostos no cartograma 4:



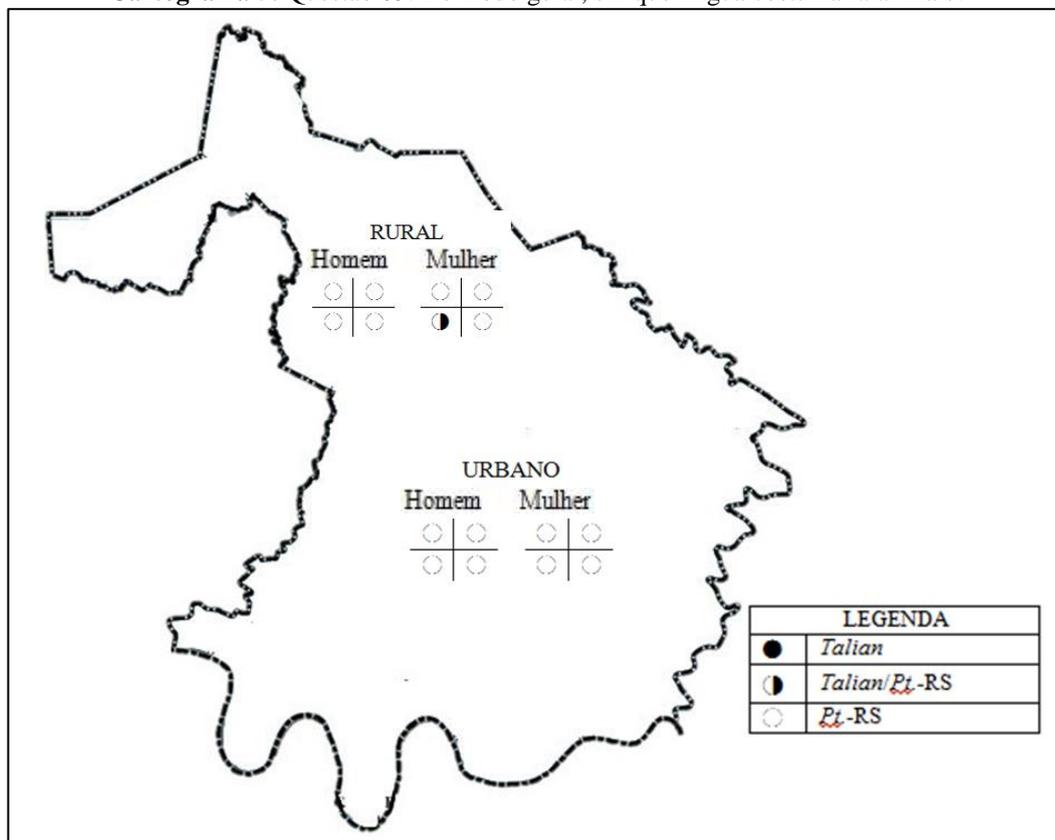
Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Em observância a esses dados, não encontramos um padrão no ponto rural. Uma mulher e um homem, ambos da GII, responderam preferir falar o *talian*, o homem faz parte do grupo CaGII-R e a mulher do grupo CbGII-R. Além desses, o informante CbGI-H-R afirma gostar das duas línguas da mesma forma. Os demais informantes, CbGII-H-R, CaGI-H-R, CaGII-F-R, CaGI-M-R e CbGI-M-R afirmam gostar mais do *Pt.-RS*.

No ponto urbano, observamos certo padrão, pois todos os informantes da GII afirmaram gostar de utilizar as duas línguas, *Pt.-RS* e *talian*, e todos os informantes da GI garantiram gostar mais de conversar em *Pt.-RS*. Verificamos que, em ambos os grupos, existe afinidade com as duas variedades, mas que são os informantes da GII que mais se identificam com o *talian*, e os da GI se identificam mais com o *Pt.-RS*. Em relação às classes socioculturais e ao gênero, as diferenças não foram significativas.

O cartograma 5 representa os dados obtidos com a questão 5: “De modo geral, em que língua costuma falar mais?”.

**Cartograma 5:** Questão 05: De modo geral, em que língua costuma falar mais?



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Segundo os dados obtidos, o *Pt.-RS*, em ambas as localidades de pesquisa, é a língua mais comumente usada. No ponto rural, uma informante (CbGII-M-R) afirmou que costuma utilizar as duas variedades na mesma frequência; dos demais informantes, a resposta foi o *Pt.-RS*. Importante observar que, indiferentemente do ponto de pesquisa, o *talian* deixa de ser a língua mais utilizada, sendo essa função exercida pelo *Pt.-RS*. Há, de acordo com as últimas duas questões, uma tendência ao desaparecimento do *talian* em decorrência da falta de uso por ambos os grupos de informantes.

A próxima pergunta diz respeito às situações de uso de uma ou outra variedade. Perguntamos aos informantes, de modo geral, em que situações eles falam o *talian* e em quais falam o *Pt.-RS* (questão 32). Nos dois pontos, as respostas em relação ao *Pt.-RS* mantiveram-se no mesmo sentido: a língua é utilizada em variadas situações, sendo essa a língua do cotidiano. Para o *talian*, percebe-se uma diminuição do uso em ambos os pontos de pesquisa. No grupo rural, os informantes da CaGII-R, CbGII-R, CaGI-H-R, CbGI-R declaram utilizar o

*talian* com pessoas de mais idade, com os familiares, vizinhos, em situações típicas como nos encontros antes das missas, em filós e em festas. A informante que manifestou utilizar menos o *talian* foi a CaGI-M-R, ao afirmar que somente utiliza-o em algumas expressões ou palavras, como em xingamentos, por exemplo.

Os informantes do ponto urbano disseram utilizar o *Pt.-RS* da mesma maneira que os do ponto rural, pois essa é a língua habitual. O *talian* tem limitações de uso, como mencionado pelos informantes CaGII-H-U, CbGII-U, CaGI-U e CbGI-H-U, pois a variedade é usada em ambientes familiares, festas de famílias ou com pessoas mais velhas. Os informantes da CaGII-U destacaram que eles utilizam principalmente o *talian* quando vão para suas cidades natais encontrar seus pais e irmãos. Contrastados os dois pontos de pesquisa, observamos que, no ponto rural, há mais situações recordadas em que é possível o uso do *talian*, circunstâncias que não ocorrem no ponto urbano. No ponto urbano, o apagamento da variedade *talian* se manifesta com maior intensidade, pois o número de falantes é muito reduzido.

Além das situações apontadas, todos os informantes do ponto rural aludiram a uma festa específica, a qual a cultura italiana é exaltada. A festa é chamada de *Festa Italiana* e ocorre anualmente, em uma das quatro comunidades rurais que fazem parte da Rota Italiana, já mencionada no item 3.2.1. De acordo com os informantes, nessa ocasião, além da comida e das danças típicas, eles podem ouvir piadas, histórias, músicas italianas e é um momento de interação entre os descendentes de italianos das comunidades participantes.

Sugerimos, com as próximas duas questões, situações de uso do *talian* e do *Pt.-RS*. Na pergunta 06, o questionamento era qual a língua que gosta de usar quando vem visita, e a pergunta 31 questiona a preferência linguística quando encontra um estranho na rua da cidade. As respostas que obtivemos estão no quadro 39:

**Quadro 39:** Relacionalidade entre as questões “Quando vem visita, que língua prefere usar?” e “Quando você encontra um estranho na rua de sua cidade em que língua você fala com ele?”.

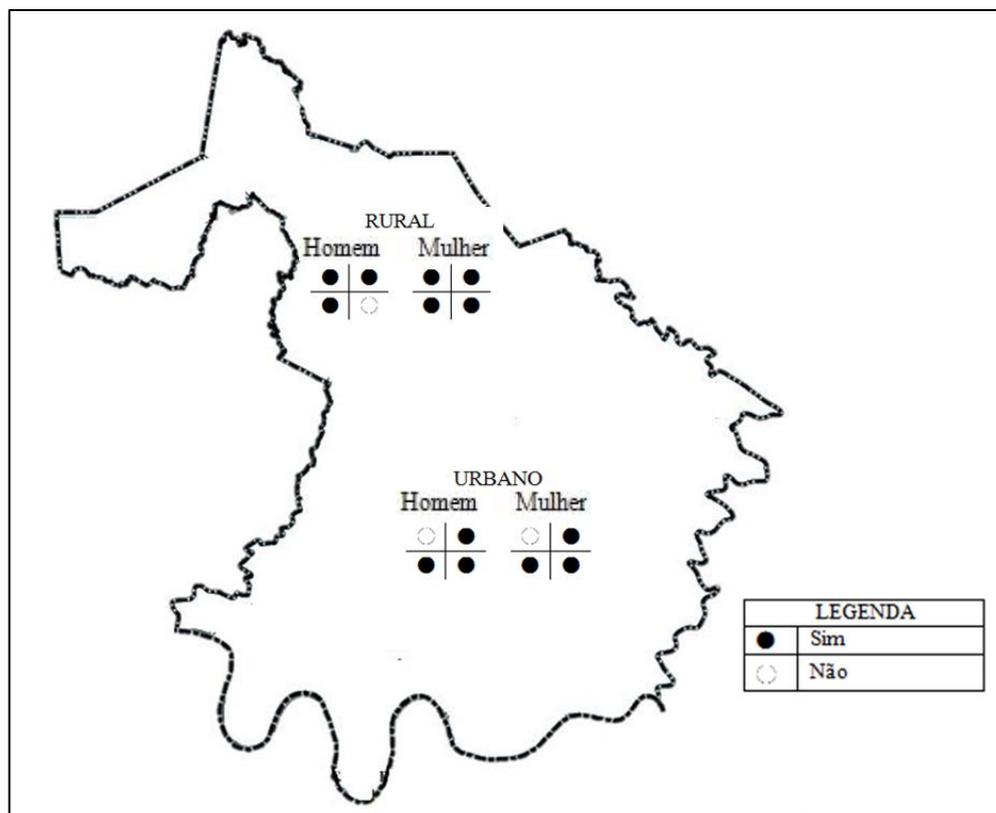
Questão 06 “Quando vem visita, que língua prefere usar?”		Questão 31 “Quando você encontra um estranho na rua de sua cidade em que língua você fala com ele?”																	
<p style="text-align: center;">RURAL</p> <p>Homem    Mulher</p> <table style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="border: 1px solid black; text-align: center;">○</td> <td style="border: 1px solid black; text-align: center;">●</td> <td style="border: 1px solid black; text-align: center;">○</td> <td style="border: 1px solid black; text-align: center;">○</td> </tr> <tr> <td style="border: 1px solid black; text-align: center;">○</td> <td style="border: 1px solid black; text-align: center;">○</td> <td style="border: 1px solid black; text-align: center;">●</td> <td style="border: 1px solid black; text-align: center;">○</td> </tr> </table>		○	●	○	○	○	○	●	○	<p style="text-align: center;">RURAL</p> <p>Homem    Mulher</p> <table style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="border: 1px solid black; text-align: center;">○</td> </tr> <tr> <td style="border: 1px solid black; text-align: center;">○</td> <td style="border: 1px solid black; text-align: center;">●</td> <td style="border: 1px solid black; text-align: center;">○</td> <td style="border: 1px solid black; text-align: center;">●</td> </tr> </table>		○	○	○	○	○	●	○	●
○	●	○	○																
○	○	●	○																
○	○	○	○																
○	●	○	●																
<p style="text-align: center;">URBANO</p> <p>Homem    Mulher</p> <table style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="border: 1px solid black; text-align: center;">●</td> <td style="border: 1px solid black; text-align: center;">○</td> <td style="border: 1px solid black; text-align: center;">●</td> <td style="border: 1px solid black; text-align: center;">○</td> </tr> <tr> <td style="border: 1px solid black; text-align: center;">●</td> <td style="border: 1px solid black; text-align: center;">○</td> <td style="border: 1px solid black; text-align: center;">●</td> <td style="border: 1px solid black; text-align: center;">○</td> </tr> </table>		●	○	●	○	●	○	●	○	<p style="text-align: center;">URBANO</p> <p>Homem    Mulher</p> <table style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="border: 1px solid black; text-align: center;">○</td> </tr> <tr> <td style="border: 1px solid black; text-align: center;">○</td> </tr> </table>		○	○	○	○	○	○	○	○
●	○	●	○																
●	○	●	○																
○	○	○	○																
○	○	○	○																
<table border="1" style="margin: auto;"> <thead> <tr> <th colspan="2">LEGENDA</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td style="text-align: center;">●</td> <td><i>Talian</i></td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">◐</td> <td><i>Pt.-RS/talian</i></td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">○</td> <td><i>Pt.-RS</i></td> </tr> </tbody> </table>				LEGENDA		●	<i>Talian</i>	◐	<i>Pt.-RS/talian</i>	○	<i>Pt.-RS</i>								
LEGENDA																			
●	<i>Talian</i>																		
◐	<i>Pt.-RS/talian</i>																		
○	<i>Pt.-RS</i>																		

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

De maneira geral, a escolha predominante, em ambas as situações apresentadas, é o *Pt.-RS*. O *talian* apareceu em uma resposta no ponto rural, com a informante CbGII-M-R, e sete (7) informantes responderam que usam qualquer uma das variedades. Na questão 06, observamos que são os informantes mais velhos que mantêm a utilização do *talian* quando vem visitas em suas casas, salvo um informante da GI, do grupo rural, que afirmou que também faz uso das duas variedades. Na questão 31, os informantes que responderam usar ambas as línguas quando encontram um estranho na rua são os informantes da CbGI-R, do ponto rural, todos os demais informantes, utilizam apenas o *Pt.-RS*. Não houve diferenças representativas em relação ao gênero. Quanto à classe sociocultural, observamos que os informantes da Cb utilizam mais o *talian* do que os informantes da Ca.

O cartograma 6 representa as respostas obtidas para a questão 09 “Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa, língua italiana, mas insistia em só falar português?”:

**Cartograma 6:** Questão 09: Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa, língua italiana, mas insistia em só falar português?

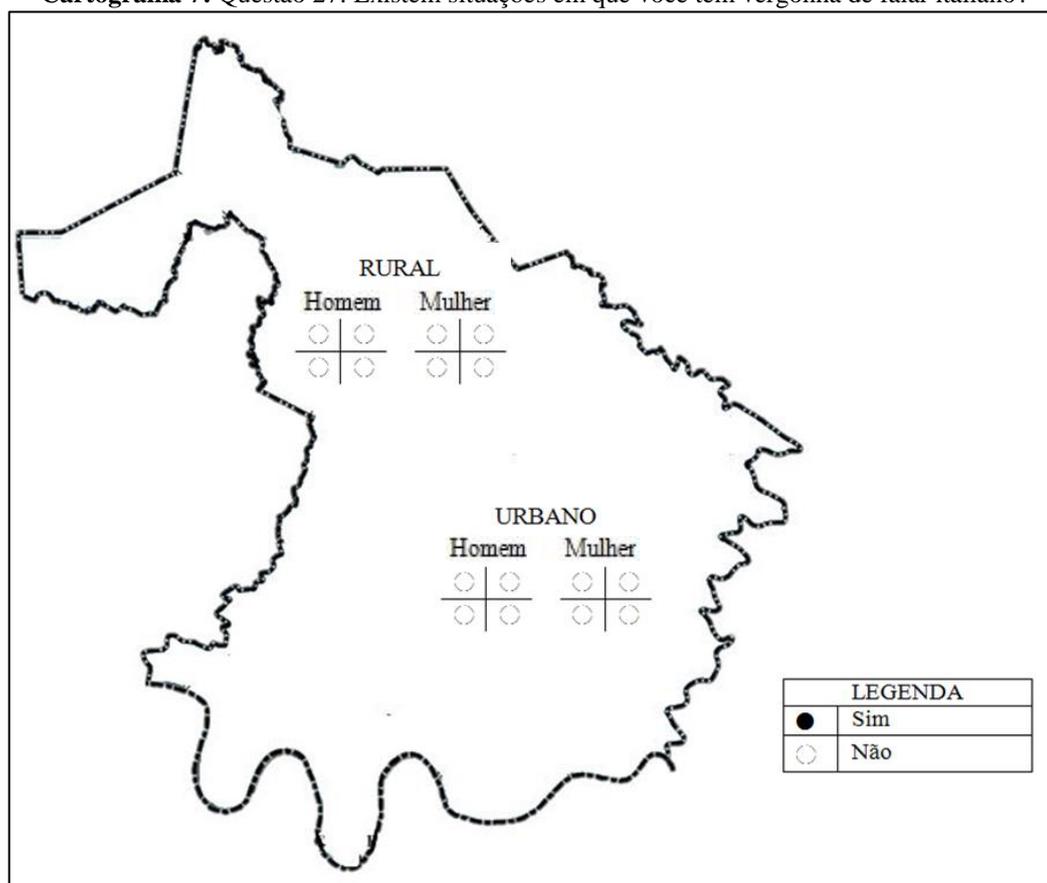


Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Em ambos os pontos de coleta, predominou a resposta sim à questão, ou seja, a maioria dos informantes conhece alguém que sabe a variedade *talian*, mas prefere manter-se usando o *Pt.-RS*. Salvo algumas exceções, como o informante do ponto rural CbGI-H-R e os informantes CaGII-H-R e CaGII-F-R que acreditam que todos que sabem a variedade *talian* não deixam de mantê-la, pois sentem orgulho da língua.

Dentro dessa temática, os informantes também foram questionados sobre “o que acham das pessoas que só falam o *Pt.-RS* e nunca sua própria língua de casa, o *talian*? (questão 8)”. No ponto urbano, os informantes disseram ser difícil apontar uma única justificativa para uma pessoa não falar a língua de casa, mas que é uma língua importante, que deve ser aprendida e repassada. No ponto rural, a maioria dos informantes remeteu essa atitude como algo inadequado, pois, se a pessoa sabe falar a língua de casa, deve utilizá-la. Além disso, alguns informantes acreditam que um dos motivos pelos quais as pessoas deixem de utilizar o *talian*, seja a escassez de pessoas que falem a língua.

A pergunta seguinte é a 27 “Existem situações em que você tem vergonha de falar *talian*?”. As respostas dadas nos dois pontos de pesquisa estão expostas no cartograma 7:

**Cartograma 7:** Questão 27: Existem situações em que você tem vergonha de falar italiano?

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Nos dois pontos, a resposta para essa pergunta foi não, ou seja, nenhum dos informantes questionados diz sentir vergonha de falar a variedade *talian*, mas, na sequência da resposta, muitos quiseram se justificar, dizendo os motivos pelos quais não falam essa língua. Entre a GI, a justificativa mais recorrente foi não ter total domínio da língua, a ponto de manifestar uma fala. Entre a GII, a justificativa recorrente é não encontrarem muitas pessoas com quem possam conversar. Ocorre que, mesmo que os informantes não sintam vergonha, a língua de imigração acaba deixada de lado, pois o *Pt.-RS* é a língua usual, do comércio, educação, das relações pessoais.

Além disso, ao serem convidados à leitura do texto nas três línguas, alguns informantes demonstraram sentir receio e/ou vergonha de ler, de ler errado, de não serem compreendidos. Alguns informantes iniciaram a leitura, mas não a concluíram, ou porque começaram a rir ou porque se sentiram constrangidos a continuar. Isso nos mostra que, mesmo dizendo não sentir vergonha, alguns comportamentos fazem tirar diferentes conclusões.

Os informantes dos dois pontos foram questionados sobre a ocorrência do “code-switching” na pergunta 33 “Quando fala português, você mistura com a língua italiana?” e na pergunta 34 “Quando fala em italiano, você mistura o português?”. As respostas estão no quadro 40:

**Quadro 40:** Relacionalidade entre as questões “Quando fala português, você mistura com a língua italiana?” e “Quando fala em italiano, você mistura o português?”.

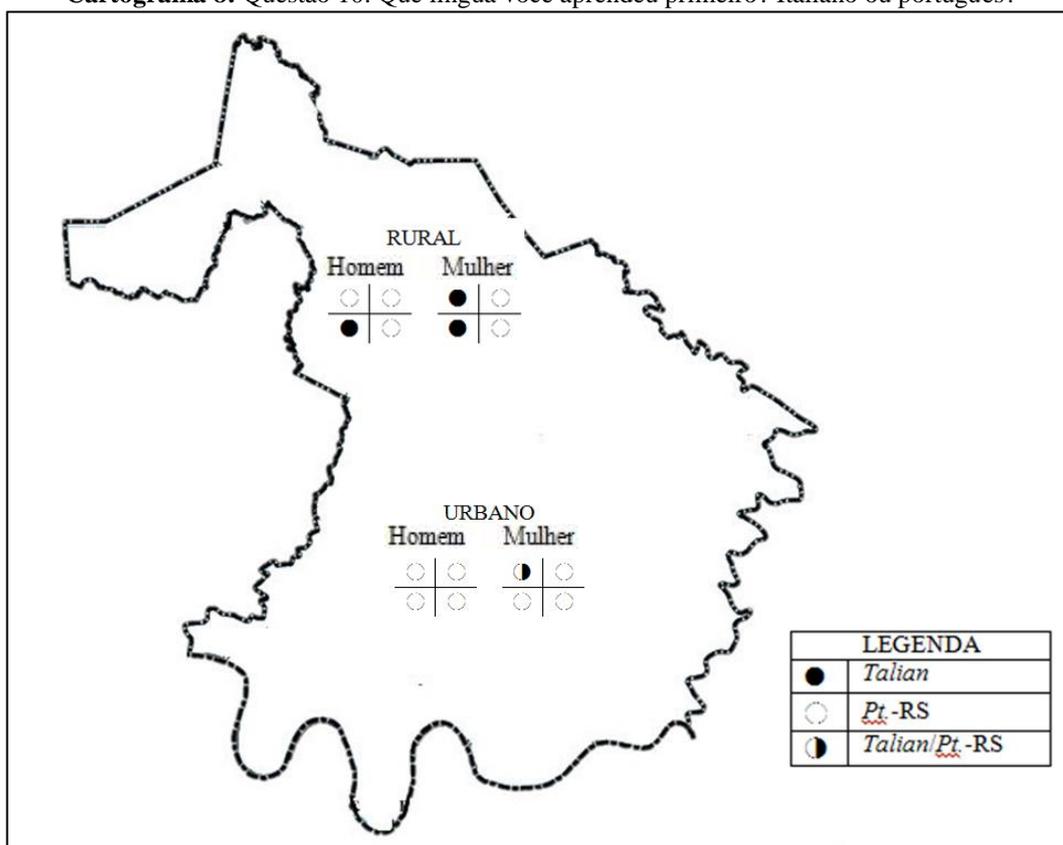
Questão 33 “Quando fala português, você mistura com a língua italiana?”				Questão 34 “Quando fala em italiano, você mistura o português?”									
RURAL				RURAL									
Homem		Mulher		Homem		Mulher							
●	●	●	●	●	●	○	●						
●	●	○	●	●	●	○	●						
URBANO				URBANO									
Homem		Mulher		Homem		Mulher							
●	●	○	●	●	●	●	●						
●	●	●	●	●	○	●	●						
<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2">LEGENDA</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td style="text-align: center;">●</td> <td>Sim</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">○</td> <td>Não</td> </tr> </tbody> </table>								LEGENDA		●	Sim	○	Não
LEGENDA													
●	Sim												
○	Não												

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

A partir dos dados, constatamos que a maioria dos informantes mistura as línguas quando vão falar, tanto quando estão falando o *Pt.-RS*, quanto quando falam o *talian*. Observamos também que são as mulheres que menos dizem misturar línguas, pois dos dois pontos, três respostas não foram feitas por informantes femininas e apenas uma por um informante homem.

Justificado por diversos fatores pelos informantes, a ocorrência do “code-switching” quando estão falando o *talian* acontece principalmente porque os informantes não têm um léxico completo na variedade, ou esquecem alguma palavra ou não conhecem. A ocorrência do fenômeno, quando os informantes estão falando *Pt.-RS*, ocorre com algumas palavras ou expressões. Isso nos mostra que a língua *talian* acaba se restringindo ao uso de expressões ou palavras utilizadas no cotidiano, como nomes de utensílios da casa, animais, comidas, por exemplo.

A questão de número 10 trata da língua materna do informante, e as respostas esperadas seriam o *Pt.-RS* e/ou *talian*. Os resultados estão no cartograma 8.

**Cartograma 8:** Questão 10: Que língua você aprendeu primeiro? Italiano ou português?

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

A partir dos dados obtidos, constatamos uma maioria de informantes que tem como língua materna o *Pt.-RS* e uma minoria que tem o *talian* como língua materna. Observamos também que é no ponto rural que encontramos mais informantes que têm o *talian* como língua materna e que, em ambos os grupos, somente os informantes da GII aprenderam primeiro o *talian*, pois todos os informantes da GI têm o *Pt.-RS* como língua materna. Há uma informante (CaGII-M-U) no ponto urbano que aprendeu as duas línguas ao mesmo tempo e, por consequência, tem as duas línguas como maternas. Por fim, são as mulheres do grupo que mais têm o *talian* como língua materna, pois, dos quatro informantes que responderam *talian*, três são mulheres e um é homem.

Sobre a educação em *talian*, relacionada ao ensino que passa de pai para filho, realizamos mais questões que exemplificam essa questão. No quadro 41, apresentamos as questões para melhor visualização e análise.

**Quadro 41:** Relacionalidade entre as questões “Os pais de você(s) fizeram questão de passar o italiano para os filhos?” e “Você(s) faz(em) questão de passar o italiano para os seus filhos?”.

<p><b>Questão 38:</b> “Os pais de você(s) fizeram questão de passar o italiano para os filhos?”</p> <p style="text-align: center;">RURAL</p> <table style="margin-left: auto; margin-right: auto;"> <tr> <td style="padding: 5px;">Homem</td> <td style="padding: 5px;">Mulher</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">○   ●</td> <td style="text-align: center;">●   ○</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">●   ●</td> <td style="text-align: center;">●   ●</td> </tr> </table> <p style="text-align: center;">URBANO</p> <table style="margin-left: auto; margin-right: auto;"> <tr> <td style="padding: 5px;">Homem</td> <td style="padding: 5px;">Mulher</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">○   ●</td> <td style="text-align: center;">●   ●</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">●   ●</td> <td style="text-align: center;">●   ●</td> </tr> </table>	Homem	Mulher	○   ●	●   ○	●   ●	●   ●	Homem	Mulher	○   ●	●   ●	●   ●	●   ●	<p><b>Questão 37:</b> “Você(s) faz(em) questão de passar o italiano para os seus filhos?”</p> <p style="text-align: center;">RURAL</p> <table style="margin-left: auto; margin-right: auto;"> <tr> <td style="padding: 5px;">Homem</td> <td style="padding: 5px;">Mulher</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">●   ●</td> <td style="text-align: center;">●   ●</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">●   ●</td> <td style="text-align: center;">●   ●</td> </tr> </table> <p style="text-align: center;">URBANO</p> <table style="margin-left: auto; margin-right: auto;"> <tr> <td style="padding: 5px;">Homem</td> <td style="padding: 5px;">Mulher</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">●   ●</td> <td style="text-align: center;">○   ●</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">●   ●</td> <td style="text-align: center;">●   ●</td> </tr> </table>	Homem	Mulher	●   ●	●   ●	●   ●	●   ●	Homem	Mulher	●   ●	○   ●	●   ●	●   ●
Homem	Mulher																								
○   ●	●   ○																								
●   ●	●   ●																								
Homem	Mulher																								
○   ●	●   ●																								
●   ●	●   ●																								
Homem	Mulher																								
●   ●	●   ●																								
●   ●	●   ●																								
Homem	Mulher																								
●   ●	○   ●																								
●   ●	●   ●																								
<table border="1" style="margin-left: auto; margin-right: auto;"> <tr> <th colspan="2">LEGENDA</th> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">●</td> <td>Sim</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">○</td> <td>Não</td> </tr> </table>		LEGENDA		●	Sim	○	Não																		
LEGENDA																									
●	Sim																								
○	Não																								

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

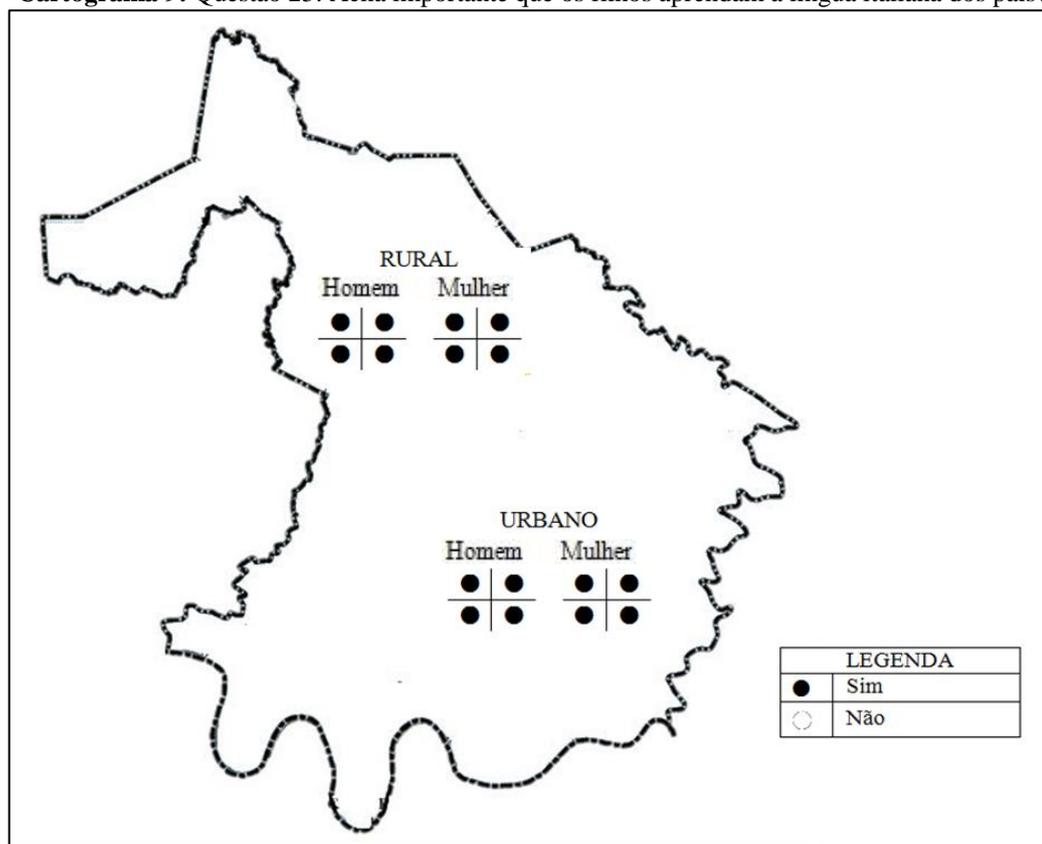
De maneira geral, para ambas as perguntas, as respostas predominantes foram sim. Sendo assim, em resumo, os pais dos informantes fizeram questão de passar o *talian* a eles, e eles fazem questão de passar a língua aos filhos.

Nesse sentido, de onde deriva a diminuição de falantes que mantêm a língua de imigração? A crença de que adquirir duas ou mais línguas, ao mesmo tempo, dificulta a aprendizagem e causa prejuízos ao desenvolvimento cognitivo das crianças ainda é muito comum aos pais descendentes de imigrantes bilíngues (PERTILE, 2009). No mesmo sentido, Altenhofen afirma que:

são numerosos os comentários colhidos de jovens pais bilíngues, afirmando ensinarem apenas o português aos seus filhos, para que “esses não passem pelos mesmos problemas pelos quais eles passaram na escola (ALTENHOFEN, 2002, p. 38).

Ocorre que, em diversas justificativas, os informantes lembraram-se do tempo em que era proibido falar o *talian*, pelas consequências que os antepassados sofreram por falar a língua e pelo medo que eles passaram. Os informantes que responderam que seus pais não fizeram questão de lhes ensinar o *talian* explicaram que seus pais acreditavam ser mais difícil aprender a língua portuguesa na escola se chegassem falando a língua de imigração. Além de que, em algumas respostas, o *talian* é lembrado como sendo uma língua antiga, que só pessoas com mais idade falam.

A próxima pergunta analisada é a 25: “Acha importante que os filhos aprendam a língua italiana dos pais?”. As respostas dos informantes estão exibidas no cartograma 9:

**Cartograma 9:** Questão 25: Acha importante que os filhos aprendam a língua italiana dos pais?

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

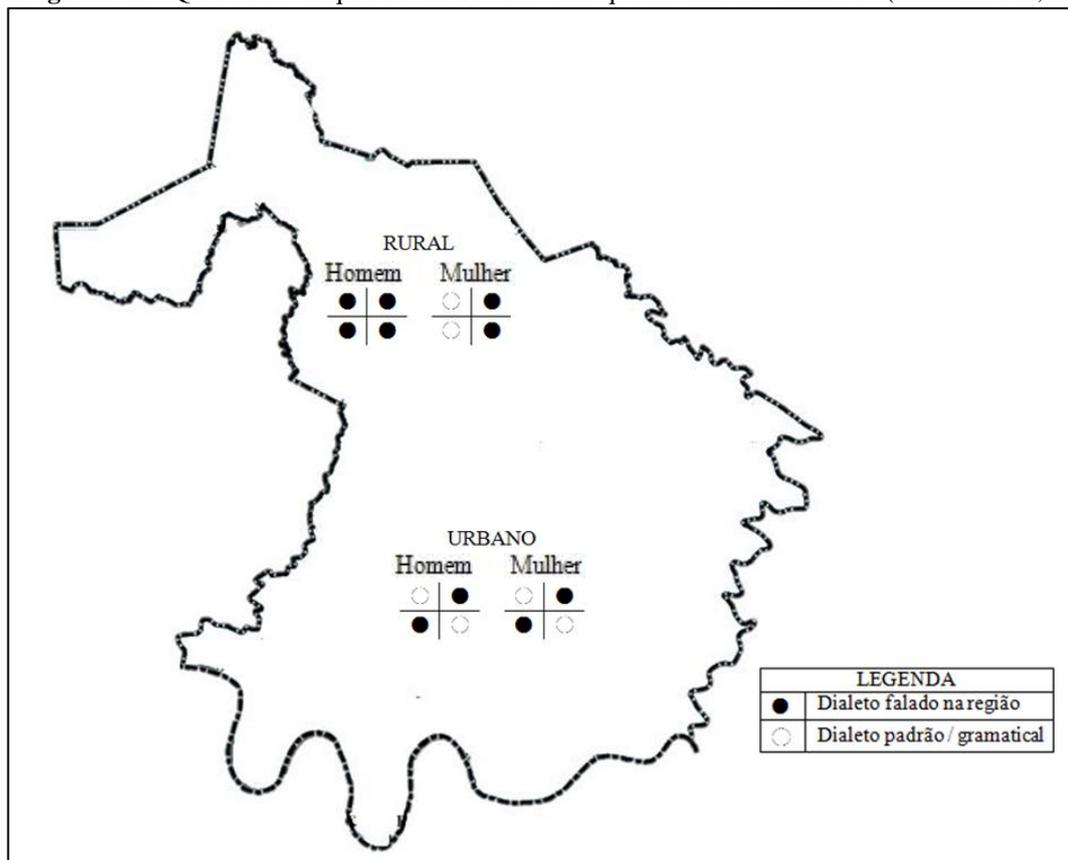
Como é possível observar, a resposta foi unânime: todos os informantes acreditam ser importante que os filhos aprendam o *talian* com os pais. Em relação a essa questão, as informantes CaGII-F-R, CbGII-M-R e CbGI-M-R justificaram que é bonito ver seus filhos e netos falando o *talian*, que é prazeroso e afirmaram ainda que, frequentemente, ensinam palavras na língua de imigração aos filhos ou netos. Os informantes CaGI-M-R e CaGI-H-R veem a importância de se falar o *talian* como uma maneira de preservar a cultura e por ser uma língua a mais para os filhos. No ponto urbano, a principal justificativa é que é importante que os filhos aprendam a língua para conhecer e preservar sua cultura e origens. Porém, dos oito informantes, apenas a informante CaGII-M-U relatou que ensina crianças de sua vizinhança palavras em *talian*. Mesmo que todos os informantes acreditem ser importante que seus filhos e netos aprendam o *talian*, percebemos apenas nas mulheres a atitude de ensinar a língua aos mais novos.

Ainda sobre o ensino do *talian*, perguntamos aos informantes se eles acham que deveria ter o ensino do *talian* nas escolas (questão 28). Assim como as questões acima, a resposta que predomina é o sim, ou seja, todos os informantes acreditam que é importante que tenha o ensino de *talian* nas escolas. Os informantes do ponto rural acreditam ser importante

por serem comunidades predominantemente de colonização italiana. Os informantes do ponto urbano pensam na importância de conhecer e aprender diversas línguas.

Além disso, perguntamos aos informantes qual italiano deveria ser ensinado, o que se fala na região ou o padrão, gramatical. Podemos observar as respostas obtidas no próximo cartograma 10.

**Cartograma 10:** Questão 36: E qual o italiano você acha que deveria ser ensinado? (MARGOTTI, 2004)



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Segundo os dados, para os informantes do ponto rural, predomina a ideia de que o italiano mais apropriado para o ensino é a variedade falado na região. No ponto urbano, os informantes se dividem: metade pensa que deveria ser ensinado a variedade da região e metade acredita que deva ser ensinado a variedade padrão, gramatical. No ponto rural, as informantes que acreditam que seja mais apropriado ensinar a variedade padrão são as mulheres da GII. No ponto urbano, não houve diferenças entre homens e mulheres nas respostas.

Daremos sequência com a pergunta “O que identifica o italiano típico daqui?” (questão 29). As características salientadas nos dois pontos foram muito próxiHomem Nos dois pontos de coleta, por exemplo, os informantes lembraram que a alegria e a força de

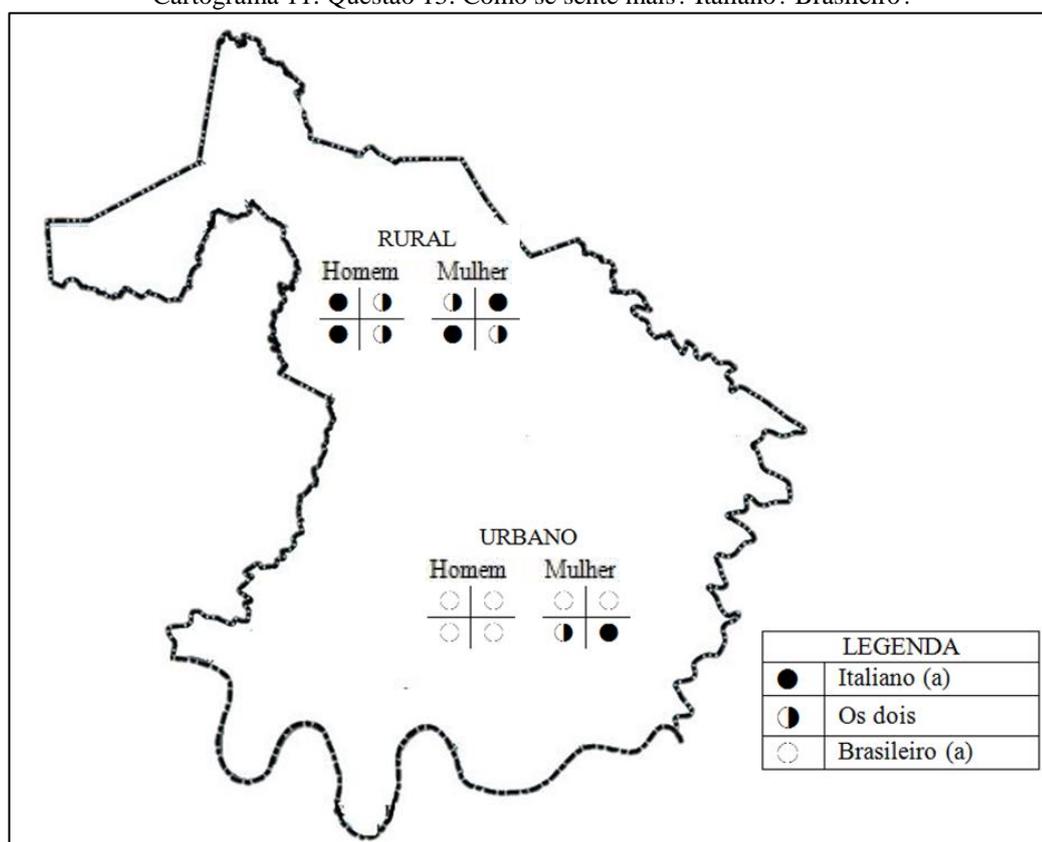
trabalho identifica o típico italiano. O grupo rural recordou que alguns italianos aparentam serem pessoas grossas e que falam alto. O grupo urbano salientou que muitos italianos típicos falam fazendo muitos gestos. Como características físicas, o grupo rural expressou que italianos daqui têm a pele branca, já o grupo urbano recordou ser difícil identificar italianos típicos daqui pelas características físicas, uma vez que ocorreu uma grande mistura étnica. Na sequência, a pergunta que realizada foi: “E o que identifica o brasileiro?” (questão 18). Para o grupo rural, as características mais presentes nos “brasileiros” é não falar o *talian* e ter a pele escura. O grupo urbano não apresentou uma característica, pois, para eles, brasileiros são todos que nascem no Brasil.

Em resumo, percebemos que, para o grupo rural, existe a crença de uma possível dicotomia entre o brasileiro e o italiano, pois eles arriscaram-se a apontar algumas diferenças entre os dois grupos. O ponto urbano manteve uma neutralidade em suas respostas.

A próxima questão trabalha a identidade étnica do informante, ou seja, aquela que o informante se identifica por características como a língua, costumes, tradições, religião.

Nessa intenção, a pergunta é a seguinte: “Como se sente mais? Italiano? Brasileiro?” (questão 13). As respostas estão expostas no cartograma abaixo:

Cartograma 11: Questão 13: Como se sente mais? Italiano? Brasileiro?

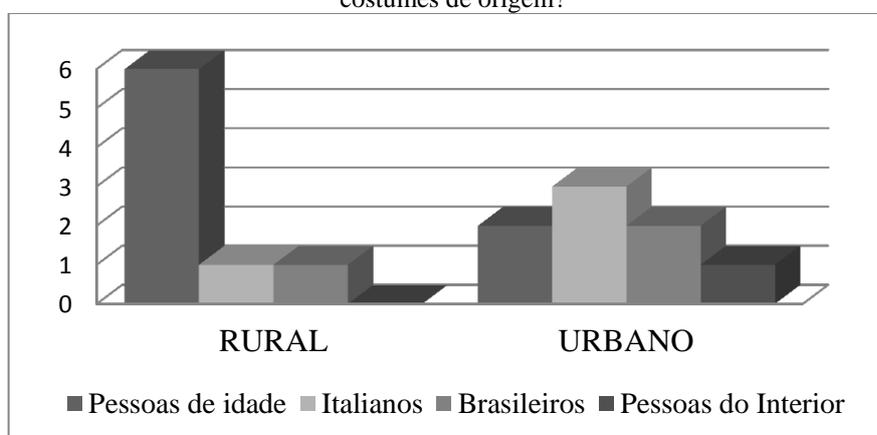


Fonte: Dados da pesquisa (2018).

No ponto rural, as respostas sobre como os informantes se sentem foram italiano (CaGII-H-R, CbGII-H-R , CaGI-M-R e CbGII-M-R ) e os dois (CaGI-H-R, CbGI-H-R , CaGII-F-R e CbGI-M-R ). No ponto urbano, as respostas foram italiano (CbGI-M-U), os dois (CbGII-M-U) e brasileiro (CaGII-H-U, CbGII-H-U, CaGI-H-U, CbGI-H-U, CaGII-M-U e CaGI-M-U). Contrastando as respostas a partir do ponto de coleta, observamos que, no ponto rural, predomina o sentimento de italianidade, pois, das oito respostas, quatro disseram sentir-se mais italianos e quatro disseram sentir-se tanto italianos como brasileiros. Já no ponto urbano, o sentimento de brasilidade é maior, pois, das oito respostas, seis informantes disseram sentirem-se mais brasileiros, uma informante disse sentir-se identificada com as duas etnias e uma informante disse sentir-se mais italiana.

Para finalizar, realizamos a questão de número 22 “De modo geral, de todos os tipos de pessoas aqui, quem preserva mais a sua língua e costumes de origem?”. As respostas estão apresentadas no gráfico 3.

**Gráfico 3:** Questão 22: De modo geral, de todos os tipos de pessoas aqui, quem preserva mais a sua língua e costumes de origem?



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Para os informantes do ponto rural, as pessoas de mais idade são as que mais preservam a língua e os costumes de origem, seguido dos italianos e brasileiros. Para os informantes do ponto urbano, as pessoas que mais preservam sua língua e costumes de origem são os italianos, seguidos pelos brasileiros, pessoas de idades e pessoas do interior. Somadas as respostas dos dois pontos de coleta, as pessoas que mais preservam a língua e costumes de origem são as de mais idade, em segundo lugar os italianos, em terceiro lugar os brasileiros e, em quarto lugar, as pessoas do interior.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversas literaturas nos remetem à constatação da diminuição do uso do *talian* ou das diversas línguas de imigração existentes no Brasil. Concomitantemente, existem diversas tentativas de revitalização delas como, por exemplo, a inclusão do *talian* no Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), fazendo jus ao título de Referência Cultural Brasileira, conforme o Decreto nº 7.387, de 09 de dezembro de 2010.

Sendo assim, buscamos, em nossa pesquisa, averiguar o estado atual da língua de imigração *talian* através de descendentes de imigrantes italianos, nas comunidades urbana e rural de Chapecó-SC, por meio das crenças e atitudes dos informantes, comparando as diversas esferas de análise. Dessa forma, chegamos às seguintes conclusões:

Para o primeiro objetivo, o de “verificar que línguas são mais usadas dentro das comunidades urbana e rural de Chapecó – SC”, constatamos que, em ambas as comunidades, são falados o *Pt.-RS* e o *talian*, porém seu uso se destaca no ponto rural, pois, em todos os aspectos, os informantes desse grupo mantêm a variedade italiana mais presente no seu dia a dia em comparação com os informantes urbanos. Em ambas as comunidades, predomina o uso do *Pt.-RS*, mas ele está mais presente no ponto urbano. Dessa forma, confirmamos nossa hipótese.

Para o segundo objetivo, o de “identificar quando, onde e como a variedade de imigração *talian* é utilizada”, confirmamos nossa hipótese de que o *talian* seja uma língua predominantemente utilizada em ambientes familiares, mas que, mesmo nesse ambiente familiar, ela está sendo abandonada e/ou trocada pelo *Pt.-RS* que é a língua das relações sociais comerciais, da educação e da saúde.

No terceiro objetivo, o de “analisar, a partir da dimensão diatópica, ou seja, a partir dos dois pontos de pesquisa, Chapecó urbano e Chapecó rural, se há divergência de crenças e atitudes linguísticas em relação ao uso de uma ou outra variedade linguística”, constatamos que, em ambos os grupos, as crenças e atitudes são favoráveis à língua minoritária, ou seja, em ambos os grupos, os informantes acreditam na importância de manter o *talian* e a cultura italiana, mas há um predomínio do uso do *Pt.-RS*. Mesmo assim, é no grupo rural que as atitudes e crenças são mais favoráveis ao *talian*. Nessa questão, nossa hipótese é confirmada.

Para o quarto objetivo, “segundo a dimensão diasssexual, descrever as crenças e atitudes linguísticas a partir da fala de homens e mulheres”, para a maioria das questões, não houve diferença de resposta entre homens e mulheres e, nas questões em que houve

divergência, não eram em valor representativo. Dessa maneira, nossa hipótese de que os resultados seriam equilibrados entre ambos os sexos, foi confirmada.

No quinto objetivo, que segue de acordo com a dimensão diageracional, “analisar o tipo de crenças e atitudes linguísticas existentes entre os informantes da geração mais velha (GII – acima de 55 anos) e da geração mais nova (GI – entre 18 e 36 anos)”, constatamos, nos informantes da GI, uma constante diminuição do uso do *talian* em comparação com a GII, que é o grupo que mais mantém a língua e os costumes. Entre os jovens, é possível observar, assim como em Pertile (2009), a presença de bilíngues passivos, que são os que não falam a língua, porém a compreendem. Sendo assim, verificamos, em ambas as gerações, crenças e atitudes positivas perante a língua minoritária e a identidade étnica, o que pode ser considerado como uma tentativa de revitalização da língua minoritária. Nesse objetivo, nossa hipótese não foi confirmada.

Para o sexto objetivo, o de “inferir conforme a dimensão diastrática, de que forma a escolaridade (Ca – Ensino Superior Completo ou Incompleto e Cb – sem escolaridade até Ensino Médio) influencia as crenças e atitudes dos informantes em relação às línguas usadas dentro das comunidades”, observamos que a Cb tende a conservar mais a língua e manter crenças e atitudes mais positivas perante o *talian* do que a Ca, confirmando assim nossa hipótese.

Para o sétimo objetivo, o de “descrever o uso da variedade a partir da dimensão diafásica, considerando os dois tipos de coleta, a citar, questionário metalinguístico e leitura”, confirmamos a hipótese de que a leitura seria executada com maiores dificuldades, pois nenhum informante havia tido contato com texto escrito em *talian*. Na resposta ao questionário metalinguístico, os informantes que mais usaram a língua *talian* e com maior fluência foram, no grupo rural, CbGII-M-R, CaGII-H-R, CbGI-M-R e CbGI-H-R e, no grupo urbano, os informantes da GII.

Para o oitavo objetivo, o de “relacionar, as dimensões diafásica, diatópica, diassexual, diageracional e diastrática e apontar as crenças e as atitudes mais salientes entre elas”, verificamos que, mesmo que ao *talian* sejam atribuídas características coma variedade antigo, errado, todos os informantes possuem crenças positivas perante o *talian*. Dessa forma, a oitava hipótese não foi confirmada.

Observamos, a partir dos dados, um *continuum* entre urbano e rural, pois há uma maior incidência de uso do *talian* na comunidade rural, mas que de maneira alguma se configura como um território que usa o *talian* como língua predominante. Há, no grupo urbano, um grande contingente populacional somado a fatores como mobilidade geográfica e

relações interétnicas, que são possíveis fatores que configuram a perda ou diminuição do uso da língua minoritária.

Esperamos, com este trabalho, contribuir para futuras pesquisas, tanto na área das línguas em contato quanto na educação como um todo, a fim de valorizar a cultura e as línguas minoritárias, com principal viés no *talian*, variedade que permanece sendo falada, principalmente no Sul do Brasil. Finalizamos com esse trecho em *talian*, escrito por Tonial<sup>48</sup> que resume o sentimento e a função que o descendente de imigrante atribui a sua língua:

El italiano el sarà la língua dea economia, dei soldi, dei denari, dele scarsele. El talian vêneto la è la língua dei sentimenti, del laoro e dea preghiera, dea speransa, dei imigranti, de quei che i ga scominsià la construssion de “paesi e cita”.

Tradução: O italiano será a língua da economia, do dinheiro, do poder, da bolsa. O *talian-vêneto* é a língua dos sentimentos, do trabalho e da reza, da esperança, dos imigrantes, daqueles que começaram a construção do “país e cidades”.

---

<sup>48</sup>Fonte: Pertille, 2009, p. 213.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Luciano Aronne. Nacionalismo, Autoritarismo e Desenvolvimento no Brasil de Vargas. **Métis: história & cultura**, v. 13, n. 26, 2014.

AGUILHERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 2, n. 37, p. 105-112, maio-ago. 2008.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **Migrações e Contatos Linguísticos na Perspectiva da Geolinguística Pluridimensional e Contatual**. Norte@mentos, Sinop, v. 6, n. 12, p.31-52, jul./dez. 2013.

\_\_\_\_\_. Os contatos linguísticos e seu papel na realização do português falado no sul do Brasil. In: ELIZAINCÍN, Adolfo; ESPIGA, Jorge (org.). **Español y português: fronteiras e contatos**. Pelotas: UCPEL, 2008. p. 129-164.

\_\_\_\_\_. Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Brasil. In: **Revista Internacional de Linguística Iberoamericana (RILI)**, Frankfurt a.M., v. 3, n. 1, p. 83-93, 2004.

\_\_\_\_\_. O conceito de língua materna e suas implicações para o bilinguismo (em alemão e português). **Martius-Staden-Jahrbuch**, São Paulo, n. 49, p. 141-161, 2002.

APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. **Language contact and bilingualism**. London; New York [u. a.]: Arnold, 1992. [1987]

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 109-138, 2007.

BORELLA, Sabrina Gewehr. **“Tu dampém fala assim?”: macroanálises pluridimensionais da variação de sonorização e dessonorização das oclusivas do português de falantes bilíngues hunsriqueano-português**. 2014. 204 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

BORTOLOTTI, Paula Cristina Merlo. **O Talian na fala dos ítalo-brasileiros em Chapecó-SC e Pato Branco-PR: Manutenção e substituição dos termos de parentesco**. 2015. 187 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, UFFS, Chapecó, 2015.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora?: sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola, 2005.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato em Foz do Iguaçu. **Línguas & Letras**, Cascavel, v. 12, n. 22, 2011, p. 65-84.

BUSSE, Sanimar. Atlas linguístico-etnográfico da região oeste do Paraná/ALERO: uma descrição. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 123-144, 2009.

CÂMARA MUNICIPAL DE CHAPECÓ. **História de Chapecó**. Disponível em: <<http://www.cmc.sc.gov.br/2012/index.php/o-municipio>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

CAMPOS, Cynthia. M. **A política da língua na era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil**. 1998. 347 f. Tese (Doutorado) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 1998.

CARDOSO, Denise Porto. **Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros**. São Paulo: Blucher, 2015.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **La Dialectologia**. Tradução de Carmen Morán Gonzalez. Madrid: Visor Libros, 1994.

CHAPECÓ. **Plano de Desenvolvimento Rural previsto no Art. 31 do Plano Diretor de Chapecó**. Disponível em: <<https://web.chapeco.sc.gov.br/documentos/?f=/Sedema/Plano%20de%20Desenvolvimento%20Rural.pdf>>. Acesso em: 3 fev. 2018.

COSTA, Rovílio; DE BONI, Luís A. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 1984.

DA SILVA, José Francisco Graziano. **O novo rural brasileiro**. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, 1999.

DAL CORNO, Giselle Olívia Mantovani. Consequências de atitudes linguísticas negativas para com grupos lingüísticos: da estigmatização à solidariedade. In: FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olívia Mantovani. **Estigma: cultura e atitudes linguísticas**. Educs, 2010.

DALLEASTE, Ana Paula. **Crenças e Atitudes Linguísticas: Um Estudo da Língua e da Cultura Italiana em Matelândia/PR**. 2016. 139 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Unioeste, Cascavel, 2016.

FERRAZ, Aderlande Pereira. O panorama linguístico brasileiro: a coexistência de línguas minoritárias com o português. **Filologia Linguística Portuguesa**, n. 9, p. 43-73, 2007.

FISHMAN, Joshua A. Language maintenance, language shift, and reversing language shift. In: BHATIA, Tej K.; RITCHIE, William C. (eds.). **The handbook of bilingualism**. Malden; Oxford: Blackwell, 2006. p. 406-436.

FROSI, Vitalina Maria. A identidade étnica e linguística do ítalo-brasileiro: sua constituição e reconstrução. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 16, n. 2, p. 101-124, 2014.

FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani. Da estigmatização à solidariedade: atitudes lingüísticas na RCI. In: FROSI, Vitalina Maria;

FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olívia Mantovani. **Estigma: cultura e atitudes linguísticas**. Educs, 2010.

GERTZ, Rene Ernaini. **O perigo alemão**. Porto Alegre: Editora da Universidade, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1991.

HEYE, Jürgen. Considerações sobre bilingüismo e bilingualidade: revisão de uma questão. Rio de Janeiro, **Revista Palavra**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 30-38, 2003. Volume temático: Línguas em contato.

HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo; FORNARA, Ana Elizabeht. Estratégias de Manutenção e Revitalização Linguística no Oeste Catarinense. **Organon**, Porto Alegre, v. 32, n. 62, 2017.

HORST, Aline. **Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no vale do taquari**. 2014. 230 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

KAUFMANN, G. Atitudes na sociolinguística: aspectos teóricos e metodológicos. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 121-137.

KERSCH, D. F. Atitudes dos falantes bilíngues da área de fronteira entre Brasil e Uruguai a partir de dados do ADDU. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 397-421.

KREUTZ, Lúcio. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 15, 2000.

KRUG, Marcelo. J. **Os bilíngues teuto-brasileiros frente à metafonia funcional do português**. Kiel: Westensee-Verl, 2011.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. Field Methods of the Project in Linguistic Change and Variation. In: BAUGH, John; SHERZER, Joel (orgs.) **Language in Use**. Prentice-Hall, 1984, p. 28-53.

LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace E. **Psicologia Social**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

LUNA, José Marcelo Freitas de. A política governamental para o ensino de português a imigrantes alemães no Brasil: geradora e destruidora da experiência da escola teuto-brasileira. **ANPOLL**, v. 1, n. 8, 2000.

MACKEY, William F. The description of bilingualism. In: FISHMAN, Joshua A. [ed.]. **Reading in the sociology of language**. 3. ed. The Hague: Mouton, 1972. p. 554-584.

MARGOTTI, Felício. **A Difusão Sócio-geográfica do Português em Contato com o Italiano no Sul do Brasil**. 2004. 313 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MARINS, Luciane Gomes Freitas. **O rural e o urbano: novos e velhos falares na região Centro-Oeste do Brasil**. 2012. 320 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.

MORELLO, Rosângela; ALTENHOFEN, Cleo V. **Rumos e perspectivas das políticas linguísticas para línguas minoritárias no Brasil: entre a perda e o inventário de línguas**. In: FARENZENA, Nalú. (org.). VI Encontro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

PAIM, Elison Antonio. Aspectos da construção histórica da região oeste de Santa Catarina. **Sæculum–Revista de História**, João Pessoa, n. 14, jan./jun. 2006.

PASTORELLI, Daniele Silva. A Crença e a Atitude Linguística do Capanemense. **Línguas e Letras**, v. 12, n. 22, 2011.

PERTILE, Marley Terezinha. **O talian entre o italiano-padrão e o português brasileiro: Manutenção e substituição linguística no Alto Uruguai Gaúcho**. 2009. 248 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

PILATI, José Isaac. **Os italianos no extremo-oeste de Santa Catarina**. In: PIAZZA, Walter E. (org.). Italianos em Santa Catarina. Florianópolis: Lunardelli, 2001. p. 835-856.

PINHEIRO, Luciana Santos. **Correlações entre Língua e Espaço: Configurações Linguísticas e Extralinguísticas**. Web-Revista SOCIODIALETO, Campo Grande, v. 2, n. 2, 2012.

POLI, Jaci. Caboclo: pioneirismo e marginalização. **Cadernos do Ceom**, Chapecó, v. 19, n. 23, p. 149-188, 2014.

RADIN, José Carlos. **Italianos e ítalo-brasileiros na colonização do Oeste Catarinense**. Joaçaba: UNOESC, 2001.

\_\_\_\_\_. Migrantes italianos e a terra: a agricultura familiar no oeste catarinense. In: RADIN, José Carlos (Org.). **Cultura e Identidade Italiana no Brasil: Algumas Abordagens**. Joaçaba: Unoesc, 2005. p. 261-277.

\_\_\_\_\_. Um olhar sobre a colonização da Fronteira Sul. In: RADIN, José Carlos; VALENTINI, Delmir José; ZARTH, Paulo A. (Org.). **História da Fronteira Sul**. Chapecó: Letra&vida, 2015. p. 146-166.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, I. (Org.). **Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998. p. 21-45.

RASO, Tommaso; MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V. Os contatos linguísticos e o Brasil: Dinâmicas pré-históricas, sócio-históricas e políticas. In: MELLO, Heliana;

ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (org.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 16-36.

RENK, Arlene. A colonização do oeste catarinense: as representações dos brasileiros. **Cadernos do Ceom**, Chapecó, v. 19, n. 23, p. 37-72, 2014.

RIBEIRO, Patrícia Rafaela Otoni; LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha. Variação, Mudança e não Mudança Linguística: Ressignificando o Conservadorismo Linguístico no Português do Brasil. **Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. v. 9, n. 2, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>>. Acesso em: 3 fev. 2018.

ROMAINE, Suzanne. **Bilingualism**. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1995. [1989] (Language in society; 13).

ROMANO, Valter Pereira; ISQUERDO, Aparecida Negri. **Um estudo rural vs urbano na fala do homem urbano**: perspectiva geolingüística. In: V Encontro Científico do Curso de Letras - O Desafio das Letras, 2007, Rolândia. Anais do V Encontro do Curso de Letras, 2007.

SANTOS, Ademir Valdir dos. A política educacional nacionalista e o aspecto linguístico na era Vargas: vestígios na escola primária. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 90, n. 225, 2009.

SANTUR. **Chapecó**. Disponível em: <<http://turismo.sc.gov.br/cidade/chapeco/>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

SGANZERLA, Cláudia Mara. **A lei do silêncio**: repressão e nacionalização no Estado Novo em Guaporé (1937-1945). Passo Fundo: UPF, 2001.

SKUTNABB-KANGAS, Tove; PHILLIPSON, Robert. Linguicide and linguicism. In: GOEBL, Hans. et al. (eds.). **Contact linguistics**: an international handbook of contemporary research. Handbooks of linguistics and communication science. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1996. p. 667-675

SPESSATTO, Mary Bortolanza. **Linguagem e colonização**. Chapecó: Argos, 2003.

THUN, Harald. Movilidad Demográfica y Dimensión Topodinámica, los Montevideanos en Rivera. In: RADTKE, Edgar. THUN, Harald (org.). **Neue Wege der Romanischen Geolinguistik**. Verl: Westense, 1996. p. 210-274.

\_\_\_\_\_. **La Geolingüística como Lingüística Variacional General (con Ejemplos del Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay)**. In: International Congress of Romance Linguistics and Philology (21: Polermo: 1995). Atti... A cura di Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998. P. 701-729, 787-789. V. 5.

\_\_\_\_\_. A Dialetoлогия Pluridimensional no Rio da Prata. ZILLES, Ana Maria Stahl (org.). In: **Estudos da Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da

UFRGS, 2005.

\_\_\_\_\_. Variety Complexes in Contact: A Study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (eds). **Language and space: theories and methods**. Berlin/New York: de Gruyter, 2010a. p. 706-723.

\_\_\_\_\_. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland & RABANUS, Christian (eds.). **Language mapping**. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010b. p. 506-523.

TRUDGILL, Peter. Sociolinguistics – language and society. In: \_\_\_\_\_. **Sociolinguistics: An introduction to language and society**. London: Penguin Books, 2000. p. 1-22.

VALENTINI, Delmir José. A Guerra do Contestado (1912-1916). In: RADIN, José Carlos; VALENTINI, Delmir José; ZARTH, Paulo A. (org.). **História da Fronteira Sul**. Chapecó: Letra&vida, 2015. p. 222-248.

VERMES, Geneviève & BOUTET, Josiane (org.). **Multilinguismo**. Tradução de Celene M. Cruz et al. Campinas: UNICAMP, 1989.

VICENZI, Renilda. **Mito e história na colonização do oeste catarinense**. Chapecó: Argos, 2008. p. 162.

## ANEXOS

### Anexo I

#### III. ASPECTOS (META)LINGUÍSTICOS

##### I - Questões de Identidade

1. Que línguas costuma falar na família? (Quantas vezes? Quando, com quem?) (Krug, 2004, Steffen 2007)

*Che lengoa ti costumi parlar ntea fameia? Quante olte? Quando? Con chi?(questão adaptada à pesquisa)*

- ~~2. Que tipo de alemão/italiano é? Como se chama? Podia falar "um pouquinho sobre o que é típico alemão/italiano"? O que disse que ve colocou ve. acha que apresenta?~~
- ~~3. Tem diferença entre o alemão da Alemanha/italiano da Itália e o daqui? Qual é a diferença? (Vide Krug 2004)~~

4. Em que língua gosta de conversar mais?  
*Che lengoa ti piàse di parlar depì?*

5. De modo geral, costuma falar mais a língua minoritária ou português?  
*Parla depì Talian o Brazilian?*

6. Quando vem visita, que língua prefere usar? (Vide Krug 2004)  
*Quando vien gente, che lengoa ti piàse parlar?*

- ~~7. E se a visita só fala português? Se sente melhor quando é uma visita que também fala alemão/italiano? (Vide Krug 2004)~~

8. O que acha das pessoas que só falam português e nunca sua própria língua de casa, alemão ou italiano?  
*Che pensa dele persone che sa Talian ma che solo parla portoghese?*

9. Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa alemão/italiano, mas insistia em só falar português?  
*Ti ga catà con una persona che savea parlar talian, ma solo la volea parlar portoghese?*

10. Qual é sua língua materna? Como aprendeu o português? (Lembrete: escola, quartel, contato, trabalho...)  
*Qual è la prima lengoa che ga imparato? Come gá scominsià a parlar portoghese/brazilian?*

- ~~11. Como é/foi na escola e na igreja o uso de alemão e/ou italiano? (Vide Krug 2004)~~
- ~~12. Como acha que as pessoas de fora vêem os originários daqui? (quanto à língua, aspectos físicos e sociais) (Vide Krug 2004)~~

13. Como se sente mais? Alemão/Italiano? Brasileiro? Gaúcho? Missioneiro?  
*Come ti senti tu? Brasiliano(a)? Italiano(a)?*

- ~~14. Quem nasce no Rio Grande do Sul é...~~
15. E quando pensa no alemão/italiano?

16. Se a seleção brasileira de futebol jogar contra a alemã/italiana, para quem torce?

## II- Identificação de padrões identitários (variação e intensidade da identidade)

17. O que identifica o alemão/italiano típico daqui?

*Come lè l'italiani de quá?*

18. Brasileiro

*Come l'è i braziliani de quá?*

19. Como chamam as pessoas que não são de origem alemã / italiana? (na língua de imigrante e no português) (Vide Krug 2004). Sugerências: a) Bloe, b) Blaue, c) Bresilioner, d) gringo; e) alemão batata, f) outra forma

20. Características do brasileiro (Vide Krug 2004). Sugerências: a) de pele escura?, b) só fala português, c) provém da cidade?, d) confiável?, e) gosta de trabalhar?, f) organizado?, g) amigo?, h) conversador?, i) hospitaleiro?, j) desconfiado?  
Como é esse brasileiro?

21. O que sabe da língua do (outro) alemão/italiano? Citar palavras ou expressões. (Vide Krug 2004)

22. De modo geral, de todos os tipos de pessoas aqui, quem preserva mais a sua língua e costumes de origem?

*De tutte le persone quá, chi preserva pi su lengua e costumi d'origene?*

23. Tem diferença entre o português falado em *Cerro Largo* e em *Porto Xavier*? A que se deve isso? Dê alguns exemplos

24. De modo geral, quem fala melhor português, o alemão ou o italiano?

*Chi che parla mèio Talian?*

## III- Papel da língua na constituição da identidade (relação da língua com outros ícones da cultura)

25. Acha importante que os filhos aprendam alemão/italiano dos pais? Por quê? (Vide Krug 2004)

*Ti piàse che i bambini parlesse in Talian? Parchè?*

26. Muitos jovens não falam mais a língua dos pais (alemão/italiano)... O que acha disso?

*Tanti giòveni non parli piu Talian. Dir ge anca che?*

27. Existem situações em que você tem vergonha de falar alemão/italiano?

*Che situassioni ti ga vergogna di parlar Talian?*

28. Acha que deveria ter ensino de alemão/italiano na escola? Se sim, seria mais importante que ensino de inglês? Por quê? (Vide Krug 2004)

*La scola deveria insegnar parlar anca Talian?*

29. Se fosse dizer o que mais identifica um alemão/italiano, diria que é o quê?

- |                                                       |                                                  |
|-------------------------------------------------------|--------------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> suas características físicas | <input type="checkbox"/> sua religião            |
| <input type="checkbox"/> sua língua                   | <input type="checkbox"/> seus hábitos e costumes |
| <input type="checkbox"/> sua música                   | <input type="checkbox"/> suas festas             |
| <input type="checkbox"/> sua casa                     | <input type="checkbox"/> seus nomes              |
| <input type="checkbox"/> seu jeito de ser             | <input type="checkbox"/> outro                   |

#### IV. Grau de bilingüismo dos informantes, da sua comunidade e o reconhecimento da identidade

30. Que língua você fala nas seguintes ocasiões no seu município? (vide Schmidt 1997)

- 30.1 No Correio
- 30.2 No Mercado
- 30.3 Nas lojas
- 30.4 No sindicato
- 30.5 No restaurante
- 30.6 Na prefeitura
- 30.7 No posto de saúde
- 30.8 Com o padre / pastor
- 30.9 Nas festas e nos bailes
- 30.10 No confessionário
- 30.11 No posto de gasolina
- 30.12 No trabalho

*Che lengoa ti parle ntele seghinte occasion in to minissìpio:*

*Ntel merca*

*Ntel lògie*

*Ntel sindicato*

*Ntel ristorante*

*Ntel prefeitura*

*Ntel posto de salute*

*Ntel confessionàrio*

*Ntel posto de gasolina*

*Ntel laoro*

31. Quando você encontra um estranho na rua da sua cidade em que língua você fala com ele?

*Quando ti incontrì una persona che non conosci, che lengoa ti parli?*

32. Em que situações você fala a língua minoritária e em que a língua portuguesa?

*In che posto che parla (mia) Talian?*

*In che posto ti parli Talian?*

*E portoghese?*

33. Quando fala o português, você mistura a variedade minoritária? Se sim, o que você mistura e por quê?

*Quando ti parli portoghese, mistura Talian?*

34. Quando fala a variedade minoritária, você mistura a português? Se sim, o que você mistura e por quê?

*Quando ti parli Talian, mistura portoghese?*

## V. Questões adicionais, (Margotti, 2004)

35. Todas as pessoas daqui falam italiano? Quem? (sugerir após resposta espontânea)  
(vide Margotti, 2004)

35.1 Avós

35.2 Pais

35.3 Irmãos

35.4 Tios

35.5 Amigos

35.6 Vizinhos

35.7 Professores

35.8 Religiosos

35.9 Outros

*Tutte le persone di qua parla Talian?*

*Nonni*

*Genitori*

*Fioi*

*Fratelli*

*Amigo*

*Vissin*

*I Professori*

*Monegue/prete*

36. E qual o italiano você acha que deveria ser ensinado? (vide Margotti, 2004)

dialeto falado na região

dialeto padrão / gramatical

*Quali Talian tocaria ensenhargue?*

*Dialeto que parla ntela region.*

*Dialeto stampo, gramatical*

37. Você(s) faz(em) questão de passar o italiano para os seus filhos? Sim não Por quê?  
(vide Margotti, 2004)

*Ti te vuoi ensinar por parlar italian para i tu fiol? Perché?*

38. Os pais de você(s) fizeram questão de passar o italiano para os filhos? Sim não Por quê?  
(vide Margotti, 2004)

*Tu genitori ensenhargue parlar italian para el fiol? Perché?*

39. Quanto ao italiano, qual é o grau de bilinguismo dos entrevistados? (vide Margotti, 2004)

(+ = muito/bem; + - = às vezes/razoável; - pouco/mal)

39.1 fala

39.2 entende

39.3 lê

39.3 escreve

39.4 canta

39.5 xinga

39.6 reza

39.7 faz conta

39.8 sonha

*Quanti guetu ...Talian? Bien, médio o poco ?*

*Parla*

*Capichi*

*Leder*

*Cantar*

*Brontolar*

*Pregar*

*Far conte*

*Insoniarse*

## Anexo II

Letura/ Leitura/Lettura

### **I preparativi par la festa de casamento/Os preparativos para a festa de casamento/ I preparativi per la festa di matrimonio**

#### *Parte em talian:*

Maria Chiara e Mateo José ze due gioveni sognadori, come ze stati i so bisnoni, che ga viaià tanti e tanti giorni ntel navio, portando poche cose e so fioi, tuto par un sònio de gaver un toco de terà quà ntea fabolosa Amèrica. Mateo ze avogado, el ga so clienti e va ben, Chiara incora studia nela graduassion e la ze de star con so pupà e so mama ntel interior, insieme el nono e la nona. Dal tempo chei ga risolveveto maridarse, i preparativi ze tanti, a scomissiar par la casa ndove i va de star, ma questo ze belche stá resolveveto, el sòcero e la sòcera dea tosa i ga giutà so fiol e i ga compra la casa par el novo casal. I due gioveni se ga cognossesto ntea casa dei genitori de Mateo. Chiara e a sorela de lu le studia insieme e ze amighe e desso anca cugnade, ma lu ga due fradèi, la sorela pi giovena e un fradel più vècio. Dopo de due ani i morosi ga risolveveto èsserghe marido e sposa, ou omo e fémena.

#### *Parte em italiano padrão*

Maria Chiara e Mateo José sono due giovani sognatori, come sono stati i suoi bisnonni, che hanno viaggiato in tanti e tanti giorni sulla nave, portando poche cose e i loro figli, tutto per un sogno di aver una proprietà contadina qui nella favolosa America. Mateo è avvocato, lui ha i suoi clienti e va bene, Chiara fa ancora la laurea e abita insieme ai suoi genitori e ai suoi nonni. Da quando hanno deciso sposarsi, i preparativi per il matrimonio erano molti, cominciando per la casa dove abiteranno, ma ciò si risolve, i suoceri della ragazza aiuteranno il loro figlio a comprare la casa per la nuova coppia. I giovani si sono conosciuti a casa dei genitori di Mateo. Chiara e la sorella di Mateo studiano insieme, sono amiche e adesso cognate, ma lui ha due fratelli, la sorella più giovane e un fratello più grande. Dopo di due anni, i fidanzati hanno deciso di essere marito e moglie, o uomo e donna.

#### *Parte em português*

Maria Chiara e Mateo José são dois jovens sonhadores, como foram os seus bisavós, que viajaram muitos e muitos dias no navio, levando poucas coisas e os seus filhos, tudo por um sonho de ter um pedaço de terra aqui na fabulosa América. Mateo é advogado, ele tem os seus clientes e vai bem, Chiara ainda estuda na graduação e ela está com seu pai e sua mãe no interior, junto ao seu avô e sua avó. Do tempo em que eles resolveram se casar, os preparativos eram muitos, a começar pela casa onde estarão, mas isso está se resolvendo, o sogro e a sogra da moça ajudará seu filho e comprou a casa para o novo casal. Os dois jovens se conheceram na casa dos pais de Mateo. Chiara e a irmã dele estudam juntas e são amigas e agora ainda cunhadas, mas ele tem dois irmãos, a irmã mais nova e um irmão mais velho. Depois de dois anos os namorados resolveram ser marido e esposa, ou homem e mulher